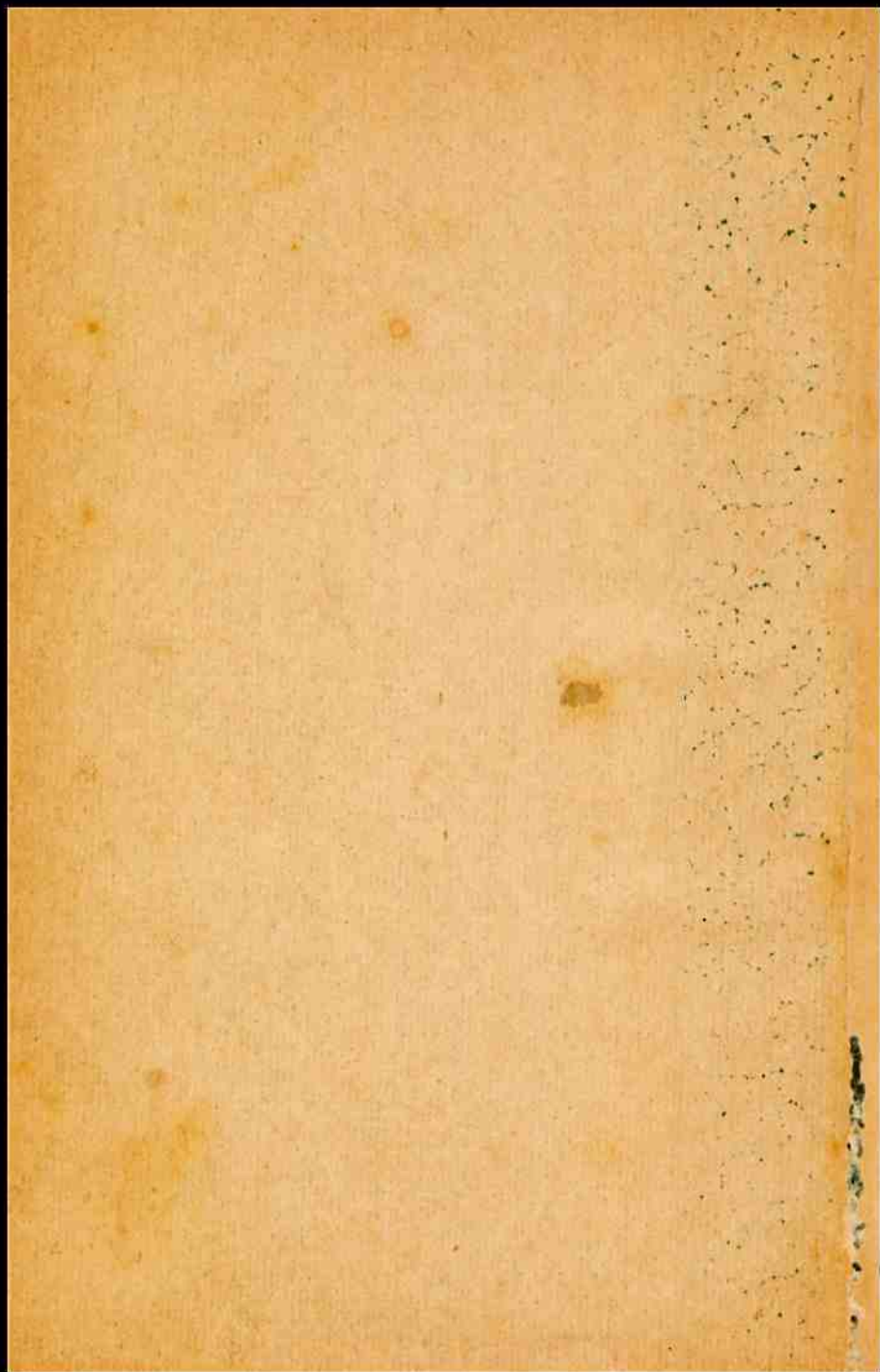


RAUL BRANDÃO

Historia
d'um palhaço





Prio de Janeiro, 18 de Junho de
1927.

Archimedes da Matta

"Ex Libris", N.º

Ad usum meum

~~zorg...~~
2-12-66

Historia d'um palhaço



DO MESMO AUCTOR

Impressões e paisagens, 1 vol. 600 reis

A *Vida*, (auto-biographia de K. Matricio):

— *Historia d'um palhaço*, (1.^a parte)

A PUBLICAR-SE:

— *Lagrimas*, (2.^a parte)

A SEGUIR:

O oiro.

Reflorir.

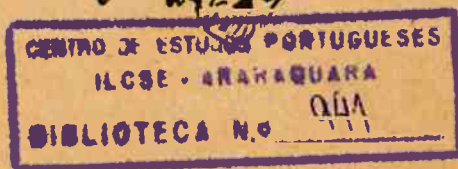
Poesias.



RAUL BRANDÃO

Historia d'um palhaço

(A Vida e o Diário de K. Mauricio)



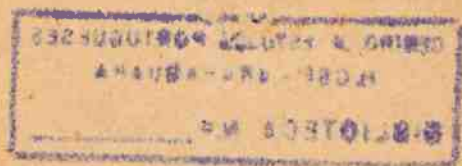
LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR

50. 52 — Rua Augusta — 52, 51

1896





LISBOA — Typographia e Stereotypia Moderna, Apostolos, 11, 1.^o





K. MAURICIO

No cemitério dois coveiros abrem um fosso. E' um sitio triste, sem um cypreste, desolado e que irrita como uma alma sêcca. Um dos coveiros é enorme, ossudo, resequido, de barba dura e rara e grandes mãos. A sua sombra esguia, como um borrião, tingia a terra, macabra. Cava a enxadadas espaçadas.

—Pendo-me a scismar se vale a pena viver para todos os desgraçados, para quem desde seculos abro a cova... E' uma chimera a Vida? Aspera chimera de que se sabe para a cova transido, inda n'um arripio de dôr e absorto o olhar...

—Cava, cava e bebe-lhe... Que vale pensar?... Cavar na terra e escavar a dôr, ó burro, não é igual...

—Que de dramas, de dôres, de illusões, de lama e de restos, a carroça não traz! Nunca pensaste deante da Morte no que é a Vida?...

—Cava, estupor!...

--Andar a perseguir uma chimera, do'orido até á



morte, ser batido pela Vida!... Viver para quê, se viver para a maior parte é synonymo de soffrer?...

—E o pequenname, estúpida creatura?...

Cava o Coveiro e a sua sombra esguia vae entrando na côva. á medida que elle a profunda...

Dá para a agua o sitio, razo e de côvas abandonadas. A noite alli é negra por causa da silhueta das arvores. A maré chapinha e entre as nevruras dos galhos ha fios babados de luar. Depois a agua escura segue, a sumir-se misturada com a treva... Porque é que a agua á noite inquieta como o desconhecido?

O Coveiro a grandes pernadas salta o muro e dilue-se na escuridão. Por muito tempo ainda escuto os seus passos, parecidos com o cavar na terra gelada, e é como se elle andasse sobre o meu coração: magoa-me...

Eu n'esse anno, porque estivera doido, vivia n'uma cidade, construida de restos de sonho que uma ventania de loucura atirára para a planicie, como nuvens aglomeradas n'um fundo violaceo de tempestade. Os meus sonhos riscavam-se a carvão, mordiam-se de delirio: umas vezes era perseguido sem piedade, como um lobo, outras eram paginas de louco, côvas abertas subito, n'um pavor, unhas arrepeladas e berros... E ha physionomias que eu encontro agora na vida, reduzidas, que eu já ví com linhas de mascara, que as desfiguravam: ás vezes surprehendo-lhes olhares de quem me conhece, logo reprimidos, e que me dão vontade de os matar...

Era uma cidade edificada ao pé d'uma laguna vitrea como um olhar de morto. A agua era gelida e polida e

do fundo da planície, que nenhuma charrua nunca lavrara, ella apavorava com as suas torres, Ninive construida d'uma só pedra enorme e negra.

...Sei que a multidão, no silencio e no negrume, arrancava subito em correrias pelas ranhuras exganadas das ruas. Curvada, n'um tivo doloroso, sumia-se na noite e deixava um risco de som magoado, como uma viola que se parte. Ficaram-me na memoria restos de frontes afflictivas, linhas, esgares, corpos hirtos e rapados. E depois toda a turba fugira, se esgotara, subindo n'um arranco um calvario, descera o monte, alagara o valle, terras nuas até ao horisonte acarvoado, com um brilho de dubia claridade quieta ao meio... E porque as nuvens se alastrassem, tudo desaparecera, comido de treva, como se os tragasse, n'um grande silencio, uma cóva de noite.

Subito a claridade cortara o ceu, uma claridade baça, immovel, em feixes, a allumiar metade do monte, metade do valle, deixando o resto no Nada, uma grande mancha alastrada sobre a vertente da esquerda, e a multidão apparecera, indecisa, fugidia, a borbullhar, adivinhada extensa na luz dubia, a encher toda a planície, como n'um carvão de Sequeira, e torsos contorsionados, faces arripiadas, contracções de dôr, misturavam-se, a subir, a esgadanhar-se, n'uma furia de vida... E como a luz calhisse então para o fundo, toda a planície era alastrada, ruisselava da turba. Os gestos que eu fazia repetia-os a Multidão, e risos miudos, como um chapinhar de maré, iam agora do principio ao fim da planície...

Foi ahi, na corcova do monte, onde tres oliveiras ar.

ripiadas punham uma mancha de crime, que eu conheci K. Mauricio e o *homem do violino*. Das oliveiras, troncos carcomidos, com um unico galho e uma folhinha a nascer, cabia um luar triste, que as nuvens prestes suffocavam, para em seguida outra vez todo o monte apparecer com a correria, a fuga dolorosa das oliveiras, de subito estancada.

Sob a claridade vaga a paizagem parecia crear-se escaldado e soturno logar de sabbat; oliveiras torcidas estacadas, convulsos no ar os braços, despenhadas pela vertente: á esquerda um calvario, tres cruces como tres forcas no alto, solitarias: em baixo a nodoa da planície, a burbulhar da multidão esparsa, que se immobilisára, petrificada agora, olhar de ancia posto em mim, e o silencio cahira como a tampa d'uma cova.

E o inquietante silencio foi subito clareado: era o violino que tocava uma musica, arripiada de dôr, vagar dubia claridade d'aquelle luar entre nuvens, indecisa que perturbava como um crepusculo sobre aguas mortas: e alastrava-se pela paizagem, symphonia d'alma a errar n'uma nevoa lilaz.

Na noite acarvoada, as nuvens empastavam-se, em fugidas macabras de luar, o valle a repercutir agora as risadas do violino, a Cathedral d'uma immobilidade accusadora no alto. E esguio, o homem do violino tocava uma musica cortada de gemidos, evocação d'uma planície raza, sem arvores, d'uma unica côr monotona, e como um rebanho, n'essa luz de agonia, passavam visíveis com olhares de desespero, os Grotescos e os Doentes.

Corriam os arredores da cidade, as ravinas onde luar escorre e um braço de arvore torcido rompe a sil

r raivoso d'entre pedras. Um tocava, o outro representava. Conheciam o vicio e o crime, e um o escrevia, representava, dizia a musica do outro toda a alma imana...

Era o typo de Avaro, mãos afiadas e tremulas, o bar duro, risos curtos de quem vae agarrar o oiro. As oliveiras avança convulso e logo se transforma quieto, immovel, cortado em pedra negra, rapace, ora eliminado, absorvido na contemplação do Metal, já de absorvido, até cahir com a queda d'um corvo sobre um cadaver. Transforma-se: tem no olhar o brilho do poder, contrahem-se-lhes as mãos como quem é dono; todos os seus gestos são decisivos e em torno parece que as oliveiras se curvam á rajada de certeza e de absoluto que d'elle sahe; logo finge, curvatura de judeu, figura de quem procura pela humildade enganar uma preza, certo, porém, que breve domina, vae triumphar, fingar-se...

O violino o acompanha rispido, em sons curtos, breves, como ideias nitidas de judeu, enche o valle, a placidez de Oiro e de ambição; tem notas raspadas, como quando as arrepellarem-se por uma parede, gritos de reitorso e de triumpho... Já elle conta a Morte e o Amor, o desdem, o odio, incarna a humilhação, os dias em que se ouvir curvado todas as insolencias e todas as angulosidades do Dinheiro e é rasteiro, baixo, os seus gestos são medidos, em cobra: toda a sua figura exprime a hypocrisia...

Foi n'uma noite d'essas que eu conheci K-Mauricio. Sua Vida, a sua Alma elle a estatéla no livro que se escreveu, e que deixou escripto.



E' um romance incompleto e facil é de ver que é quasi uma autobiographia : por isso lh'o publico, juntando-lhe o que nos seus papeis encontrei com o titulo de *Diario*.

Esta historia d'um palhaço desgraçado e batido e sempre agarrado a sua chimera, não é bem a sua historia ? . . .

Elle não sabia escrever ! não, elle não sabia escrever, juro-o, mas punha nos seus papeis, n'um feito tão aspero como a sua alma, o desprezo e o tedio que tinha á Vida : escrevia com o mesmo rancor com que cuspia ao fallar de illusões e de candura : jacto de saliva silvado sobre o papel. Mesmo, se é curioso, é por esta mesma maneira de escrever aos repellões e nunca pude deixar, ao lê-lo, de escutar, como em noites de febre, o ruido abafado d'um coração a bater . . .

Onde acaba a Vida e começa o Sonho? Nem elle mesmo o saberia dizer. A estas paginas junto a parte do seu jornal, que me parece completar este livro, curioso e com bruscos resaltos de allucinado. Que amalgama de lama e de dôr, ao mesmo tempo picara e commovedora, não sahe d'esta especie de autobiographia ! Ha pedaços de diario, folhas e folhas ingenuas, mas em que uma phrase sentida fica, suggestiva e acuta, e de todas estas linhas uma physionomia deve restar, de desgraçado, de quem afinal a gente não sabe se rir se chorar. Apenas corto algumas paginas. E' que nunca se arripiaram ao ter subito uma ideia, em que a gente treme de pensar e affoga apenas nascida?... O que é este livro? A vida com sonhos, dôres, illusões e amarguras.

E' no diario que elle, com uma singular ferocidade, se conta. E facil é reconstituir a vida d'esse homem, d'uma sensibilidade exasperada, que soffreu sobretudo

pipino
m. m. m.
ditado
início



pela imaginação, incapaz de realizar — singular tortura, que é a de muitos moços, que agora entram na Vida. Nada litterarias, mas vivas, humanas, as folhas do jornal, escriptas n'uma prosa soffrega e bravia dão-me a impressão de se estar a escutar um homem que falla a sós, que diz n'um monologo entrecortado e aspero, o que soffre.

Eis aqui a historia da sua morte :

Filho d'um homem honrado, com Mãe e duas irmãs pequeninas, elle experimentara todas as carreiras e de todas desistira, n'uma vida de imaginação, que lhe fazia achar a realidade estúpida e indigna dos seus esforços.

Morto subito o Pae eil-o que se vê com uma familia a braços, no dever de trabalhar e de a sustentar. As correrias nocturnas, a vida de vadio pelos arredores da cidade, tinha de terminar. Era necessario ver para que servia elle então .. Trabalhar em quê? como? Meditou e viu-se decerto incapaz de qualquer esforço. Olhou para dentro encontrou-se exausto, com saburras e inveja dos que trabalham : achou toda a gente egoista, quando elle o era mais do que ninguem. Pensou na vida a serio e estava velho, annos e annos perdidos sem uma Obra, e o que é peor, incapaz de a fazer. Tinha rugas, a idade em que os outros tem já aberto um logar na existencia, e elle nada fizera. O dever seria trabalhar, sustentar as irmãs pequeninas, a pobre da Mãe ; mas o dever era duro, e elle, aos vinte e sete annos, tinha vontade de descançar. Fez saltar os miolos, o que foi talvez melhor, porque iria decerto continuar a servir de tropeço aos seus.

Ora eu conheço ainda alguns imaginativos que hão-de vir a terminar assim, ou que tomarão a vida a serio, se não quizerem ser despedaçados.

Para que é que em pequenos nos mentem, nos dizem que ha amigos, affeições?... Entra a gente na vida, com illusões, que só se perdem com pedaços de alma, quando muito melhor seria dizer-nos que ha unicamente dinheiro e interesses. Dinheiro! — esta palavra faz vibrar os mais molles: gadanhos convulsos extendem-se avidos, os olhares ferem como laminas... Para que andamos a mentir uns aos outros, quando nós bem nos sentimos todos, aos trinta annos, capazes de sacrificar um irmão ao Diaheiro?...

A vida é dura, egoísta: para trepar é necessario assassinar, bater para os lados sem ver quem vem, agarrar-se a gente com soffreguidão, morder... Ai dos vencidos! pobres dos que hesitam um instante só! Auxiliar alguém é perder tempo: p'ra a frente! p'ra a frente!...

Veem bem um imaginativo que entra na vida? E' um moço intelligente, tendo sobre a existencia ideias lidas. A sua sensibilidade exaspera-se ao primeiro contacto com o mundo. Precisa de trabalhar, precisa de ganhar dinheiro.

Cheio de entusiasmo talha uma vida de romance, com affeições, amores, livros feitos pensando unicamente na Arte. Em breve porém encontra tropeços: a cada passo a alma se lhe magoa, todas as brutalidades o ferem mais do que a outro. E' que elle não viu que, ao lado da vida, sonhada, é preciso viver n'uma outra vida dura, de todos os dias. Repugna? E' necessario, porém, a gente affazer-se, esmagar tudo que se sente de piedade e de affeição, para se não ser despedaçado. Quantos chegam a velhos, a tal ponto vivemos na mentira, que acreditam que amaram, que souberam dedicar-se,



que na vida se pôde ser bom? Se procurarem bem no fundo da alma, esmiuçado cada um d'esses sentimentos, encontram apenas o egoísmo descarnado e duro..

K-Mauricio estoirou a cabeça com um tiro de pistola, e era na verdade o que elle tinha a fazer de melhor. Decerto amanhã morrem á fome as irmãs e a Mãe tem de pedir esmola, mas como poderia elle obstar a isso? Trabalhar como? trabalhar em que? elle que, aos vinte e sete annos, se sentia em imaginação capaz de tudo, mas que na verdade era incapaz, o miseravel, d'um esforço, que não cahisse logo n'um desanimo de dias. A mais leve contrariedade bastava para o desalentar.

A'manhã! amanhã!—dizia-se: ora a vida—é hoje!

Esta existencia atraz da chimera, sem querer ver as pedras do caminho, fel-o morrer, depois de uma vida de casas de hospedes, de vadiagem e de dôr. Elle conhecia todo o vicio e todo o crime; todos os typos, os desgraçados que vao atraz do seu sonho, da sua loucura e que a vida e a brutalidade rasgam: cada um porque não é livre e porque não pode sahir do lodo tem uma aspera alegria em afundar nos outros. A desgraça alheia consola...

Muitas vezes me pergunto até onde elle é sincero. Nem elle mesmo decerto o sabia. Cada um que tome d'este livro o que quizer... O que é verdade, porém, é que, como Beyle dizia de Julien—todos os dias era tempestade na sua alma.

O Diario, sobretudo, por vezes surprehende-me e revolta-me. Mas ponho-me a pensar: Que importa que eu o não sinta? A mesma irritação com que eu leio estas paginas, não quer dizer que ellas são verdadeiras?...



Se toda a gente se contasse, tivesse o habito de escrever o que sente, as amarguras, as ideias de crime logo nascidas, logo com colera ou com terror arredadas, de espremer toda a canalhice e toda a inveja que temos na alma e a ambição, a sede de oiro—o que só ás escuras, baixinho nos atrevemos a repetir—que amalgama de risos e de dôres, de coisas picaras e horriveis..,

Assim d'essa parte do seu livro uma impressão me fica: a da lucta dolorosa entre a lama e a alma, de que resta sempre um rasto de lagrimas. E' por isso que eu muitas vezes me digo: Não devia este livro chamar-se *Lama e Lagrimas*, se *A Vida*, mais curto, não traduzisse isto mesmo?...

Raul Brandão.





PRIMEIRA PARTE

JANEIRO

MA logo no principio dos seus papeis esta pagina destacada e ronca... Que dôr é que elle esconde e se adivinha nos esgares da sua prosa raspada e de monologo, e da idéa que se sente escorregadia como um olhar de fruste?... Tem gestos arrepelados ás vezes a phrase; depois foge encolhida e de mãos suadas, com impetos de energia, para logo calir exhausta...

N'essa noite passava-se na sua alma o seguinte drama: Na invernia, os pés frios e feridos, eis que se pôz a compôr no craneo decorações, onde finos troncos roxos do halito da Primavera se cobriam de floração e os cerros violetas pareciam desmaiar; depois um ruido de metal, oiro, esgares de ambição, raiva logo prostradas... Tudo inaccentuado, fugido, idéas tumultuarias accesas por outras ainda em aborto e subito desaparecidas: até que a dôr o aguilhou, ou dominara...

A sua miseria e a sua abjecção mettiam-lhe nojo. Olhava com piedade para a sua alma tão cheia de illusões e de amarguras.



Ninguém decerto n'aquella noite se interessava por elle. Sôsinho na vida! Parecia-lhe que ia por um des-campado, n'uma luz pastosa, por onde a multidão caminhava, cada um absorto no seu sonho, de olhares fugidios e linhas cambadas de concentrados... Não ter dinheiro! não poder dominar a multidão egoista! Sentia os pés mais frios e feridos e o cerebro inflammado...

A sua miseria, o seu feitio de encolhido faziam-n'ó tremar deante da mulher. Sensibilidade exasperada, fizera-se por imaginação um ser desgraçado, de quem todos deveriam rir e a vida parecia-lhe estúpida e má. Tinha-se rancor por ser tímido e torto. Exagerava tudo, com a sua mania de acarvoar os mais miados pormenores da existencia, de fórma que a cada passo lhe estalava o coração. Mocidade nunca a tivera, absorvido na illusão e agora abria olhares espanladiços, se se sentia ferido pela vida, como quem acorda de um sonho para a realidade aggressiva. Já no collegio a sua sensibilidade se torcera de encontro á estupidez e á alma endurecida do mestre. Pequeno começára por encontrar o egoismo e o escarneo dos outros diante de toda a sensibilidade. De quem elles não riam era dos seccos, de alma dura.

Ha nos seus papeis uma parte que de certo se refere á sua vida de então. Todo este livro é contradictorio como a Vida e como ella encadeado de pedaços amargos ou tediosos, onde por vezes luz o oiro da chimera.

«Tive esta noite uma sensação de frio no coração: não havia cobertor que m'ó agasalhasse... Que vale viver? Illusão morta, illusão nascida, olhar sempre na Chimera, até que se vae para a cova, transido e ainda absorto o olhar!... Ponho-me a fazer-me renascer moço, a repassar sensações antigas pela minha alma d'agora,

e é sempre o mesmo, só com o tédio em lugar da candura...

Da mocidade ficára-me uma recordação amarga: correria de botas rotas atraz da Illusão, olhar aziago sobre a Vida. Quem foi que disse que era uma coisa que toda a gente sabia—viver? E' por certo a mais dura aprendizagem, para quem tiver nervos e coração... No collegio a brutalidade; em casa almas sêccas que nem havia tempo para pensar, senão no pão de cada dia. O desespero do Pae, a miuda intriga, a vida de acaso, pozezeram-nos todos sem affectos e sem lagrimas, a não ser sobre a propria desgraça: diziamo-nos, por fim, tudo, a ponto de ouvir á Mãe estas palavras, que nunca mais esqueci:

—Filho, até as casadas é por interesse!...

E acontecia, por vezes, ficarmos a ruminar cada um a nossa ambição, concentrados, perdidos na ferocidade de sonhar...

Seccára-se-me assim um lado da alma, mas toca a viver, a tecer a illusão, que a Vida passa depressa... Encheram-me de mentiras, que me iam cahindo a cada rajada, sensibilidade mais exasperada, maior ambição, maior vontade de subir, de ser um grande actor.»

Com que sorriso de piedade e conjunctamente de odio reprezado, elle se não via no principio da vida, a acreditar na Arte e na Virtude, quando só existe, hirto, o Poder. Aquelles que nascidos sem Illusão, ou que cedo a tinham arrancado, triumpharam, mercê da tenacidade: elle, que passára metade da existencia absorvido no seu Sonho, olhar pasmado para a vida, se acaso a dôr lhe lembrava que elle existia, quando acordou, já tarde, viu-se velho, cambado e escarnecido. E só tinha soffrido...

Porque é que me seccáram? pergunta n'um dos seus papeis. Illusão ainda, pelo menos por esse tempo e eis aqui que parte para a explicação de ter sido vencido, por um raciocínio que me resigno a transcrever. D'esta forma procura enganar-se, illudir-se ainda, n'uma prosa bravia, quasi em litteratura o typo que se cortára na vida: feitio de encolhido, gestos desageitados, ar de quem não sabia onde metter as pernas nem as mãos, enormes...

«Mentira!... E' que nós todos não vivemos de mascara e não representamos como velhos actores? Quem ha ali que seja a sós o mesmo que é cá fóra e quem foi até que em certas horas, não representou coisa alguma mesmo?... Grandes homens amados, algumas secas que para os seus são o desespero e a tortura... A Vida corta as illusões, endurece e ai d'aquelles que persistem em sonhar e em viver com o feitio que em ideal se talhâram; pobres dos que são tenazes em perseguir a chimera, sem querer vêr as duras pedras do caminho!... Pouco e pouco todos vêm que devem esconder o seu sonho para quando só, se não lh'o despedaçam risos. Cada um porque não é livre e não pôde seguir a escarlata Chimera, tem uma alegria feroz em rasgar a dos outros

Quem são os fortes? Os miseraveis, as mulheres que se vendem, os que são o que são e não fingem. Na vida e na litteratura, na amisade, a mentira se estatêla, a ponto de ser necessaria toda uma sciencia para decifrar a alma—a psychologia. Todos nós temos phrases já feitas com que esconder o que pensamos e o que sentimos: e por isso que conversar me fatiga, e que eu só estou bem sosinho.»

Depois entrara na vida, ainda cheio de illusões e de amor e tinha de se resignar, botas camhadas, cambada a alma, á mulher que se vende. E nunca elle podéra pensar a sangue frio, sem se sentir desvairado, torcidos os nervos, na ignominia de ir ás mulheres. Vocês teem a gosto uma velha sordida, de olhar que esfuranca e em quem se adivinha toda a sciencia da vida; capaz de estudo e com a finura de se escapar pelas malhas da policia e do codigo?... O olhar, onde reluz o brilho do feiuro, lê-nos, palpa-nos na alma os vicios reconditos, os negredos por onde se anniquila o homem e se quebra o character. Assim diante d'essas mulheres elle se sentia anniquilado. Faziam-lhe medo e desvairavam-n'o. Porque? ... Como explicar essa sensação de estrangulado, Anãos geladas, o coração a galope, a estoirar?... E' tudo: a atmosphaera da casa, que cheira a caldo requentado e a brutalidade e por onde cada um que passe-a deixa parte da sua força psychica e do seu sonho—dedidos, crimes, almas endurecidas e candidas—fios teleses, que ficaram suspensos das paredes, nos envolvem, enchem de tédio e quebram a energia. Certo é que em torno da gente se forma um ambiente feito de idéas e de sentimentos; dos nervos torcidos pela dôr e pela paixão, uma atmosphaera de residuos, de abortivos de pensamentos, de sensibilidade, se destaca e erra. São por que sentimos por vezes que alguém nos é repulsivo ou sympathico e que certos sitios fazem sonhar, artoiram os nervos, dão ambição ou repousam. A questão está pois em ter a rêde dos nervos tão aguçada, que se sente e sinte o ambiente nervoso que de cada um se evolva, formado das suas idéas, e da sua emoção... Era tambem que elle construira a mulher que se ven-



de, como uma creatura cuja sciencia da vida apavora pois que tem diante de si o homem, quando elle se esquece e mostra os seus vicios, como um doente os estatêla n'um banco de hospital...

Jã viram que todas estas mulheres são mais ou menos doidas, d'olhares espantados e uma linha que se quebra, ora avidas como um velho avaro, secco e metallico, de Balzac, ora predularias; viciosas e castas, corisrisos que de subito desvairam? E' que com ellas toda gente se desabotoa e da alma humana, exgoto de lã amassada em lagrimas, ellas sabem o bastante para sentirem apavoradas e enternecidas... Conhecem velhos molles e viscosos, todas as repugnancias e todas as perversões, e da humanidade deve formar-se-lhes craneo uma idéa de pavor e de loucura.

Assim em casa das mulheres se sentia sem energia desvairado quasi, e essa atmospherã, feita de sentimentos esboçados, de idéas em feto a nivar, de sonhos e arrastarem-se pelos cantos, de desespero e de violências, torcia-lhe a rêde dos nervos...

- Com esta sensibilidade nervosa e este feitio de enclarrar a vida, devia por força ser elle proprio quem cessasse a sua desgraça. A mocidade dos outros espavetava-o: a fôrma como os mais se abriam com risos allegres, naturalmente, como arvores se enchem de flores para a vida, deixava-o invejoso e mais amargo. Perguntava-se: terá toda a gente esta mesma lueta comsigel para se acostumar a viver?... E no emtanto não era vida em si que o torturava: era a desigualdade entre o mundo exterior e a chimerica imagem que na sua alma construira... A vida, ainda que aziaga e mã, lhe parecia uma ventura, pois que tinha um medo enorme de mud

er... Mesmo esta idéa da morte desde moço o co-
meçou a perseguir e a viver com elle. Havia dias em
que o ruído do cabir d'uma folha d'arvore o sobresal-
tava e o affligia, de fôrma a fazer-lhe lesões no cora-
ção. Desde os vinte annos nunca mais pôde arredar a
Morte de ao pé de si. Assistia ao seu enterro e á sua
podridão. Por vezes tinha a impressão de que um verme
lhe roía o cerebro. Não quero pensar n'isso!—berrava.
Mas a morte surdida tenaz e hirta em todas as idéas em
que elle se refugiava. Respirava n'uma ancía, estalado
o olhar, soffrego de mocidade e de vida... Dos seus
conhecidos punha-se a scismar: eu morro primeiro do
que aquelle! E um grande frio enregelava-o: tinha medo
do desconhecido, debatia-se com a inercia e o medo
de não sentir. Outras vezes ficava de olhar perdido,
absorto no não ser... Depois da morte o que seria
d'elle?... Não poder berrar, fugir! ter de caminhar
em lucta e sem resistencia para a podridão!... Que
montade elle tinha de ver adoecer os seus amigos: a
terra deveria ser uma grande enfermaria de camas ali-
cadas.

A's noites corria os arredores da cidade, sitios dolo-
rosos, ravinas, terras esboroadas, onde um cactus, de
aminas hostis, cresce abeberado de luar, como um cri-
me... E era sempre com o homem do violino, o Co-
veiro, o Mulato e a Ardida que sopravam o brazido qua-
si apagado do mesmo sonho. Macabras correrias sob o
claro mysterioso, sombras alongadas e epilepticas a tin-
dir a terra, gestos imprevisitos que de noite faziam
medo. O Coveiro ia na frente, calvo e longo, apoz a Ar-
dida que rompia a marcha; depois elle e o Mulato e por

fim, muito distanciado, vinha o homem do violino, com prido e ossudo como um velho cavallo de carroça.

Que chimera dolorosa, mas com espirros escarlate de sonho, lhes incendiava as almas, chuva de estrella cadentes na Noite negra e funda! Cada um se punha para o seu lado a sonhar e aquillo quasi os aureolava aos pobres, todos elles grotescos, doentes e timidos. Cada um se agasalhava com a purpura da sua chimera e puchava a si, dedos afilados e sequiosos de goso, os restos enlameados do seu sonho. Eis que um contava a sua vida, promenores de hospital e de cemiterio e a dôr que tortura toda a Humanidade lhes apparecia hirta de bocca torcida e má. Como um pobre corpo resequeado pela febre, elles tinham a visãõ do Mal Humano.

A musica do homem do violino corria com o luar e dizia-lhes tudo o que elles não sabiam exprimir: o mal da vida, a dôr inquieta que por vezes, sem causa, lhes promia o coração: o que era a Morte, a Ambição e o Amor. Na noite os olhos da Ardida feriam lume. O espectro da oliveira torcia-se, eivada da dôr que do violino se hia. E encolhidos, de olhares espantadiços e arripios de febre, punham-se a pensar: Que mal excepcional è este de viver? E porque è que tanta creatura que soffre crava as unhas desesperadas na Vida sem a querer largar?...

Porque este desespero de querer viver a vida dulce e egoista ou, o que è peor, aborrecida? Os dias seguem-se aos dias, o sol não aquece, os amigos teem sempre a mesma cara e a mesma affeição, que afinal irrita e desespera. Cuidado, porém, em não a experimentar, a gente quer ter ainda illusões na alma! Todas as noites não se acorda, com um pedaço maior de secura e es-



pergunta: para que? para que vivo? para que nasce o sol, a agua corre e as arvores continuam a ter flores a cada primavera que chega? Parece que já se assistiu a tudo, depois de a gente ter visto, como todas as coisas são incompletas e diferentes da forma como nol-as tinhamos em ideal. Se tudo se sonhou, como não achar tudo pequeno e não ter em frente das sensações de perigo ou de prazer o: Era só isto? de espanto, que sobre cada uma repetimos,—unicas palavras que o Tello sabe dizer, depois da Imaginação ter falado. A mesma coisa sempre, as mesmas caras, as mesmas emoções, as mesmas idéas remoidas, e tambem a mesma raivosa aspiração de ideal, a lucta entre a lama e a alma, a soffreguidão inapaziguada de sonhar.

Porque é pois que a Morte, gelida e negra, nos assusta? Então o Mulato, que a doença matava, figura tragica que desfolhasse flôres sobre uma podridão, pôz-se a dizer o amor á vida, apesar de tudo e contra tudo...

A vida é boa quando de todo se perdeu e se tem pena e não se ter vivido mais, como a agua d'um rio de pois de haver chegado ao Mar, que chora por não apanhar mais sol e banhar mais raizes de arvores. Custa a perder-a, porque se tem sempre a esperança de se encontrar um lugar, um momento, em que se construa a chimera; custa a perder-a, não por si, mas pelo que está fóra d'ella—o Sonho. Como um tronco que arde e se extingue, tem-se pena de não se deitar mais labareda e de se não ser ainda brazido: por tudo o que não realisou, por tudo o que se deixou fugir. Quando se morre, o que se debate ainda dentro em nós, n'uma vida — é a Chimera; o que me custa a deixar não é o

corpo, é a alma inquieta. Com a Morte agarrada a mim porque é que cravo as unhas na vida, raivosamente? Porque quero sonhar, tirar das coisas, das arvores, da luz das flores, materiaes para illusões: ao que cada um apprehende é ás suas aspirações, ás suas penas e não ao corpo!...

Morrer é não sentir, não ver, não ouvir e o que conta, não é perder tudo isto sempre igual, sempre a mesma coisa, é deixar as pedras com que architectamos Chimera. Vêde: a vida aborrece, mas cada um guarda no seu intimo a secreta esperança de realisar não sei o quê... Muitas vezes nem se sabe... E se a illusão cahe por terra, morta e inerte, fica sempre a raiva de sonhar, a raiva de aspirar...

As mesmas acções, as mesmas côres, direis vós... Cá fóra é certo, mas dentro o scenario muda: o scenario está em braza. Queres ser Rei? queres vingar-te?

Sonha!

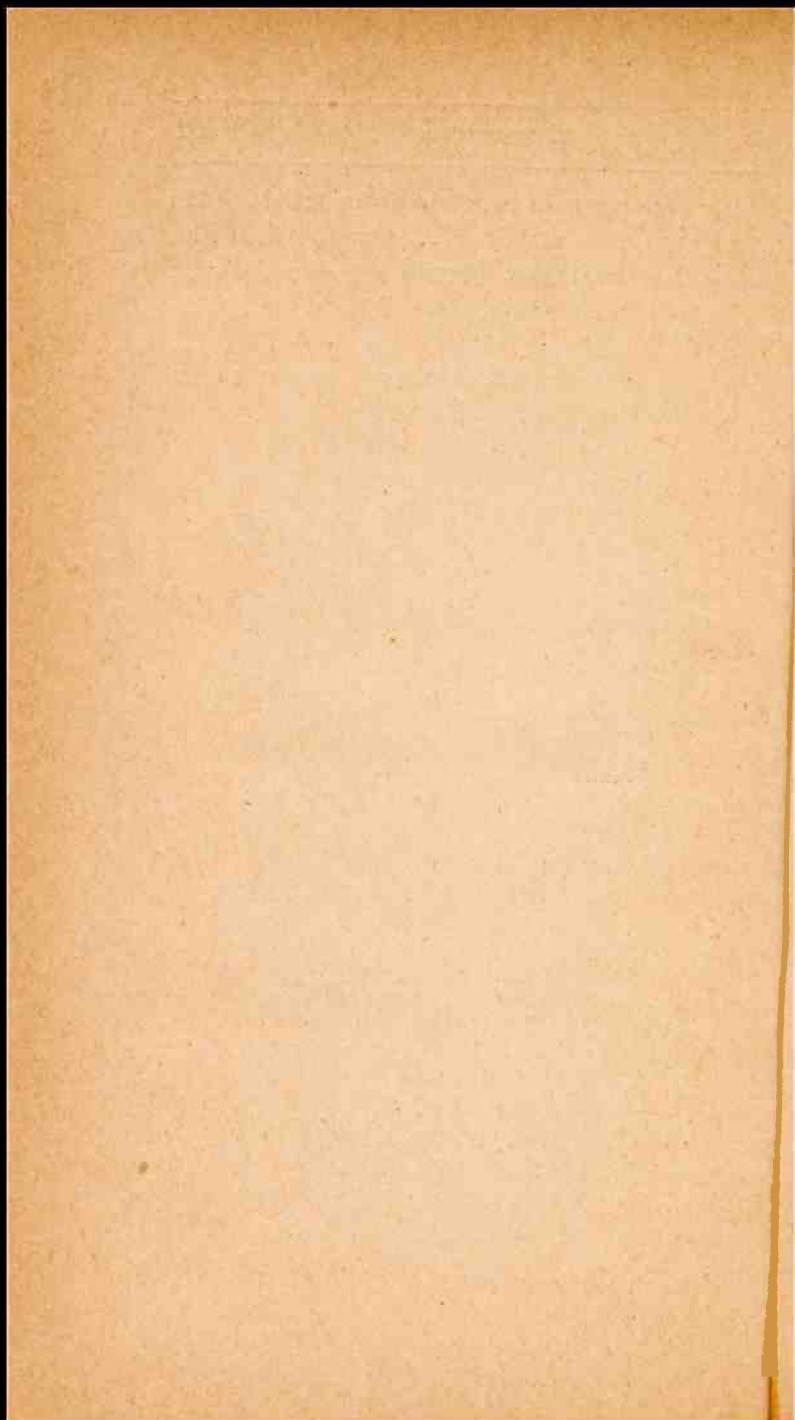
Esta gova da Morte. onde se precipitam, n'uma avalanche, seculos, tem sobretudo isto de horroroso: — que é muda. Tudo se afunda e dilue como em azeite sem uma ruga. E' uniforme e sereno: não se sonha. Morto vou talvez viver da vida do universo, sentir: que não posso, porém, é sonhar!...

Eis que a doença avança e me mata: sinto a minha miseria, mas, por ventura, sou mais rico: apressando o meu sonho, precipito-o: sou arvore, flôr, luz, desfructo-me no universo: a musica espalha a minha dôr pelo luar, a minha alma pelas coisas: sinto-me terra, arvore, coração que bate, Carrasco que executa, Rei absoluto que manda; Amante que é beijado por labios juvenis — escuta! — por labios de frescas mulheres... Sou é

Eu sou tudo: faço parte do infinito e do que ainda se não
conheceu, do vago e da realidade... Mas sou tudo isto,
com a consciencia do meu proprio ser, com a dôr da
minha doença, com a miseria da minha vida! Sonhe-
mos!...

E cada um, para seu lado, absorto, se pôz n'uma
cama a sonhar, para fugir á vida!...







ABRIL E MAIO

A DESGRAÇA perseguia-o sem cansaço. A's noites um mede enorme de morrer enraivecia-o, e, como era dcente e como era torto, poze-ra-se a odiar de morte os outros. O seu egoismo era enorme, feroz. Depois começara a ter dentro do craneo, não sabia o quê de quieto, de parado, a impressão produzida por um farrapo no meio do cerebro. Então deitara ao redor um olhar estalado. Vivia a pensar na cova, concentrado, n'um desespero mudo.

Tinha na noite negra a impressão horrorosa e fria de que o beijavam. Quem?... Não sabia. N'um pavor, sosinho, sentia que alguém o espiava e escutava o que elle dizia: ciciavam: o murmúrio crescia, falavam no seu nome. Queria socegar-se, ria-se, mas subito, eis que sentia um frialdade humida a roçar-lhe pela cara—e via a Allucinação esverdeada, a contorcer-se. Sentava-se na cama a tremer: ficava esvaído, sem sentidos quasi...

Um dia surpreendeu-se a procurar um termo que



lhe faltava, e eis aqui que uma nova preocupação o fez viver n'um exaspero... Ia a desmemoriar-se? ... Era decerto a loucura, a imbecilidade!... Esganado pelo medo de endoidecer, o seu olhar teve a visão do Nada. Sabiu: queria protestar de rijo contra aquella tortura a que não podia fugir, implacavel...

Sentia a cabeça secca e adormecida e dias d'um tedio negro.

Bruscos sobresaltos o acordavam, quando ia a dormir e adormecer era para elle uma tortura. Revolvia-se, queria dormir e subito lembrava-se: E se eu morro no somno, sem poder gritar?... D'outras vezes, quasi a adormecer, ouvia uma vibração infinita de crystal que se parte, e logo o somno lhe fugia, como levado por uma ventania. Tinha frialdades na espinha e aquillo fazia-o pensar na Morte, sempre na Morte. Se dormia a allucinação perseguia-o ainda; domava-o. Cahia n'um abysmo, queda infinita, angustia infinita. Muitas vezes o somno se lhe cortava d'um golpe, como se tivessem chamado por elle, e noites ficava petrificado, sem poder mecher um dedo, n'uma alluciação...

Mais vezes, com frequencia, lhe faltaram termos: apavorava-se: era mais um passo para a Morte. Queria discutir, duvidar... Scismava: procurava enganar-se...

Aquillo acontecia a toda a gente!... Não se lembrar!... E ia atraz de phrases, de nomes para se demonstrar que se lembrava. Sabia para a rua n'uma allucinação phrenetica, e toda a noite discutia raivoso, a querer enganar-se.



Injuriava-se: e tinha horror da doença, a fúria do homem que vê a Imbecilidade e o Nada, sem lhes poder fugir e sem poder berrar.

Uma noite, subito, como estivesse a recordar-se do seu quarto, não se lembrou se o cubículo tinha ou não janella. Foi como se lhe passassem uma esponja pela memoria, como se lhe sugassem o cerebro. Um momento inapreciavel fez-se escuro na sua alma, e n'um desespero de berrar, sentiu como um homem que fosse balançado sobre um abysmo, unhas contorcidas. Sentou-se na cama aos gritos: a razão voltou-lhe e ficou frio, n'uma prostração.

D'ahi ficou n'uma raiva fria, n'um terror de quem viu o Desconhecido, e procurava tenaz, sem falar, absor-to o olhar, lembrar-se, recordar-se até das coisas mais miudas, com medo de que aquillo lhe voltasse, e até a dormir, procurava, procurava sempre. Levava para o somno o cerebro e os nervos a trabalhar, n'uma tenacidade, atraz de palavras, atraz de idéas, n'um esforço e sem nunca as encontrar...

Odiava tudo e todos: olhava, vesgo, o mundo, afflicção de quem se vê morrer, quando os outros são felizes. Só o interessava a sua doença e só pensava na sua vida, e, n'uma maldade pequenina, com uma vontade mesquinha de torcer, como elle desejava fazer soffrer os outros!... Ao mais pequeno estremeção dos seus nervos, pensava na morte e tinha dias em que, de olhar absorto, ficava perdido n'uma chimera de desgraças e de catastrophes ou no horror do não ser...

X
A
A
Com a sua ida para a aldeia e com a volta da Primavera, foi um rejuvenescer de ideias e de emoção. Como a chuva na terra resequida, assim no seu craneo e na sua Alma a ideia da Morte e da Doença, de esgalhada e sêcca, arvore de metter pavor, se cobriu de emoção, se fez maior e mais alta...

Deitava se na terra e punha-se a scismar... São de então as paginas que seguem:

«As rans verdes atiraram-se á agua: pelhau! pelhau!... Era nos ultimos dias de Abril e estava um calor de forno: deitei-me á beira da lagôa, á sombra, estendido nas agulhas dos pinheiros. Ao lume da agua esverdeada e lisa nasciam salpicos de floração pequena e viva e verdes tufos d'hervas.

Apenas me estendi, que logo as rans deitaram a cabeça de fóra, o olho esbrazeado e vivo posto em mim. Certo o meu aspecto as tranquillizou, e adivinharam por ventura a sympathia que eu tenho pelos bichos innocentes, pois que saccaram a barriga para o sol...

Já á beira do caminho eu encontrára muitos sapos que nem buliram sequer, extaticos para o sol, para as arvores, para a primavera, na felicidade de se sentirem viver e crescer: á beira d'um caminho um tinha outro ás costas: em cima d'um calhão outro parecia petrificado, a babar-se, n'uma fascinação. E então toda a lagôa fremia de vida: pequenos bichos viviam com ferocidade, alacres, corriam, nasciam, morriam contentes. Rans pançudas coaxavam n'uma satisfação por estar calor e por vir a primavera e uma tinha um coá-coá de baixo, tão gulotão, que eu mesmo me senti rir, enternecido. As arvores medravam, cobriam-se de flor e eu não tive mão em mim, que não me pozesse de ou-

vido á terra, a escuta-a estremecer, desentranhar-se em vida e em amor. Que bafô é este procreador que atravessa a materia, a fecunda e a transforma em seres, em vida e em amor? Que força é esta unica, cega, que aqui cria, organisa, além transforma? Quem me diz a mim que ainda não hei-de vir a ser ran, arvore, espinheiro de vallado? e que, morta a razão, eu não terei enfim a felicidade dos bichos, que é a de se sentirem viver?...

A immobilidade não existe, a morte é uma transformação apenas... Ser hoje homem, amanhã ser sapo ou ser flôr, que importa? Tudo se paga; a felicidade que estes bichos têm não me pertence: nem sou vivaz como este espinheiro florido, nem o sol, a luz, a primavera me alegra como a elles. Sê raciocino, elles não têm coração para ser despedaçado, nem alma para que os outros se riam.

Que é Deus? E' esta força inconsciente, cega, fecunda, que rebenta na materia, enche de flores as arvores, de emoção os poetas, e cega como o destino, forte, sem piedade, tudo transforma e leva n'uma alluvião, corações, lagrimas, cerebros, para irem mais tarde, n'uma outra primavera, cobrir de flor as cerejeiras?...

Borboletas noivavam, perseguiam-se aos pares, amarellas, escarlates, côr de rosa—pequenas flores a voar, a estremecer na luz, a pousar de leve nos galhos... Borboletas, arvores, bichos, a cada primavera que vem toda a terra rebenta, estremece, de tal maneira, que me quer parecer que ella é tambem viva e se sente feliz por viver e noivar.

Porque é então que eu tenho medo de morrer? é apenas esta transformação que me atterra?... E eis

florido
"paga" II
do alma
no.

aquí o que na primavera, diante da Vida, me ponho a pensar:

Se eu pudesse com a consciencia de mim proprio ir ser arvore de caminho, macieira de quintal, ir deitar galhos, encher me de floração, ser feliz com o sol, com a primavera, com o azul, dizer comungo muito contente e muito baixinho: olha, lá vae aquelle homem trabalhar, solfrer...—que me importava a Morte?... Se eu soubesse que biche, forte, vivaz, á espreira n'uma toca, dizia commigo: Espera, lá vae aquelle poeta a tecer!... —até era amigo da Morte!... O que me custa, afinal, é a perda da minha personalidade: habituei-me, de tal maneira ao soffrimento, que me custa a deixal-o e a ser feliz. E vale realmente a pena? Vejamos: o que faz a minha desgraça, e a nossa desgraça, é a consciencia e o raciocinio. E é isto exactamente o que me custa a perder. Por ventura um bicho se põe a pensar: fiz mal ou fiz bem?... Nem pensa n'isso...

E eis aquí que tambem ao ver grandes arvores fortes, eu sinto que tenho pena de não ser assim, de não deitar galhos, dar sombra, esfurancar a terra com raizes. Certo alguma porção do meu ser se lembra de ter sido pinheiro... Vocês nunca ouviram, n'uma noite babada do luar, um escorrer triste de agua, como vozes a chamar, a chorar: é a agua que se lembra de ter sido arvore, gente, luz... Para a minha esquerda tudo está coberto de floração: parece que inumeras borboletas cansadas, pousaram sobre os galhos dos pomares aninhos...

Tudo isto vive em ferocidade, desde as arvores até ás couves luzidias, verdes, d'aquella pequena horta...

A terra fermenta e d'essa podridão sahem arvores, bichos, illusões...

Punha-se a scismar: o que é a Vida deante d'esta cova eterna—o infinito? Que era para elle viver, synonimo de soffrer? e a Morte de que tinha pavor, a Morte que o desvairava?...

«...Sempre a mesma coisa, as mesmas palavras re-moidas, as mesmas caras d'amigos—que me irritam— as mesmas idéas, que eu me surprehando a repetir... Mas para que vivo eu? e o que é a vida?... Sou eu igual a esta arvore e o mesmo sopro procreador que a enche de floração, é que me enraiva de sonhos?...

Se me surprehando a scismar, de noite, e olho para a cova do infinito, tenho medo que me fuja a razão. Indago, olho para traz, para toda a minha existencia a vêr se decifro o enygma que me tortura... Pois a Vida é isto? estas lagrimas e esta dôr, estes apertos de mão frios, este tédio e esta lama, este desespero de querer sonhar?... E o que represento eu deante do infinito, o que é a humanidade deante do que não acaba — cova eterna onde a pualha dos mundos nasce, envolvida no mesmo mysterio que n'este abril salpica de floração as macieiras.

Sensibilidade exasperada, com impetos de louco, sinto-me como fóra do meu lugar, á busca nem eu mesmo sei do quê, enquanto á volta de mim a Vida se succede harmonica e viril. A Primavera tudo enche de floração, a Morte cobre tudo de Vida. Aborrecido eis-me sem energia e sem vontade, a não ser ás rajadas de nervos—e tudo o resto é vivaz e forte.

O que faz a minha desgraça é a consciencia e a razão. Por logica eu sou obrigado a concluir pela felicidade do não ser, de entrar no bafô procreador, que tudo

enche de vida e de emoção, de fazer parte do inconsciente, de ser a força, que se não pôde separar da materia. com as suas combinações chímicas, hoje arvore, amanhã luz, seiva, agua corrente, idéa, tudo menos homem, porque esse raciocina e soffre, enquanto o resto sente, soffre, mas não é desgraçado, porque a desgraça provém não do soffrimento em si, mas da razão...

Fico horas estendido na terra a vêr crescer as couves e no meu craneo vae-se um ruido de fermentação, como se eu proprio me diluisse na materia. Imagino a Morte e a Vida. Toda a Terra ferve em decomposição de cadaver: brotam as arvores, que por seu turno se enchem de floração e mais tarde morrem: ella propria é um cemiterio, regado a lagrimas e a amargura e d'onde a fecundidade, a emoção e a vida renascem. A chimica produz, conforme a substancia da materia, a Vida, a Morte, a Luz e o Amor. Portanto a Vida é um destino, sem outro fim que não seja viver. E viver para morrer é irrisorio.

(E no entanto o que eu tenho é um medo enorme da Morte... Posso fugir, procurar esquecer-me, lèr os meus philosophos, que o terror da morte não me deixa. Descarnada e triste, encontro-a no fim de tudo, em todas as coisas. Até este galho do macieira, tão coberto de floração que me enternece, a propria fecundidade, a minha mesma emoção, m'a fazem lembrar. Confesso o, confesso o, tudo é vão, philosophias, palavras, systemas!... Só existe uma unica coisa bôa: viver, viver!...)

Quando me ponho a lembrar d'estas coisas tudo me irrita e chego quasi á conclusão secca de que só vale o dinheiro e o Poder, para se tirar da vida tudo quan-

to ella pode dar no Prazer e tambem na Dor. . . Outras vezes scismo:

Quem me dêra a mim, em logar de uma creatura levada pelas rajadas dos meus nervos como por desencontradas ventanias, ser um homem de emoção sempre igual e sempre prompta. Deveria na minha vida ter tido uma grande desgraça que me afastasse e me fizesse forte e sosinho: teria um quintal com uma grande arvore, e ahi com os meus philosophos construiria o pessimismo do meu uso. tê ter pena da humanidade e lagrimas e emoção deante de tudo—das arvores e dos bichos. E quando morresse seria enterrado ao pé da arvore (porque o cemiterio ainda me desvaira mais do que a morte) e ajudal-a-hia a crescer, a botar mais flor e mais galhos.

Ponho-me a vêr e no fundo do meu ser não encontro senão egoismo e vaidade. Se sou bom é por vaidade e por comedia: represento para me enganar a mim e aos outros. Quando uma doença ou a morte dos outros me torcem os nervos, porque que é que tenho pena, canalha? E' porque me vejo logo a mim, estendido, doente, morto. . .

A verdade é que a minha alma é sêcca como uma pedra, e não é por os outros que eu choro, é por mim.

Digo estas coisas nem sei bem porque: é como se no fundo do meu ser alguma voz murmurasse as palavras que repito. A's vezes surprehendo-me a dizel-as, a fingir sentimentos, a mascar phrases que eu já ouvi. Comedia! O que dentro em mim murmura é aprendido, ensinado, visto que eu não sinto. Inda hei-de espancar tudo quanto em mim é fingido e mostrar-vos depois a minha alma, a sangrar, cheia de odios, viscosa, mas

bem viva... Isto é tudo fingido. Outrora eu me supunha desgraçado por ver que em troca do Amor, da paixão que eu punha nas mais miudas coisas da vida, em todos os sentimentos que eu exasperado engradezia, não encontrava senão cansaço, affectos que me pareciam gelados. Depois puz-me a pensar: mas eu é que sou doente, e a Vida foi-se ás illusões, arrancou-as e deixou-me a alma n'esta seccura.

O amor e amizade que eu procurava não existem, nem podem existir, eu bem no vejo agora. Era tudo falso, aprendido, inventado. (Mas esta invenção é ainda a unica coisa boa da vida para mim. E as lagrimas que eu chorei, tenho pena de já as não chorar, e tudo o que eu soffri sobre as minhas ternas illusões mortas, quem me dera soffrer ainda!... Mas é porque eu estou prevertido). O homem é no fundo egoista e máu...

Não ha morte nem nada de quieto e de parado e Deus não existe. (Repete-o muitas vezes para ver se te socegas...) A minha razão recusa-se a acreditar-o. Deus não existe, mas o que é o infinito que horrorisa e desvaira?... Não sei, mas se existisse uma entidade era de lhe cuspir, deante de tanta injustiça e de tanta desigualdade. Ha materia, chimica, um grande bafo procreador atravessando tudo, arrastando tudo na mesma alluvião.

Que fazer deante d'esta força sem piedade, cega como o Destino? Resignar-se a gente á vida, na mesma monotonia de acções, a ver as mesmas caras, a dizer as mesmas palavras, a repetir as mesmas idéas?... Mas isto dá vontade de morrer, de pensar como Thegnis de Megare, que o que ha de melhor é não nascer, mas dès que tal aconteceu, é transpôr o mais depressa as portas do invisivel e dormir ao comprido na cova...



DIARIO

DIARIO de K. Mauricio é constituído pelos pedaços de alma que ahí vão. E' um monologo destacado e rouco, com gestos bruscos pelo meio e idéas sem ligação, que se não sabe d'onde nascidas. Alguns pedaços eu córto: é que ha coisas que se não dão publico—farça para que os outros se riam, dôres para que os outros sintam piedade. Lembra-me um clown, a quem tivesse morrido a Mãe e que por força devesse fazer rir a Multidão ignára. Esses corto-os e para mim os guardo: os outros ahí os publico, apesar de vêr que elles perdem o interesse, com que sangram aqui, n'este caderno de papel aspero, n'estes rabiscos d'epileptico, que parece que têm vida e contam a sua dôr.

Tem por vezes o interesse do que é soffrido: parece que elle, em noites de desespero, fazia litteratura da sua dôr para se esquecer. São phrases bruscas ás vezes, paginas entrecortadas de fugidas para o delirio, monologos espremidos de fel. E subito, n'um accesso de loucura, a vida, a dôr, tem um esgare, torcem-se as



linhas e, como a um sopro de ventania, tudo se esgandalha: julga-se ouvir uma bocca, que a maldade fez espremida, dizer-nos, na noite e ao ouvido, segredos que fazem estremecer a razão: braços descarnados, erguidos, ameaçam e imploram.

Todo este *diario* é mal escripto, aspero, com phrases inacabadas, monologo de quem vae a soffrer n'uma subida a pique, mas, como é vivido e soffrido, amo-o e enternece-me, como se o proprio K. Mauricio, n'uma longa conversa, me mostrasse a sua alma de grotesco, incompleta, mas tão dolorida e timida, que enche de piedade. A cada illusão morta, como a sua sensibilidade estremece e como elle chora! Que estranho pessimista este, tão ingenuo! Decerto que elle nem sempre foi sincero, mas n'este *diario* raro pensou que teria leitores, assim como em todas as paginas que eu a seguir transcrevo, e em muitos pedaços escriptos como sentidos e atirados para o papel n'uma soffreguidão de se contar...

A's vezes termina o monologo, para se seguir, como em todas as paginas do *diario*, em que a dôr raciocina, bruscos resaltos de Loucura e de Sonho. Esta mechanica ingenua de oppôr á Realidade o Sonho, a uma illusão morta, uma Illusão viva, de quantos imaginativos não é o unico amparo!... Amalgama curioso, d'uma decifração difficil ás vezes, incompleto, raivoso, com notas para livros—notas que eram apenas uma maneira do se illudir—não é bem uma vida, bem uma alma? Quantas vezes, ao lê-lo, me parece que escuto uma voz que me conta toda a minha mocidade, com cansaços subitos, desesperos, e este: amanhã! amanhã! que sem cessar me repito.

K. Mauricio para quem a vida foi quasi apenas este



longo monologo, não era bem como nós todos, moços, um incapaz de viver, um sonhador, que a Realidade estúpida atirou para a cova, depois de o fazer soffrer, de lhe calcar o orgulho, e este *diario*, em que elle se narra quasi com furia, e expreme todas as saburras da sua alma de grotesco, não representa ainda a vaidade de se sentir indifferente, o orgulho de se sentir invejoso?...

Fica-me sempre esta impressão ao acabar de o ler: que um desvairado arrancou a alma, por não poder com ella e a estatelou deante do publico, e, materializada, eu a vejo dolorida, a palpitar, com vestigios de idéas, acanhada e timida, com nodoas em carne viva e gangrenas de odios e de invejas...

E atirou com ella á cara da Multidão...



X

Esta impressão sempre de qualquer coisa de parado no cerebro, endoidece-me. Morrer! Não quero morrer sem ter vivido... Sem ter vivido, digo, mas rio-me... Quem é que eu quero enganar com este sem ter vivido?... Deus?... Digo isto, para vêr se elle me deixa viver mais tempo—porque o que eu tenho é um pavor da Morte, um pavor que me enregela o coração... Para viver, juro-o, assassinava fosse quem fosse.

Hoje estou peor. Cá tenho eu esta impressão no cerebro. Não posso arredal-a, vivo como se me tivessem amarrado á Morte...

Eu já não tenho lagrimas senão para a minha propria desgraça.

Começo outra vez a pensar na loucura... Que estranho pavor este de perder a personalidade! Tenho esta impressão: de que alguém me suga o cerebro. Não quero pensar n'isto: endoidecer. E' como se uma cova se abrisse aos meus pés, hiante, e eu cahisse, de mãos arrelladas, unhas torcidas de pavor. E é como uma



voz dentro de mim a murmurar-me de continuo: eu endoideço! eu endoideço!...

A loucura avança para mim vestida de pavor. Hoje ia a falar, ia a dizer... O que foi? Que me passou pelo cerebro, que, estalado o olhar, a bater no craneo, gritei perdido, sem me lembrar da palavra:

—Eu tenho aqui! eu tenho aqui!...

Entre o meu sêr moral e o meu sêr physico ha tanta dissimilhança que eu, ás vezes, quando me vejo ao espelho, recuso reconhecer-me...

E' um dialogo, em que um mal se atreve e o outro fica emfim a monologar: sobre tudo, sobre as menores coisas, vae na minha alma um rumor, um dize tu, direi eu de senhoras visinhas... Eu bem no sei, eu bem no sinto: estou aqui, estou doido. Como sei eu então?... Quem terá pena de mim?... Aquelles a quem eu fiz sombra dirão, com hypocrisia: Coitado! não tinha talento nenhum!... Os outros, ainda aquelles que mais meus amigos foram, terão esta impressão, que ninguem confessa:—Lá foi aquelle primeiro do que eu!...— E' uma alegria, pois parece que desgraça acontecida a outrem, é desgraça de que nós nos livramos.

Espera lá: o que preferes tu? Ser doido ou morrer? Ser doido, antes ser doido!... Esta cova a sussurrar de mysterio, este *além* que eu adivinho fundo, negro, angustia d'uma queda eterna, desolação, contacto com quê? com quem?...—não! antes ser doido!...



Se ha alguma coisa, de enorme, de infinito, depois da morte, eu endoideço de pavor...

Quando escrevo, sosinho, fechado, acontece a miudo estar com medo de voltar a cabeça para traz: tenho a certeza absoluta de que aqui está *alguem* commigo, a olhar p'ra mim...

E' por isto que eu fujo de conversar:

Sou tão comediante, que nunca digo o que penso e o que sinto. Tambem nunca ouço o que outro diz, e enquanto finjo escutar attento, penso no que vou dizer. Assim o que digo são restos de phrases, palavras que eu trago na cabeça. E da conversa saio sempre humilhado e irritado...

Desato a chorar com uma pena de mim!... Estou aqui, estou doido.

Com que raiva eu espreito a piedade nos que olham para mim. Tenho vontade de os matar aos berros de:

—Eu não estou doente! eu não estou doido!...

Um olhar de piedade é para mim uma hora de tortura; digo-me: aquella commiseração, afinal hypocrita, é signal de que estou peor—é a Morte...

Quando meu pae morreu, vieram os armadores e ao verem-n'ó na cama, tiraram-n'ó para o chão. Porquê?

—E' porque está a penar! — disseram.

Tambem toda a roupa que elle vestia a levaram, sem a pedirem. E' costume. Estou farto de ver caras compidas, de hypocrisia, de mulheres assentadas á roda

da sala. O candieiro apagava-se. De longe a longe uma suspirava no silencio, dizia outras palavras estupidas da consolação.

Todos nós somos um pouco como o ferreiro da maldição, que quando tinha ferro não tinha carvão!...

A's vezes vou passear com outro e no fim d'uma hora acôrdo persuadido de que tenho conversado muito. Na verdade tenho ido mudo: a conversa tem sido commigo, sempre commigo, e destacada, feita de pedaços, aonde eu não sei discriminar onde começa o sonho e acaba a realidade dura...

Eu nunca estou só. Quando me isoło é que estou mais acompanhado: torturas, sombras, illusões...

Acontece-me ás vezes ir pela rua fóra e ter a certeza, que atraz de mim toda a gente parou a olhar-me... Não me volto, para não endoidecer, pois que tenho a certeza que dava com a Multidão parada, immovel, a olhar-me, não com a mesma cara, indifferente, com que elles fingem não me conhecer, mas com a outra, maldosa e com risos... Os risos ouço os eu a perseguir-me como um chapinhar de maré...

De noite, antes de adormecer, cerro os olhos e que vejo eu? que monstros gothicos e que caras umas vezes conhecidas já, outras que eu nunca vi, e que se transformam, olhos estoirados, olhares de maldade, a crescerem para mim? De que porção do meu sêr brota isto? em que parte do meu cerebro nascem estes



monstros de feições que se diluem e transfiguram?...

Parece que o cerebro me vae a seccar...

Eu não soube aproveitar a vida !...



AO PÉ DO MAR. Desolação infinita d'estas noites de
invernía brava, com o mugir da agua escura, o Mar a
buzinar na costa. Todos se deitam cedo, e eu encosto
a testa, a escaldar de febre, aos vidros da janella...
Como ninguém me conhece! como eu proprio me co-
nheço mal!... Deus! E' uma cova negra, de infinito,
diante de mim... Só o mar breme n'uma tristeza que
me faz chorar...

Passo o dia a espancar o presentimento d'uma catas-
trophe e é singular como a desgraça me approxima dos
desgraçados. A desgraça não isola como a felicidade.
Eu faço agora parte da legião dos que soffrem e não é
por mim só que eu falo nem sinto: é por elles todos.
Sinto-me perseguido e quero ser altivo, ter caracter...
E tanto mais faço por pensar n'outra coisa, mais o
presentimento me cinge, sacode-me como uma ventania
uma arvore. Vejo a desgraça em tudo. E' que eu tudo
acarvôo e só me socega o sonho, construir uma outra
vida imaginaria. E como um espinho a espicaçar-me per-
siste, té que me enche, por fim, uma amargura infinita,



uma desolação, que esta noite de ao pé do Mar, a agua escura, a ventania, noite camillesca, revolta — mais apavora, como o meu destino, a minha sorte, o meu futuro assim negro...

A desgraça nos outros allige-me por egoismo. Quando alguém me descreve um doente ou eu o vejo, tenho pena por egoismo: começo a vêr aquella doença em mim. E é por um raciocinio identico que dou esmola. Egoismo — egoismo e vaidade.

Um dia, ao vêr-me sem emoção, amanheci com este grito desesperado:

— Seccaram-me !...

E' isto ! os outros são como eu... Tão egoistas, tão perversos, tão invejosos como eu : somente não o pensam, nem estão sempre e a proposito de tudo a olhar p'ra dentro.

Na vida eu não tenho senão, não direi amigos, mas pessoas por quem me apaixono — e inimigos. Nunca indifferentes.

Qual é o fim da Vida, dizem-me ?... Viver.

Tem-me custado a habituar á Vida... Quem foi que disse que era uma coisa que toda a gente sabia?... Pois tem sido para mim a mais dura aprendizagem.

Porque é que eu faço de proposito coisas que me fazem soffrer, que me rasgam ? Que estupôr de prazer



encontro nos espinhos que me dilaceram?... E o peor é que eu sou diferente dos solitarios que só se cilia-
vam a elles: sou diferente porque soffro e faço soffrer
os outros.



X

+
L

Porque é que eu vivo uma vida de escandalo, e só ando de noite e faço soffrer minha mãe? Por timidez, e se chora, se o seu olhar é uma supplica, parece que tenho vontade de que ella morra de pezar, porque desapareço noites seguidas, para não ter remorsos, pelo mesmo motivo porque um malvado continua a esfaquear n'uma furia, ainda depois de morto o assassinado. Esta timidez que me faz rir de fingido desprezo por tudo aquillo que não possuo, fez-me desgraçado e a mocidade que ri e canta nos labios dos outros, nunca eu a tive... Trinta annos, um feitio encolhido, velho, e nem frescura de alma ao menos. Para que é que eu vivo? A cada passo na vida uma brutalidade me fere: vou-me a sentir sècco, e nem me sustenta já a illusão d'uma obra a fazer. Só são felizes as arvores e os bichos. Nem quero pensar no desespero que eu amanhã hei-de sentir ao vêr-me impotente deante do livro que eu ando agora a imaginar: absolutamente sincero, tão mau, tão invejoso como eu sou. Estoiro o craneo, mordo-me enraivado se o não faço, *para que ninguém tenha pena de mim...*

Toda a mocidade passada n'uma vida de imaginação,



chego aos trinta annos sem ter amado. Nunca ninguem me comprehendeu, nem minha mãe mesmo; nunca ninguem viu que eu tinha uma alma cheia de affectos, a vida de amor. Assim, se alguem me conta que é adorado pelos seus, que é o pensamento dos seus a todos os minutos, eu tenho-lhe odio...

Oh os meus amigos! Eis aqui que eu hoje, porque um d'elles é feliz, me ponho a raciocinar sobre a amizade, e muitas coisas que eu sentira, sem saber exprimir-as e que eu lêra sem saber comprehendel-as, me parecem agora nitidas. E' que eu já alguma vez fui alegre pela felicidade de algum meu amigo? Que é que eu senti, a mais do que esta alegria exterior, adquirida e ensinada, quando alguem com quem eu vivo é feliz? Inveja ou raiva, e sorrio, a bôcca sêcca, o olhar perdido n'uma chimera de desastres e de amarguras. E no entanto eu sinto a necessidade de me dedicar, de amar, de soffrer com a dôr de alguem. E é isto: eu só sou amigo dos outros, quando elles soffrem e preciso de que elles me sejam inferiores, que sejam perseguidos pela desgraça, para eu os amar.

Que os indifferentes ou os meus inimigos sejam môços, bellos, ricos, que me importa? Mas que aquelles que vivem commigo sempre, sejam mais felizes do que eu sou, tenham mais talento do que eu, calquem a minha vaidade a todos os minutos e me venham contar *para eu me alegrar*, os estupidos! como são felizes, enraiva-me e faz-me soffrer. Quem eu odeio são os meus amigos, se triumpham...

E isto fez-me pensar nos desgraçados e nos grotescos, na dôr dos impotentes, na miseria dos que tem de ser nullos toda a vida; n'este roer da inveja, que en-



che de rugas, que entorna fel na alma, e faz das noites um monologar continuo, cortado de illusões e de quedas, e da vida um desespero. Que livro, o livro d'um incompleto, que narrasse miudo a sua ambição e os seus odios, que estatelasse com orgulho toda a sua alma, para que os outros se rissem da sua impotencia!

Revoltante e humano, surprehenderia pelos recantos ineditos de alma e ainda que miudo, se fôsse soffrido, se dissesse toda a amargura reles, mas que faz soffrir e que despedaça muito mais do que as grandes desgraças, que na sua grandeza tem quasi uma compensação, e que não deixam para toda a vida os vestigios saburrentos d'estas miserias,—esse esguicho de lama daria talvez a sensação de riso e de arripio d'um *clown enforcado* n'um ramo d'azinhoiro, na noite, em sitio ermo e bravio.

A minha face empederniu-se. Apenas, nas horas de dor um rictus m'a corta, com uma expressão de amargura. Poderosa mascara arrellada de dor, tenaz formada pelo nariz recurvo e pelos fortes maxillares salientes. Depois ha nos meus olhos quietos e baços, nas menores lihas da minha figura, não sei que canalhice, que massa de lagrimas e de esgoto!

De todo o que quereria ser se fez em mim uma grande derrocada: por vezes ainda um resto de ambição brilha n'um impeto, como uma lamina que se desembainha, mas logo cahe prostrada e morta...

Esta mesma secura em que vivo me atterra. Sou como uma creatura que visse o fundo de todas as coisas: no amor o interesse, na caridade o egoismo. Estou



secco como um mirrado galho de arvore ao fim do estio e em tudo encontro o fastio e o tedio.

Este mesmo horror da morte me passou. Encolho os hombros agora, e, d'entre tudo, só uma coisa me resta: o Sonho. No covil do meu quarto, d'onde agora nunca saio, agarro-me com soffreguidão á mais miuda idéa, até que de a exagerar me canso. Tanto sonho que a queimo. Tenho mesmo os sonhos divididos, de forma que tudo o que eu queria ser, os triumphos que sonhara, as grandes coisas que imaginara, as vejo, as tenho aqui commigo, conforme a minha vontade omnipotente. E ha dias em que me deito cedo, dizendo-me:—Vou ser Deus!



Ponho-me a pensar na Morte, os nervos torcidos...
E' tolice agora eu querer fugir-lhe e querer enganar-me. Tenho medo, um medo horrivel, nias já sei que é impossivel arredal-A, deixar de A vêr, e ponho-me então n'uma raiva a insultar-me, a vitriolisar-me...

*andideita
nãem
oqz assim*

Estou cansado, exasperado, depois d'uma velhice de fome e de miserias, com longas horas de odio e olhares hypnoticos sobre a felicidade dos outros. A mocidade sobretudo fere-me, a mocidade dos outros, que eu queria vêr adoecer de pustulas. Eu nunca fui moço, nem nunca fui amado, e que fingidos risos de indiferença, que me fazem doer as faces, eu tenho pelo que eu chamo banalidades: ter saúde, amores, ter vida! Com risos eu curvaria o meu bico sobre as desgraças dos infames que teem vinte annos. Eu nunca os tive: fui sempre banal como um velho cartaz de esquina.

Nunca fui amigo de ninguem: dos desgraçados e dos nullos ri-me: aos *outros* nunca pude senão odial-os.

Que importa que elles sejam bellos, amados, felizes, se eu tenho talento?... Mas este raciocinio não me bastava; pelo contrario, a inveja até de coisas miudas



latrinava-me. Sorri-me a ideia d'um hospital, triste enfermária com camas alinhadas onde eu os visse a todos, e aonde os fosse torturar, dizer-lhes que morririam, sentir-lhes o medo, os olhares a pedirem piedade, descrever-lhes, com risos interiores, a marcha das doenças que elles tivessem:

--Numero vinte p'ra a coval»

Porque não continuou o velho clown Halwain o seu *diario*, de que apenas encontro esta folha solta?... Elle interessava-me: comprehendia a sua dôr, que me descrevia em noites febris.

Esta noite encontrei-o enforcado n'uma oliveira, n'um arredor da cidade. O luar escorria sobre a ravina, e n'aquelle sitio desolado, triste e inquietante, elle era comico, pendurado na arvore, mais esguio, a calva a luzir-lhe como uma hostia, molle, repugnante, coçado, como a alma d'um grotesco. *Diario?*... Nem este velho bebado teve nunca *diario*! Esta folha, que elle de proposito deixou ao pé da arvore, foi decerto para se dar ares de incomprehendido. Como se a sua miseria fosse differente da miseria dos outros impotentes!... Azedo, escorraçado porque não tinha character, invejoso, porque não tinha talento, perseguiram-n'o como a um lobo, té que o fizeram andar com fome e morrer como merecia...

Eu nunca conheci um homem mais pittoresco do que este canalha! Estimo bem que os meus amigos morrã, para me vêr livre dos que me fazem sombra e para fazer litteratura. Nunca como deante d'este trapo d'enforcado eu comprehendi melhor a minha alma: estou sec-



co, sem emoções, e cheio de raiva. Eu ainda venho a endoidecer. Não tenham pena de mim. Esta maneira que eu tenho de escrever aos golpes, secca, inquieta-me até. E ha quem escreva tão bem!... Muita gente anda illudida sobre a minha alma. A minha Mãe, coitada, pensa que eu sou bom. Eu rio-me... Mas vamos lá a contar a historia do velho clown:

Muitas vezes me contou com redondos olhares de inveja as suas noites no Circo... (Decididamente eu hoje não posso fingir e escrever como das outras vezes. Muito me hei-de eu rir, quando elles lerem a historia da minha alma!...) Na claridade branca dos reflectores, elle fez intermedios que faziam mal: quiz ter genio á força, e as suas farças afinal, longo, rapado, incommodavam como um remorso. Lembrava miserias, deboches a uivarem com fome, e era lamentavel e triste como uma tumba. De chapéu alto e casaca enorme, rigido e longo, parecia um cadaver fugido ao cemiterio. Pouco a pouco empregaram-n'o em serviços ridiculos: era elle quem levava pontapés dos outros palhaços e como ninguém lhe dava palmas, tiveram de o pôr na rua, porque mettia medo...

Começõu então a sua vida de miseria. Com um usado tapete, um fato de mascarada e uma cabelleira de tres pontas, foi de rua em rua a pedir esmola e a clownear. Foi assim que eu o conheci, e só eu com ferocidade me ria, não das suas farças, mas da sua alma e da sua desgraça—para ter que me rir d'alguem, para me vingar n'elle da minha nullidade... (Eu hoje crevo muito mal, e tenho nos ouvidos sempre esta zueira, e estou a escrever sem largar a ideia de que en-



doideço... Pobre de meu Pae que morre com certeza...)

Velho, com fome, enquanto outros na claridade dos circos eram applaudidos! Que raiva de morte! Ainda se a gente tem consciencia de ter genio!... Mas assim: tendo a certeza da nullidade, da miseria, da velhice, quando ha alguem que triumpha, que é bello!... E vêr-se a gente, por dentro, odiento, mesquinho, impotente, tendo a certeza de que os outros são indifferentes ou, o que é peor, bem peor—o que dá vontade de assassinar—o saber-se que os outros dizem: coitado!

Coitado de quê! Que é que você tem commigo! Oh tivesse eu energia para o assassinar, dizendo-lhe: tenho mais vida, vê, tenho mais genio do que tu!... Eu não quero amigos! eu não preciso de amigos para nada! eu agora vou-me rir de tudo o que não posso fazer, ouves?...

Começaram a cavar-se-lhe rugas da inveja, aos cantos da bocca. Habitou-se a tudo: a pontapés, a dizer bem dos que odiava, para que elles consentissem que elle tivesse algum talento, a ter sempre um riso nos labios espremidos, a passar horas mortaes ouvindo dizer bem dos outros... E nem uma mulher em quem bater! Nem uma pobre alma miseravel que elle fizesse soffrer para se consolar. Ninguem para torturar, ninguém!...

Eu hoje estou doente. Nunca escrevi peor. Esta historia não ficava mal, com descriptivo e a analyse d'esta velha alma, coçada e cheia de odios miudos, atravez d'uma Cidade lobreca e comida pela Peste e pelo Vicio. Mas não posso mais. Sinto que d'aqui a duas horas



estou doído. Antes, porém quero dizer-lhes uma coisa: acreditem que eu tinha algum talento. Fui sempre um desgraçado, sem felicidades e sem paz. E os outros são felizes... E também não me importo de ó dizer, por que já não me podem fazer mal:—Fui eu que o matei: enforquei-o por maldade, para me ver livre d'elle, que me affligia e valia ainda mais do que eu—o miseravel...



Na minha alma é tudo vago e inaccentuado, como nos dias cinzentos de nevoa. Não tenho vontade de ser nada, nem de fazer nada e cheguei a esta conclusão sobre a vida:

Tudo é illusão e mentira. As arvores que eu amo sobretudo na terra, as coisas e as creaturas, são illusões: a gente é que as cria, as faz bellas ou tristes, soffredoras ou hirtas; a morte e a vida transformações que para nada importam; o homem uma chimera com ancia na alma...

No fundo do meu sèr se amontoou um grande, um profundo asco pelas creaturas. Sob a mascara da virtude encontro o egoismo e a vaidade. Acho que só vale a pena dominar, conduzir a Multidão estúpida e ignãra, para passar a vida e esquecer esta lucta continuada de exasperos e de aspiração, que na alma de cada um se debate — mas se vou a luctar pergunto-me com tedio: Para quê?... E ha dias em que tenho pena de não soffrer como outr'ora... Horas e horas aperto a cabeça nas mãos e pergunto-me raivoso: mas que idèa faço eu de mim e da vida? Que é que eu significo?



Encontro a dôr no fim de tudo. Não vou para um prazer sem pensar no fim, na desgraça que em tudo se aninha, no tédio de ter realizado... E na minha alma se fez pouco e pouco um grande vacuo, um amargo tédio por a vida ser só isto, por o sol brilhar só de uma fôrma e por já ter imaginado todas as coisas... E no emtanto eu não vivi senão por imaginação.



Meu amigo: . . . E' sempre a mesma coisa ha mezes, a mesma anciedade sem causa, que eu não sei de onde provém. Parece-me que espero uma desgraça desconhecida, uma catastrophe que ignoro — e que nunca chegará. Que nunca chegará, ouves bem? . . . Vivo alheado, o cerebro espalhado por todas coisas: apenas esta inquietação me domina e euche. Sobresalto-me com o menor ruído imprevisto: a porta que se fecha é para mim uma angustia. Comprehendes isto? Antes a catastrophe que espero cahisse sobre mim e me estatelasse no solo, do que este terror continuo, a inquietação do que é vago, o afflictivo do nada . . .

E eis-me assim absorto: as idéas não me prendem, as coisas não me prendem: vão e vem sem se lixarem no meu espirito, n'um redemoinho. O findar das tardes, n'esta primavera, é-me então doloroso. Quasi nunca saio: é na prisão do quarto andar que eu teço as minhas idéas. Vês tu? ás vezes tenho esta illusão: de que o meu quarto está cbeio de teias de aranha, a tal ponto em teinho aqui imaginado e soffrido . . . Sobretudo ao fim da tarde é tão triste! A luz entra pelas grades, pallida



como clarões d'almas que se extinguem. O crepusculo enche-me de nostalgia. Lembro-me de coisas d'outrora, e é como sobre mim passasse o alfago de olhares tristes de todas as mulheres que me anam: a mãe, as irmãs, namorada. Tenho pena do que não vivi no dia, do que não gozei, da luz e das arvores que não vi, de todos os sonhos que me não lembram; do meu chimerico passado, ha mil annos, quando eu fui Rei e Poeta; e parece que uma parte do meu ser morre n'esse instante, irremediavelmente, na luz que se extingue. A'manhã já não serei o mesmo: a minha alma deve fazer differença. Deixa-me explicar-te isto melhor: é como se eu fosse composto de differentes séres, cada um com as suas idéas, os seus sonhos e as suas illusões, e por cada tarde que finda, na luz que cerra os olhos, um desaparecesse para sempre, levando uma parte de ventura e de tristeza...

Ha tardes que se evolum como perfumes; enchem de nostalgia e enervam...

Meu amigo... E' pois certo? Sabes que eu não tenho a culpa. Ha outro sér dentro em mim que faz, sob a minha vista, tudo o que é mau, sem que eu tenha energia para protestar, nem para me oppôr... Porque é que eu soffro com tudo e porque apenas as coisas simples e inesperadas me encantam? um galho de arvore tocado de clara luz, que por ventura encontro no caminho, um sorriso de mulher que passa e que eu nunca saberei quem é, apesar de o guardar no coração, um desmaio de ceu ao sol pôr... E, ainda n'estas coisas, o prazer vem tecido de amargura: é uma tristeza deliciosa, como a d'um amor que vae findar e



de que a gente se apressa a beber os ullimos olhares, feita, eu sei! da pena de não ser a arvore, o sorriso, de os não ver todos os dias, de talvez os não sentir mais fundo... Para os outros gosos de que falas e para que vou de proposito, levo então sempre commigo um dos multiplos sêres de que sou composto, acordado e de pé—a Duvida. Não me abandono nunca: vou a raciocinar, já de autemão tendo visto tudo, e tendo medo da amargura que resta sempre na alma... Duvido de tudo, até das coisas mais simples, de fôrma que apesar de a minha sensibilidade fina e parece que feita de proposito para o goso—converto-o sempre em dôr. Sou como uma guitarra afinada de mais e a que estalam as cordas..

Maria:

...Mais nada: eu queria apenas desfazer-me n'um dos teus sorrisos um pouco tristes, na luz dos teus olhos extasiados.. Dizes tu: «vem que a casa parece um ninho, as arveres do quintal estão carregadinhas de flôr... Depois que te foste embora nunca mais o lume se accendeu... Tu estás tão bem aqui: a sympathia que se evola das nossas almas aquecerá a tua, a luz dos nossos olhos e os sorrisos das nossas boccas, que só para ti se fizeram, agasalhar-te-hão, sem te magoar...»

A verdade unica é esta: é que eu só estou bem onde não estou. A aldeia e a paz são boas e lindas d'aqui, do bulicio e da lucta. Como eu te amo assim! como tu me appareces, nos dias de amargura, branca como o meu anjo da guarda! E é tão bom saber a gente que, longe, tem um logar onde nos esperam e nos querem,



o amor certo, a amizade certa, corações que só batem por nós... E's egoista, dirás tu Maria; mas não, não dizes, eu sei...

Depois a vida da aldeia parada, a olhar crescer as arvores, não deixa esquecer a vida e a dôr: na tranquillidade é a minha propria alma que se consome: recolho-me e rebusco-me...



E' que esta piedade que eu sinto por tudo o que na vida magoa, não é um egoísmo? Não é antes piedade por mim proprio e um dilacerar da minha propria alma?... A minha desgraça cavo-a eu e com que furia! Pormenores que para os outros passam despercebidos, miudos casos da existencia, que para nada importam, com que furor, ainda que se rompam fibras, eu não os cavo — coveiro, que anda a abrir a propria cova para enterrar o quê? Restos que para nada importam, porque a alma, illusões, tudo já despedacei. O meu infortunio faço-o eu, maldita sensibilidade! A minha alma corcova, com pedaços torcidos, paralyrias em parte e n'outras tão sensivel que se lhe não pode tocar...

...E afinal eu sou amigo d'este moço... Porque é então que eu lhe tenho inveja e que desejo—juro-o—que elle adoça gravemente para eu o tratar? que elle seja desgraçado para eu o consolar?... E porque é que me ponho a vêr, n'uma chimera, desgraças, catastrophes a cahirem sobre a sua pobre cabeça, quando elle é feliz?...



Para eu ser amigo d'algum é necessario que esse seja menos feliz, menos rico, menos bello que eu: é preciso que eu o proteja...

O curioso, porém, é que eu me ponha a pensar, quando o desejo desgraçado, trazido para casa, livido, com as pernas partidas:

—Mas eu não sou amigo d'elle...

E sou-o muito, juro-o...

Somente ha occasiões em que o odeio.

Com que extraordinaria sinceridade eu me ponho n'uma furia a descobrir n'um outro, vicios e defeitos, que eu mesmo tenho, e a odial-o por isso!...

Com que tenacidade me ponho a descobrir n'elle a inveja. Tenho a certeza de que é invejoso!—digo-me. Mas porque é que me incarnição a procurar nos que amo más qualidades? Sou sincero quando sem raciocinar, immediatamente, ao descobrir n'elle a inveja, o rebaixo a meus proprios olhos, para me demonstrar que elle é indigno de ser meu amigo?... Não, não é por isto: eu é que sou invejoso e, por ter inveja d'elle, é que o humilho com furia na minha propria alma...

Quando por orgulho e por irritabilidade quebrei com elle, encontrava dentro de mim, com um desmoronar de torre, a voz a repetir-me:

—E' irremediavel! é irremediavel...

Era como um echo triste e prophetico que me opprimia. E então censurava-me: Eu é que tinha a culpa... Porque cavava mais fundo a cova que nos separava já?



Porque vivia n'um exaspero de egoista, a dizer-me se o via rir: Então elle anda contente e eu desolo-me?... Foi porque me pareceu que uma resolução definitiva me traria a paz que quebrei. E o que me irritava mais era vêr que elle não soffria como eu!...

Egoismo absoluto, seccura de alma que me desespera. Nem uma ideia a que me agarre, nem ao menos sentir, ter uma dôr d'alma tão forte que me faça esquecer... Esquecer! felicidade de ser arvore!...

Quando alta noite na cidade toda negra vejo uma janella que ainda luz, me digo: Tu, quem és, tece, tece inda que tudo é vão, se quebrem os fios e nada te reste por fim; tece, inda que na engrenagem te vão ao certo pedaços de coração, de nervos e da alma...

E' inaudito!... Se eu até sonho e teço illusões e chimeras na latrina!

A's arvores, para dar flôr, ha-de-lhes doer...



Como é pequena a Dôr que eu, imaginativo, engrandecera! O' chimera da Vida! pois a vida é isto? estes apertos de mão, esta mentira, este monologo entrecortado de risos, de lagrimas e de infamias? este sonho e esta lama? esta inveja e esta vaidade? Isto é que é a vida? Ou eu sou diferente?... Eis porque hoje me faço estas perguntas:

Morre-me meu pae. A vida d'elle foi de sacrificio, para que eu vivesse em egoista. Amava-me como um filho: eu, porém, devo dizer, que muitas vezes fui mais amigo d'outros do que d'elle. Seria porque eu sabia certa, descansava na sua amizade? Venho de assistir ao seu enterro. Era uma d'estas tardes afflictivas, de nevoa, em que não cessa de chover: embrulharam o caixão em cobertores e levaram-no p'ra sempre. Ora eis aqui o que eu pensei, o que eu senti na sua morte e no seu enterro, emquanto lingia que estalava de dôr.

Horas antes eu presentira a sua morte, porque elle se demorasse, e dissera-me a frio, quasi inconscientemente, como ainda não tivesse comido:

—Vou comer antes que se saiba d'esta desgraça, senão depois não posso: tenho de chorar...



A's vezes, se me ponho a olhar p'ra dentro, tenho um arripio e fecho-me logo: não me quero vêr...

Vi-o metter no caixão, frio, a fingir que estalava de dôr, mas morto por estar a sós. E dizia commigo, espantado:

—Mas então porque é que eu não soffro muito, como todos diziam?...

O que me fazia não ter dôr e chorar a fingir, era eu saber que devia por forças soffrer, que tudo estava pautado, previsto, e que todos os filhos ha seculos choraram quando os paes vão para a cova, ou era o scenário?...

Vi, com cansaço apenas, que o lavavam, que o vestiam, áquelle que na vida ia atraz de mim, d'olhos fitos em mim, a chorar com as minhas penas: pregaram o caixão e sahiu da nossa casa para sempre.

E tinha-me odio, porque me sentia secco e não soffria muito, quando um bicho, uma arvore vestida de flôr, me enternecem... Para me desculpar, raciocinava: se fico frio é porque não estou convencido por ora da sua morte, nem sinto a sua falta. Mais tarde! mais tarde!...

Ando a passear na Vida uma imaginação desgraçada, que me faz achar tudo pequeno na realidade. E' assim que por imaginação tenho soffrido tudo e sentido tudo: portanto, se uma desgraça cahe sobre mim, ou se vou n'um monologo para um prazer, acontece-me a miudo ter um—Era só isto!—de espanto. Tanta vez eu tenho assistido á minha perda e á dos outros, a escarlates chimeras, que ser morto ou ser Rei, enforcado ou Carrasco, não me espicaçaria com novas sensações. Estou gasto e velho, porque, sem—ó desgraça!—ter vivido,

imagem
repetida
→ Boco

tudo vivi. Eis a razão de ao lado da minha amargura, do feitiço azedo, de perseguido, que ha em mim, uma outra porção da minha alma estar cheia de illusões, de candura e de lagrimas: é que tem sido por imaginação e não na realidade que eu vivi. . .

— Tenho medo de morrer? Porquê? Pelo desconhecido: e muito mais me aterra outra vida, que eu deliro, do que o repouso, ser couve, arvore, macieira do meu quintal. Tivesse eu a certeza de que a morte era apenas a transformação e nada de peor, e, morta, plantassem-me uma arvore, um simples espiuheiro na cóva e toca a ser seiva, a ser flôr, a apanhar sol, sem soffrer e sem ter coração e sem pensar. O que me aterra é encontrar-me *depois* com não sei quê de espantoso, de cóva. . .

— Ou eu sou incompleto? Sou apenas um duro egoista, sem alma, capaz de me enternecer, d'uma grande sensibilidade, mas não d'uma grande Dôr? De tudo sentir, mas não de soffrer muito?

— Eu que me commovo com pequenas coisas, com uma palavra sentida, serei eu tão incompleto e tão grande egoista, que não seja capaz de soffrer? Homens de genio ha que morrem-lhe os filhos e ficam seccos, morrem-lhe as mãos e ficam seccos, e porque um certo dia, n'uma certa hora pisaram um bicho é como se lhe tivessem calcado o coração! . . . Assim conheci eu um abbade, que fugia de casa a chorar de todas as vezes que o hortelão podava as fructeiras do quintal e que deixava a mãe morrer à fome! E estes homens sabem descrever a dôr como ninguém, contam-na, por imaginação, nos seus livros, tão soffrida, que nos fazem chorar.

E se eu tenho pena de ser assim, não é por remorso, é por vaidade: por me sentir incompleto. E quasi todos são maus, egoistas descarnados, resequidos, e quanto mais capazes de fazer sentir aos outros a dôr, de os fazer chorar, mais duros com os seus, menos capazes de soffrer.

Um pobre homem que soffra muito, com bondade é que nos conte a dôr, é muito menos capaz de nos transmittir essa sensação, do que um homem de genio, em quem a sensibilidade apenas trabalhou. Porque um soffreu apenas, eis tudo, soffreu como uma arvore que se corta, sentiu a dôr: não a commentou, não a explicou, não a transmittiu ao cerebro, não a armazenou: soffreu como um simples, e se a quizer contar tem duas ou trez rijas palavras apenas: falta-lhe a imaginação da dôr. Algumas vezes essas duas ou trez palavras valem por todas as paginas do outro; mas valem só para quem tenha imaginação para as receber, para as sentir e para com ellas crear...

*Fernando
Pessoa*

Não! a grande dôr, tão humana, talhada de uma só peça, rija, que anniquilla e parte o coração e o craeo, não a têm elles; perde-se, desfeita em multiplas sensações, que vão despertar idéas. Por isso mesmo tambem os nervos se lhes torcem e vibram, com a agua que corre ou tons violaceos de montes, ou uma saudade, ou a alma d'uma arvore, pois que ellas encontram feições e sentem as coisas até, aggressivas ou de braços abertos...

E' talvez por isso que a vida é para elles um monologo continuo, imaginação soffrega, sempre perseguidos, mas só capazes de comprehender a dôr, quando



ella os interesse. E porque tudo sentem, e com tudo estremecem e vivem na amargura, nunca um grande soffrer os dilacera.

Enriquecem o seu cerebro, a sua personalidade, e o seu genio é cada vez maior. Egoistas duros, tiram apenas dos outros, o que lhes pôde aproveitar dos amigos o que lhes pôde servir para a sua alma: incapazes de soffrer, de se dedicar, de viver para ninguem, a não ser para elles. E soffrem por tudo, porque os outros se não despedaçam por elles: só capazes de verem o que fazem pelos outros, não se lembram dos que por elles se dedicam, achando naturaes e banaes até as maiores dedicações, feitos para a ingratiidão mais negra.

Quanto mais desenvolve a sua personalidade feliz e rica, menos aptos para soffrer a grande Dôr e mais promptos em sentirem piedade por tudo, pelos bichos, pela paizagem, por uma arvore que se esgalhe n'um fundo opalino, por um azul de ceu que os interneça, lagrimas nos olhos a uma palavra sentida, coração como uma pedra deante d'uma grande desgraça.

Resta saber se essa piedade e essas lagrimas não representam egoismo apenas...



Vocês tem reparado n'uma coisa?... Que se vertem lagrimas unicamente por vermos os olhos de outro doentes... E' por uma questão de alma idêntica que damos esmola e que temos pena das desgraças alheias. A piedade é afinal por nós e não pelos outros...

Sinto dentro do craneo o cerebro a diluir-se-me... E' um ruido de liquido, um chapinhar amollecido, que me desvaira.

Ós pessimistas!... Mas eu adoro-os, tanto quanto os optimistas me irritam como creaturas que não têm alma. Que é ser pessimista? E' apenas crêr na vida, como ser diabolico, blasphemar, é ainda acreditar em Deus. Pois não são só os que soffrem, aquelles a quem magoaram nas suas illusões, e que, com uma grande sensibilidade, a vida brutalisa, que se põem a dizer mal d'ella?

Dá-se commigo uma coisa curiosa: é que muitas vezes me acontece estar a dizer palavras falsas e a represen-



tar, sabendo-o. Digo-me: Estás a representar! — e apesar d'isso continuo, com o mesmo sorriso fingido e as mesmas palavras feitas para a galeria.

E' como quando sei que estou a fazer uma coisa má e continuo; quando sei que estou a fazer soffrer alguém que amo e continuo. Ha uma parte do meu ser que se revolta, mas não sei que fatalidade me impelle e me faz ainda, para me esquecer, fazer peor...



Dias ha em que me deito na cama e não tenho mais vontade de me levantar. Olho em roda. Toda a vida me parece abhorrecida e vasia. A minha falta de energia exaspera-me. Estou gasto e com rugas aos trinta annos. Estou cansado e exgotado, sem imaginação e sem nervos. Allige-me não ter sido moço, não ter vivido como os mais, e insulto a minha chimera que me parecia de oiro, por quem me exgotei, para afinal a encontrar gelada e fugidia... Errei o caminho: não era por aqui. E' talvez por isto que as velhas sequiosas de amor me interessam: as suas almas são eguaes á minha alma. O que com ellas se passa, dá-se commigo, agora que ninguem me quer, não sou moço e me apavoro com as primeiras rugas cavadas pela tortura de viver...

Ninguem notou a dôr d'estas velhas creaturas, ressequidas e de bocca crispada de amargura, que de noite rodam na cidade e a que a sede de boccas juvenis toca o olhar de loucura?...

Uma vez ouvi uma creatura, n'uma noite, na hora em que se tem a necessidade da confissão. Ella contava com uma candura de se lhe cuspir e havia na sua nar-

A FALSA



ração um tão aspero soffrer, que se esquecia toda a infâmia da sua velhice soffrega de moços, para só restar a eterna dôr.

Passa o dia a contar as rugas deante do espelho na raiva de se sentir escarnecida e velha. Medita, calcula quantos moços pôde vir a amar: engana-se e convence-se de que ha-de ser feliz e que não está velha nem feia. Põe flores no seio estancado e raso como uma taboa e arripia os cabellos. A' noite sahe, roda nos sitios escusos á espera d'uma aventura de amor, ou, desvairada, vae pelas ruas da cidade, a arrastar um chale purpura, e se acaso encontra dois seres que se amam, moços e felizes, que subito exaspero, que amarga inveja, a não derranca!...

A sua imaginação todas as noites a tira de casa, certa de que vae realisar o seu sonho, e, tarde, torna n'um cansaço, amarga e de olhar fixo, sem se ter atrevido: A'manhã! amanhã!...

E' encantadora de timidez: imaginativa fica na escuridão a tecer, a tecer as suas ideias, aureolada, pobre alma cheia de delicadeza e que ninguem comprehende. Com as suas amigas tem conversas sobre a inutilidade e a grosseria do amor.

—Oh! minha senhora!...

Ha uma que fala de si e de olhares redondos, ella escuta, avida, com sorrisos que magoam, crispada a bocca, e acaba por dizer-lhe, para a fazer desgraçada, que desconfie: nada é certo, elle não a ama, adivinha-o ella, porque tem muita pratica de amor!

Por fim um dia conta-lhe, para que a outra tenha inveja, que tambem é amada com soffreguidão por um moço—e tudo aquillo é fingido, ai!... No emtanto está



quasi convencida, tanto o tem sonhado, sente quasi o que narra, té os pormenores: diz lhe o que sofre e como vae romper por caracter e porque quer ser honesta!...

—Ella! de resto, ella não póde amar!...

N'uma noite encontra a outra n'um banco do passeio com um homem, e caminha, desvairada, a fingir que é segnida. No dia seguinte logo a procura e põe-se-lhe a narrar em palavras precipitadas, estrangulada e com que pobre sorriso na bocca! como tambem tem um amante, que é bello e moço!...

Tem outra amiga: uma á outra, convencidas, se nar-ram os seus amores sonhados. E d'aquellas conversas sahem sempre com um amargo travor e uma desolação maior.

Da vida assim fica-lhe o olhar desvairado, p'ra dentro, de quem segue na alma um sonho e anda na vida por acaso; de todos aquelles em quem a vida interior é enorme e que ficam surprehendidos, quando a dôr lhes diz que o mundo existe. A cidade tragica faz-lhe um decôro sabio, com a noite em que a escumalha vem á toua, a miseria, as casas de hospedes, as ruas esganadas e o vicio.

Encontro-as nas viellas, altas, ossudas, miseraveis caiadas aos setenta annos; outras de cabellos brancos chale escarlata, os olhos inquietos... E estas são as que se atrevem, as que se expõem a risos, que as põem em carne viva, porque muitas arrastam, timidias, pelas casas de hospedes, o seu sonho de amor...

Se sabem correm a Cidade, os arredores tristes, desolados, onde as oliveiras se atropellam pelas ravinas, e a seguir uma chimera passam as ruas, os bairros adormecidos, onde encontram pares de enamorados, que lhes

servem de pretexto para alimentar a imaginação, para enraivecer a dôr de serem tímidas. Felizes os que aos vinte annos se cobrem de beijos, fortes e esquecidos de tudo!...

Ella é só, velha, com rugas, depois de uma mocidade esquecida e banal, velho estupor que ninguem quer. Mocidade secca, de sacrificio, sem amor, sem ter uns labios a saberem a sangue a quem beijar. Virgem aos quarenta annos!—e por isso tem-se odio, tem odio a quem, por causa do mundo, a não deixou viver. Viver é tudo! e viver é aos vinte annos, viver até estoirar, que importa! Os estupores que a enganaram!... E, deante do espelho, esta confissão lhe escapa:

—Tola que eu fui!... Antes eu tivesse sido...

Fal-a tímida e má o não poder realizar a sua aspiração, o ter de viver duas vidas, e quebra as phrases, não sabe falar, a fugir sempre para o sonho, concentrada, a esquecer-se...

Porque é que esta mulher me prende apesar de tudo? E' que ella é bem curiosa e bem humana, e como todos os que andam na vida atraz d'um sonho, e soffrem as angulosidades da existencia, entenece-me. Mais: ella é uma synthese da vida: vae p'ra cova sem ter sido amada e secca e gasia pe'a Dôr.

O
AVESTÃO



Dialogo:

—Porque não fazes isso?...

—Já o fiz, porque já o sonhei: já tive a imaginação de fazer o triumpho, de ter vencido, de ver os sorrisos amarellos dos meus inimigos. O resto agora é o estu-por da realidade: é transformar uma coisa alada, de souho, n'uma obra fria e de pedra, torturante sempre e tão secca, tão dura!

Maria:

...A macieira, que aqui tenho agora no meu quintal, anima-me e ensina-me a viver... Depois, na noite negra abro a janella e vejo a sua brancura de vestido: é como se a minha noiva alli estivesse: sinto-me inquieto e desfallecido... O vento abana-a e ella estiva a terra de lagrimas geladas...

Tenho vontade de chorar, de me desfazer em tristeza, de me pôr a dizer baixinho o que soffro, as iniquidades que me nascem na alma: ha certas horas em que a gente tem necessidade de dizer tudo, de contar a sua vida: creio que a confissão christã é obra d'un grande psychologo...

METAFORA
da
ÁRVORE

Hoje, por exemplo, foi para mim um dia de exaspero, d'estes dias em que não amo ninguém — e agora bastou esta macieira, como uma phrase sentida e arrancada do fundo do coração, n'uma conversa esteril e secca, para me fazer simples e arrazar-me os olhos de lagrimas... Como eu sou contradictorio! Uma vez basta-me um toque de luz, para eu ser feliz, outras odeio a valêr os outros.



Petrificado. Havia uma luz pastosa, uma toalha de luar, atmospherá feita de sons magoados, extendida sobre a planície secca, lisa até ao infinito. Subito como um riso que se estanca apavorado, o som cessou, ficando no ar uma inquietação vaga, um terror de vida suspensa. A luz espalhava-se para o fundo, como uma nodoa que se alastra e come a treva; subia pelas coisas, descia, esbranquiçada, molle e a fluctuar, esparalhada... N'um soluço de claridade senti que alguem vinha: não podia olhar, voltar-me, encerrado na prisão da minha capa de pedra. Tinha um medo enorme. Fazia esforços para mecher um dedo, um dedo apenas. Dizia-me: estou a sonhar! estou a sonhar, socega!—e parecia-me, que, enfim, como quem ergue uma torre, conseguira abrir uma fresta de palpebra, pois que, mar represo que encontra saída, um esguicho d'aquella mesma luz esbranquiçada se me precipitára com ruido no craneo...

Alguem vinha. Era um homem montado n'um velho cavallo de carroça, esguio, a fluctuar na nevoa como um trapo. As patas do cavallo não tocavam no chão e dir-



se-hia que elle boiava na atmosphaera. O cavalleiro era afflictivo, tão magro que se lhe viam todos os ossos e nu, de olhar gelado e morto, por todo elle se espalhava o soffrimento e a dôr...

Tinha pena do cavalleiro: a minha magoa espalhava-se em redor, na atmosphaera arrazada de lagrimas. Quem era? quem era?... Vinha vindo n'um silencio de cova e eu sentia, que se o outro falasse, as suas palavras cahiriam por terra congeladas, duras como calhãos. Via tambem que o cavalleiro não podia falar, ainda que para isso lizesse um esforço sobrehumano. Se ao menos lhe podesse vêr a cara!... Mas o outro voltára-a e o cavallo sacudia-o abandonado n'aquella atmosphaera dolorida e onde me parecia que bastaria pousar-se, mecher-se um dedo, para a magoar... E de subito pensei: Então o ar tambem soffre?...

Apenas esta idéa me nasceu no cerebro, que a pude ver tomar forma na planicie: d'um pedaço d'essa mesma atmosphaera pastosa e d'onde a luz parecia emanar, se fez uma arvore brava e aggressiva, de folhas com mãos negras a amaldiçoar e tronco nodoso e torcido.

Mais perto vinha o cavalleiro. Agora quasi o tocava, passando por mim como uma apparição afflictiva... Quem era? quem era?... E pude ver-me então, pois que era a minha face e os meus olhos absortos... N'um pavor debati-me. Quiz erguer a cabeça e pesava-me como uma pedra: nos ouvidos tinha um ruido de Mar bravo...

Vi então no fundo da planicie uma cruzinha fina e nitida que parecia a mastreação d'um navio a deslizar n'uma correria para mim...

E achei-me de subito deante d'um Christo do tama-



nho d'uma torre, vivo, pregado na cruz e a seus pés como uma montanha de Dôr, aniquitada, a Mãe soluçava. O terror desvairou-me deante da immobilitade horrorosa do Christo e n'um berro acordei, ao vel-o chorar enchurradas de pedregulhos, que vinham a rolar até mim...



A
FARSA

Da janella berravam:

—Ai que lá o levam! ai que lá o levam!...

Na rua e na noite de ventania, o enterro patinhava na lama. As tochas bruxoleavam e aquelle grito desesperado, como um miar de gatos enraivados, não cessava:

—Ai que lá o levam! ai que lá o levam!...

Fechei-me no quarto transido, a imaginação a tecer-me pavores e catastrophes. Como a terra devia estar molhada e fria!... E as visinhas berravam e a ventania fazia-lhes côro:

—O meu rico irmão que o não torno a vêr!...

Olha com este frio na terra encharcada! E inerte, gelado, morto... Se vale a pena tecer illusões, andar a gente a encher-se de sonho, para ir transido para a cova!... E a Voz dentro em mim começou de murmurar:

A Voz: Ah! estas tu a pensar na Morte!...

Eu: Não, socega... Não principies a affligir-me...

Mas já a Voz me bradava desfigurada, como uma figura tragica a pregar coleras n'um sitio ermo:



—Anda besta!... Tu é que és o culpado! Mettes-me não piedade, mas nojo. Para que andas tu a procurar a dôr?... Eu bem te digo! em bem te digo!...

—Eu já não penso n'isso...

E a *Voz* n'um sussuro ironico, continuava dentro em mim:

—Não penses, não penses!... Vê se socegas! Estás de mais a mais a representar commigo!... Ou então excita-te, excita-te e depois não te queixes!...

Sentia-me gelado, n'um pavor, e no craneo um sussurro como se m'o enchesse todo o Mar. Era a loucura? Era a Marte? E a *Voz*, encrespada, assobiava-me raivosa:

—Que estás tu ahi a fazer não me dirás?... Bonita figura! E' melhor confessares que estás cheio de medo... E' melhor ires-te embora...

Eu—E' o mesmo... acabou-se!...

A *Voz*. Eu bem t'o dizia! eu bem t'o dizia!...

Para afinal morrer!... E' certo: todo este sonho, esta lucta, toda a vida feita de desesperos e de lagrimas, de coisas encadeadas, uma ridiculas outras dolorosas — para afinal morrer!... Se olho pra traz é a mesma cadeia, tecida a lama da vida e a oiro do sonho, amassada nas mesmas lagrimas; se me ponho a vêr o que me espera, é a mesma coisa ainda: caras que apenas envelhecem e se fazem duras; corações petrificados, o mesmo tédio, a mesma rua comprida e estúpida. Que estás tu aqui a fazer?... Ah sim os outros!... Os outros não me impertam--se não os odeio... Para que é que elles me humilham? para que é que elles triumpham na Vida? para que é que elles são felizes quando eu me desespero?...

E a verdade negra é que esta mesma inveja me di-

lacera... Quando eu me ponho a odial-os, ao sorrir-lhes, uma voz se encarniça dentro em mim, a bradar-me: Sou um invejoso! sou um invejoso!... E depois tenho a noite perdida, depremido, humilhado, a cara a doer-me de lhes ter sorrido, na alma o rancor, a vontade de romper um dia a cuspir-lhes o meu odio...

Mas isto não dura, pois que eu nem no odio tenho energia...

E depois o que eu tenho no cerebro, este pedaço de sangue resequido, não me deixa pensar... Mas não tenham pena de mim. Acabou-se. O que eu não quero é a piedade de ninguem... Isto cresce, ás vezes choro, doe-me como se me cravassem largas laminas a desconjuntarem-me a abobada craneana. E fico absorto, a olhar para a Morte e para a loucura.

Esta noite bem vi que falavam de mim e que se riam de mim. Bem o sei e bem o sinto, e é humilhado, ras-teiro, que eu me ponho a escutal-os, a falar-lhes...

Accontece-me ás vezes não vêr um amigo dois mezes: quando outra vez o encontro é para mim um desconhecido.

Esta noite ia a entrar no meu quarto e vi, destacada, a sangrar na treva, uma cabeça de Crucificado. Gritei de pavor.

E outra noite me appareceram, vivas e a sangrar, as Cinco Chagas...



Suspendem se na minha alma teias de aranha, como n'um cubiculo de ha muito abandonado. Não sei o que hei-de fazer. E' um tédio vago, feito de nevoa alastrada. que só foge com a vinda da noite, para que vou desesperado como para um principio de cova, um começo do mysterio do não-ser. Aborreço-me a mim proprio, depois de ter aborrecido tudo: fico absorto, sem bulir, raivoso por não sentir nada, nem pensar em nada.



X

Eu estou doido! A minha vida é uma continua humilhação em busca d'uma chimera. Depois pergunto-me: Para quê? E' que vale a pena? Não me engano? Quem me diz a mim que não sou tão nullo como os outros, absolutamente como os outros?... Enregelos-me só de pensar em tanto esforço perdido, se penso que trabalho, para que os outros tenham pena de mim. Como eu os odeio! com que risos, que me fazem doer as faces, não os escuto contar-me como triumpham! Para que consintam que eu tenha valor lhes sorrio, com fel na alma, a bocca secca: humilho-me, encolho-me, não tenho opinião e depois a sós enraiveço-me. A voz cá dentro começa a accusar me: Para que te humilhas, besta?—E diz-me como sou vil, mostra-me a minha alma mesquinha e a sangrar... Depois esta mesma certeza de nulidade, faz com que eu me ponha a pensar na morte d'elles um a um ou em fugir: nunca mais vêr ninguem que por mim mostrasse um interesse, que eu sei fingido, uma amizade que me enraiva, porque se parece com a compaixão...

Porque é isto: eu não comprehendo a amizade assim,



nem o amor assim. Parece-me gelado e eu faço sempre até da seccura uma paixão. A piedade que eu tenho pelos bichos estende-se até as duras pedras dos caminhos. Acredito que tudo sofre, que tudo tem alma e emoção— as arvores, as creaturas e os calhãos. E até, sabei-o, já uma vez me aconteceu ter lagrimas pela sorte de uma pedra que nem minha conhecida era.

*Idéia
repetida*

Muitas vezes me parece que sou composto de duas creaturas: uma, cheia de emoção, sendo capaz de correr perigos para salvar um bicho da morte, outra que dentro em mim se encarniça, raivosa e má, com invejas, pragas, coisas mesquinhas, tumultuarias e indefinidas...

Foi isto: vi-me subito, n'um pavor, perseguido por uma multidão que se perdia na noite—e todos tinham a bocca cheia de chufas e as mãos cheias de lama...

A vida parece-me uma coisa má, tumultuaria, indefinida, onde as creaturas são despedaçadas por entre lagrimas, berros de pavor e risadas de escarneo. Tenho visto gente crescer, amigos mortos, catastrophes, arvores que se cobrem de flor, noites tão tumidas de luar e de vozes dispersas, que dão vontade de morrer. Que faço eu aqui? Não acredito em nada a valer, não tenho fé, nem sou capaz de me sacrificar por uma idéa: vou no vagalhão empurrado, arrastado ao sabor de ventanias. Parece-me que já vi tudo e já senti tudo. E no entanto tenho medo de morrer e ponho-me a pensar às vezes que só vale a pena viver para sonhar n'outra vida melhor: para tecer chimeras, idéas... Mas tudo isso é tão fugitivo...

Vi que a multidão é má e se ri e despedaça, indifferen-



te, creaturas; vi que ha homens tão desgraçados que, se têm dôres são ridiculas. As suas amarguras fazem rir a multidão. Nascem para soffrer, eternamente perseguidos, encolhidos, habituados até á desgraça... Outros têm na vida um methodo e vão por ahi fóra e tudo subordinam ás suas idéas, torcendo a vida p'ra que ella caiba dentro de regras. Riem, choram, atropellam-se. Soffrem e fazem soffrer. E as arvores gelam de flôr, ha noites de tanto luar que fazem palpitações de coração. Tudo em torno é indifferente a esta comedia, em que uns não sabem para que, ha tantos seculos, representam e os outros, de tanto escutarem, vão ouvindo sempre, sempre as mesmas coisas, monotonas e repetidas...





SEGUNDA PARTE

O PALHAÇO E O AMOR

FEZ-SE então palhaço e foi trabalhar para o circo. Só sabia à noite. De dia ficava no covil da casa de hospedes da D. Felicidade a ruminar pedaços de sonhos, gastos e esquecidos; mas a noite na cidade encantava-o com os seus aspectos dolorosos e imprevisitos. Tudo o que de dia é anguloso e duro, logo que noite se dilue, e a meia tinta, onde as figuras apparecem, dá toques de sonho á cidade lobrega e tortuosa. Os becos que surgem subito, como boeiros rasgados para o interior dos bairros viciosos, as cóvas das escadas, cheias de mysterio e onde se não entra sem terror, os typos que só de noite apparecem, rentes ás muralhas, envoltos na sombra, timidos ou doidos, a esconder vicios, lagrimas, crimes e canduras de alma, encantavam-no e davam-lhe, nas noites febris e de insomnia, a sensação d'um galope atravez d'um sonho. As figuras não se fixavam bem e toda a multidão se escoava no seu craneo com um ruido de Mar, linhas tortuosas, olhares, esboços apenas, com riscos mal definidos e um ou outro aspecto cavado mais fundo.



Havia muitos mezes que elle não punha os pés na rua. Depois de ter arrastado o enlameado manto purpura da sua ambição e do seu sonho pelas casas de hospedes, d'onde era escorraçado e batido, fixara-se n'um covil e ali remoera mezes as suas ideias negras sobre a existencia.

Assim, n'essa noite de lama e de bebados, as coisas e as figuras tomavam para elle feitiços dolorosos e imprevistos. . . Certo vocês todos têm sentido que as coisas como as pessoas nos são aggressivas ou sympathicas. Assim certos sitios affligem, torcem os nervos, dão ambição ou repousam. A humanidade, que por alli tem passado, tocado, deixando-lhes lagrimas ou risos, deu-lhes feição, individualidade, tornou-as más, viciosas como velhas ardidias, ou alegres e com bondade. Nunca vocês sentiram, n'um dia abeberado de azul, em maio, necessidade de abraçar uma velha arvore? e não perceberam acaso que até a pedra onde nos sentamos, quando pequenos, a ver o sol descer sobre o mar largo, nos conhece e tem alma? . . .

Assim elle n'essa noite de lama, os nervos afinados por mezes de clausura e pelo tecer da sua chimera, via tudo sob tintas de pesadello. Tinha a visão da dôr humana que a essa hora fazia soffrer tanta gente e ais de todos os doentes vinham em rebanhos até aos seus ouvidos e as lagrimas de todos os que choravam lhe incendiavam a alma—chuva de estrellas cadentes na noite negra e funda.

As paredes não lhe eram diques: a sua percepção ia até ao fundo das casas buscar os que soffriam e até ao fundo das almas, tirar para luz, a miséria, o vicio e o crime. Ao galope passavam por dentro do seu craneo, em



imagens mordidas de delírio, as velhas sequiosas de amor, que, com os dedos descarnados e febris, agatanhavam para si restos de mocidade. Via-as que passavam, d'olhares luzentes, dolorosas e escarnecidas, e na sua alma, de aguçados os nervos, sentia como ellas a raiva de querer viver, de ainda ser moças, e a amargura das rugas e do escarneo dos que têm vinte annos; ao galope passava a maré dos grotescos, d'aquelles que escondem uma doença, que uma idéa risivel devasta, os impotentes, os que não têm a piedade de ninguém, atirados para a Vida e calcados pela Vida, e, n'um tropel de raiva, os ambiciosos, que caminham rentes às paredes, de unhas cravadas na sua chimera, botas rotas, pés frios e feridos, o cerebro em braza...

E assim as casas, as paredes e as coisas, de ouvir tanto grito, de se sentirem palpadas por mãos febris e cravadas por unhas de ambiciosos, tomavam n'aquella noite formas de delírio e tinham vozes, imbebidas de ambição, de tédio, de dôr ou de ferocidade de sonhar. Era um murmúrio indefinido, um ambiente nervoso, que a sua sensibilidade recolhía e traduzia depois em ideas d'uma amargura tecida de rancor. Já elle no seu covil tinha tido a mesma emoção de agora, a primeira vez que alli dormira. Puzera-se a pensar ao ver-se frio, o coração premido e vontade de chorar não sabia porquê, como se uma parte do seu ser tivesse sido aniquilada ou uma escarlate chimera fosse para sempre perdida: Que de desgraçados de tanto sonhar puzeram em braza estas paredes negras? Que de ambições aqui nascidas não foram despedaçadas e ahí estão mortas pelos cantos da casa?... Estas paredes, que estremeceram com a dôr ou se aqueceram com o sonho de outros, não serão para mim aggressivas, por



ser muito diferente o chimerico ideal que eu construo?... E havia vozes, abortos de idéas, fêtos de concepções invisíveis e suspensas pelo tecto, como teias de aranha caídas e abandonadas...

Todas as suas chimeras, as noites de febre, se haviam convertido n'aquillo. A sua alma era como uma lazeira fria. Por vezes surprehendia-se a scismar, mas logo, n'um arremesso, berrava:—Não quero pensar!... — Escutae, vós: sabeis o que é chegar ao fim da vida secco, sem ter tido filhos e sem ja ter illusões? Olhar p'ra alma e vel-a leprosa, ter nojo de si proprio, não conservar na bocca a recordação d'um beijo são? passar metade da vida a souhar e por fim vêr que tudo é arido, vasio, gelado?...

Pouco a pouco reduzira o seu Sonho. A Vida domara-o: quebrára-lhe um resto de energia, diluira-lhe o character. Depois, de todos os misteres que exercera para viver, haviam-lhe ficado saburras na alma. Representára pela provincia, fôra pateado e escarnecido — e da sua existencia errante, feita de acaso, levado no vagalhão, sem vontade, descrente já do seu proprio Sonho, se construiria pouco a pouco o Tedio, a idéa de que viver é o peor dos males. Assassinaria, se fosse preciso. Mas para quê? Executaria com desapego todos os crimes e, aborrecido, faria todos os males — se tivesse vontade. A todas as coisas da vida elle oppunha a indifferença e um desinteresse gelado.

Até chegar a ser o Palhaço, que a Multidão applaudia, quantos misteres não exercera!... Actor na provincia, cocheiro de praça, mendigo! Da sua existencia de noctambulo ficára-lhe como um morcego a esvoaçar-lhe no craneo. Algum tempo havia sido enfermeiro n'um hospital. Via ainda as enfermarias, sobretudo a dos ty-



phosos, de que o tinham encarregado. As cobertas brancas modelavam os corpos, que, de sumidos no escuro, ficavam vagos. O ralo dos doentes, o seu olhar perdido, affligia. De hora a hora mergulhavam-nos em agua fria. Depois outros doentes, uniformizados de branco, parecendo pertencer a um mundo à parte, appareciam, ficavam horas, mudos, a olhar pelas janellas. Aquillo fizera-lhe bem. A Dôr dos outros absorvera-lhe a sua propria dôr, mas, o contacto com a Miséria Humana ennegrecera-o. Para quê soffrer? D'alguns doentes ouvira dizer: Morre. Não ha nada que o salve. E aquillo revoltava-o como uma iniquidade. Assim lentamente a vida esvasiara-o, tendo-o usado: quebrara lhe as angulosidades, derrocára-lhe o Sonho...

Singular ligação a d'estes typos que o acaso reunira n'aquella casa de hospedes da D. Felicidade: um doido, um anarchista, um poeta, Pitta, a patroa e o Gregorio, antigo chefe de repartição, que havia annos estava encarangado n'um quarto. Todos elles tinham chegado ao fim da vida, de unhas arrelladas para o goso. Nenhum acreditava decerto em Deus. Haviam soffrido tudo, e vivido tudo. Tinham o aspecto das coisas servidas e que se deitam fóra. Usados pela existencia, pela ambição e pela febre e no entanto os seus gosos haviam sido incompletos: arregalavam ainda os olhos para a Vida. Todos tinham calvicie — e no seu aspecto havia o quer que era que inquietava e fazia pensar. O Poeta, de cabellos finos cahidos, os traços da physionomia mortos e cansados, a calva rasgada até ao fundo do craneo, tinha na frente um rasto de sonho e de experiencia da Vida. A sua candura era feita do co-



nhecimento das coisas e das paixões. Em vez de, ao fim da vida, ficar d'uma seccura atroz, tendo analysado de perto todos os sentimentos, visto o Amor e experimentado a amizade, dêra tintas de sonho ao seu desespero: e era como se um bicho de exgoto criasse azas e se pozesse a voar. O Doido sonhava — e todas as suas visões, pois que fôra intelligente e moço, eram vagas, e caminhavam radiantes, n'uma athmosphera de belleza, para de subito, n'um pormenor, ficarem grotescas, cahirem na loucura, aos pulos como um sapo ferido. O Anarchista tinha gestos de propheta; o seu olhar era fino e metallico, e na sua eloquencia havia rasgos de visionario: como um vendaval que atromba portas, assim ella entrava pelo sonho dentro, engrandecida. Evocava as multidões, a Miséria Humana, a Dôr Humana, enquanto os Ricos gosam. O Pitta era um mixto de philosopho e de ladrão. Sabia tudo, vendia tudo. Amára princezas e trazia um velho chale-manta, que de tanto ter visto a Miséria parecia arripiado. Se conversavam, as suas palavras ardiãam ou gelavam; causavam arripios, como laminas que de repente se deserbainham ou ficavam no ar pairando: eram feitas de cadaveres ou de claridades... Umaz vezes pendiam para o Sonho; outras para a terra. Analysavam tudo. E cada um trazia p'ra alli a sua experiencia e a sua amargura.

Vocês todos teem pensado na vida d'estas creaturas?... Desde a mocidade que não tiveram risos, casacos curtos sempre, as botas rotas e a necessidade dura de ganhar a vida. Depois o pequeno emprego, nunca o goso satisfeito, a imaginação e o appetite sempre alerta. As mulheres! ainda um dia hei-de ter aquella mulher, quando tiver dinheiro!... Nunca satisfizeram o seu



amor e seu appetite. Aturaram as insolências dos patrões e o desprezo do Metal. Nunca tiveram na vida ocasião para praticar um crime, que lhes desse Ouro ou o Poder, senão tel-o-hiam feito. Correram casas de hospedes, a ruminar idéas de ambição ou de odio, e essas mesmas diluidas e derrancadas. . . Vem-lhes a calvicie. São sordidos, teem pequenas manias e ineditos recantos de alma. Cheiram a tudo. Nunca, como os pobres cavadores, ao menos viveram ao contacto da natureza, das grandes arvores, da agua, da luz.

Acontecia que á mesa, depois do jantar, na obscuridade que o Pitta amava, ficavam de conversa. Quasi sempre elle, timido, fugia para o quarto. A principio não falava. . . Mas de uma vez que se falara de amor escutara e conduzido discutira:—d'ahi ficaram no habito de se exasperarem com conversas, que o Pitta tingia de sonho. . .

O Pitta era um homem pre-historico, de barba hirsuta e olhar mortico nas orbitas fundas e sem palpebras. Unhas roera-as todas. Tinha a sciencia da vida, visto que andara sempre aos pontapés de toda a gente e se dava com a ralé. Vivia á custa de mulheres, e como de uma vez lhe perguntassem como arranjava elle, domno de semelhante caveira, a que as mulheres o amassem, disse com desprezo:

—A mulher é uma esphinge.

N'essa noite o Anarchista lia uma proclamação para abrir o seu jornal *A Miséria*. Com o manuscrito na mão, o olhar incendiado perguntou:

—Pitta, que lhe parece? . . .

E elle secco:



—Muita philosophia...

—Mas que diabo, Pitta! Você sabe que eu estimo a sua sabedoria... Diga a sua opinião sincera...

Todos se absorveram no Pitta, que passou a mão pela bola de bilhar que usa em vez de cabeça e a seguir falou:

—Não está mau de todo... Muito palavriado... Falasse na Terra e falasse na Miséria... Sabe que em Setubal, nos arrozaes, para ganhar apenas o pão negro, mulheres trabalham na agua como bestas, até se cortarem pelas virilhas. Sabe que ha pequenas de oito annos, que se chegam á sua beira com um ar de vicio e teem esta phrase tragica:

—Eu faço tudo!..

Muito decorativo, citou o vicio, que apenas noite ruisella como um esguicho de lama pelos recantos negros das cidades. E' a Fome?... E', disse elle. E que além d'isto os burguezes estão dando á ralé, cheia de appetites e de chimeras, um espectáculo desaforado...

—O' Pitta!...

—Desaforado... Cite factos, encha-me esse papel de factos e bote então se quiser a philosophia de fóra. O palavreado não é máu, mas é porque os pobre conhecem melhor a miséria e o crime, que um desgraçado me falava uma noite em fazer saltar tudo...

—Você é anarchista então—disse eu.—Queira discutir.

—Eu não sei discutir, senhor...

—Porque é então que você é anarchista?...

—Porque tenho fé e porque sou desgraçado!...

—A Miséria e o Crime — disse o Poeta — são velhos como a terra... Você Pitta tem visto tudo e tem sentido tudo: ja foi rico e já viveu de arranjar mulheres

Setubal quanto era
1871, 1872 um socialista



para os outros... Mas escute: a questão é mais funda... Supponha que sobre esta mesa está a palpitar o Coração Humano... Ha coisas eternas. O que faz crescer o anarchismo, como uma raivosa maré de lama—é esta coisa simples: o odio aos ricos e a inveja... Você, eu, todos os que aqui estamos juntos o que dariamos para ter o Oiro, o Oiro com que se pagam as mulheres mais lindas, as chimericas mulheres todas feitas para o goso, e sobre o olhar negro de quem a gente se debruça como sobre um passado esphingico; o Oiro com que se tem o Amor e se deitam a perder os nossos inimigos?... Eu, vocês todos, temos feito de ha muito este raciocinio: a vida dura dez, vinte annos, depois segue-se...

—A cova...

—O Nada. Portanto vale a pena gosar de todo o nosso cerebro e de todos os nossos nervos. Deixar o coração bater o mais que poder, satisfazer a valer todos os appetites e todas as paixões... Só o Oiro é que dá isso e ninguem recuará deante d'um crime, certo da impunidade, para o obter.

—A's vezes corre-se-lhe o risco...

—Outr'ora esta vida era transitoria... Quanto mais se soffria, mais duro era o pão e a dôr mais negra, maior tambem na vida eterna era a felicidade. Cada desgraçado tinha dentro de si um propheta hirsurto que lhe pré-gava: E' mais facil um camello entrar pelo fundo d'uma agulha, do que um rico no reino dos céus. Deus, como uma claridade, descêra à Terra... O odio contra os ricos, os que gosam emquanto as mais creaturas soffrem, existia, mas havia esta certeza que bastava: iam para o inferno todos. Pagavam caro os beijos, a felicidade, o



sonho... Agora a Illusão cahiu por terra, a vida é sofrega e a maré dos que estão avidos de goso sobe...

E o Pitta resmungou, com o olho a luzir:

—Vae ser um rico saquesinho...

—Com mulheres violadas, sangue, appetites desenfreados, raivas contra a Arte e o Bello...

—E' o Oiro, é o Oiro que tudo pôde e tudo faz!... O Oiro que era ainda capaz de fazer levantar da cama o proprio Gregorio! o Oiro!...

E a dona Felicidade, que levantava os pratos, disse n'um berro:

—Ai quem dera esse dia, para entrar pela casa da Augusta Pintadas dentro, que a estoirava! Tudo p'ra alli! E' tudo meu, sua bebeda!

x Pitta a essa hora da noite, tinha espirros de genio pela caveira, n'uma excitação contra a Vida e contra a Dôr. Pelo começo da Noite é que Pitta principiava a ser amargo, com um grande desprezo pelo triumpho, pelo Oiro e pela Sociedade. Pitta tambem a essa hora estava algo na mentira: embebedava-se com as suas decorações sobre a Miséria e sobre o Coração Humano e a phantasia fazia-o perder-se, fazer grande, como um pintor que na febre atirasse broxadas de genio para a têla. Pitta parecia uma evocação de Poe. Pitta sentia, depois da bebida, o frio dos desgraçados, a febre dos noctambulos: sabia a enxurro: e tinha na phantasia toda a purpura e toda a fama que as borboletas tem nas azas, e que elle apanhara ao roçar-se pelos boeiros immundos da Cidade.

—Eis aqui tem o amigo... O raciocinio é um vicio com o qual se chega a tudo—até a ministro... Theoria vac, theoria vem —palavras leva-as o vento... A



verdade amarga e unica é esta: é que na Vida é preciso sonhar, para não se morrer transido, tantos são os pontapês que a gente leva na alma e n outra parte. Ou então tem a gente a necessidade de se endurecer e de ficar com o coração como uma pedra.

—Pitta!...

—Como um calháo... Vá a um sitio aonde se sofra—ao Hospital. Tenho-o defronte da minha mansarda, lizeiro toda a noite a arder nas janellas. O que está aquella pobre gente toda a noite a tecer?... Vae a carroça, vem a carroça—e inda depois de mortos, tão transidos, espantadiço o olhar, inda vão ser cortados para se aprender a curar os que tem o Oiro!... Aquelle estu-por de alambique de sofrimento toda a noite resfolga...

--De que!...

—D'alambique—disse secco—E' uma imagem... E ha coisas que se não curam, que é o que me revolta... Deixe-os sonhar... O sonho é tão necessario p'ra Vida como o pão. Eu para meu uso, até os tenho inventado para certas horas de sofrimento—e quantas noites eu passo a imaginar-me ser Rei ou ser Carrasco!... Atire-se-lhes com um pedaço de Sonho, como se fosse um pedaço de pão!...

—O peor, Pitta amigo, é que o sonho desvaira-os...

—Pois a questão essencialmente se reduz a isto: per-tence aos homens de Estado saber canalisar o Sonho da ralé e dêz que hoje elle se não pode aproveitar nem para fazer conquistas, nem para fazer Heroes—todo o esforço deve tender a conserval-o como lume sob cinzas, inoffensivo e latente. Destruil-o, arrancal-o, é uma tolice, pois que outro virá—creia na minha experiencia da Vida—substituil-o e quem sabe se mais perigosol...

Cahiú em meditação o Pitta. Oito horas da noite e a calva incendiada por entre o pello sem còr. Nunca mais o poderam levar a falar sobre o assumpto. Tinha um grande desprezo por esta porcaria da Vida e fugia agora para o pequenome, a tromba a bamboar-se-lhe sobre a bocca, n'uma festa. Puchou d'um graphico curioso—*Grande fabricação de productos alimenticios*, aproveitando os restos das autopsias dos hospitaes. Pitta & Pitta. Acções a subir. Tirou da algibeira uma boquilha d'ambar com uma mulher em pelota e um prospecto da casa Jhon & Fixley, London—Segurança e Methodo, preços modicos. Assassinato de todas as sogras com o maior respeito e sem intervenção da policia.

—Pitta estás aqui estás na Penitenciaria. Vê no que te mettes, Pitta!...

E elle, descendo as escadas, com jubilos na voz rouca:

—Vou-me até ao pequenome. A Vida é uma Chimeral!...

Começára a amal-o. O Pitta sabia tudo: conhecia os segredos de todas as familias e os vicios de todas as mulheres: em cada noite seria capaz de dizer quem estava para metter uma bala nos miolos, fallido e des-honrado, e quem adormecia no collo de nuvem da mais linda mulher da cidade. As suas conversas faziam frio: tinham pesadellos e lama dentro. Fora amigo intimo d'um banqueiro, jornalista assalariado para cobrir de infamias quem ao outro incommodava. Tinha tido dias em que fóra rico e pagára todas as suas phantasias—e noites em que tremera de frio á porta dos cafés, com a lista e preços das creaturas que se vendem.

Depois, das suas conversas com elle, sahia sempre com



a cabeça cheia de decorações e um sabor amargo á Vida —lama negra, onde vestígios, espirros de ouro, tivessem sido esquecidos. A sua experiencia do mal de viver dava-lhe á phantasia rútila, recantos cheios de inedito e de amargura e era como se a sua alma fosse sacudida deante d'elle de toda a pualha negra ou escarlata, que a Vida lhe deixára. . . Depois do circo passeavam juntos até ás primeiras tintas d'alvorada. A'quella hora só noctambulos esguios e com perfis rapaces quedavam pelas esquinas, figuras que, ao pê dos restos de cartazes purpura, de grandes lettras, faziam destaque e evocavam, perto da pompa e da grandeza, a miseria de sofrer e do rumigar da chimera pela noite. . .

Assim elle ficara de imaginação desperta, depois da conversa com o Pitta e, febril, o cerebro em lume, ia agora pelo bairro pobre e desdentado, a seguir ainda a sua Phantasia. Em cada vulto que passava, procurava vêr materialisado o rasto de que Pitta lhe falára, como um manto que cada um arrastasse, invizível e tecido a idéas e a soffrimentos. . .

—Pois quê! . . . —lhe dissêra o Pitta—d'onde provém que as feiçoeiras leiam no passado do Homem? . . . Nada se perde, cada um traz consigo, cometa que arrasta a cauda de lama ou de ouro, todo o seu passado, vestígios de idéas, crimes, horas de amargura e horas em que se beijaram labios de Mulher, por quem a gente se perde. . . Creia na minha experiencia da Vida! . . .

—E para vêr? . . . para vêr esse rasto, que cada um traz consigo a nimbalo, luaroso e ferido de lagrimas? . . . Serás tu, Pitta amigo, o Diabo, e queres em troca a minha Alma? . . .

—Não, não sou, com pena o digo, o Diabo. . . Quem



me dêra ser o Diabo, para ser moço, ter todo o Ouro e todas as lindas mulheres da terra! Ai o pequenname de seios duros e lacteos de estatua! o Ouro que dá o Poder, a Consideração Publica, os sorrisos de labios de papoula das moças e a riqueza dos Bancos!... Não sou o Diabo!

E, apontando com o seu dedo nodoso e descarnado para a Cidade, disse:

—Vae soffrer, espremer da Vida a tua experiencia. Deixa que te calquem o coração, assiste ao despedaçar do teu sonho, á tua humilhação, e depois saberás...

Tomado de respeito por tanto saber, com humildade se despediu:

—Muito boas noites, senhor Pitta!... Então não toma mais nada?...

—Não tomo. Podes-te ir embora. Boa noite...

Com a cabeça a escaldar-lhe parecia agora ver realmente o que Pitta lhe affiançara existir... Cada creatura que passava arrastava consigo uma cauda—pua-lha luminosa, d'ouro ou cinza, feita de luar ou de escarlata. Lentamente pôde distinguil-os, classifical-os, conforme o manto regio ou pobre que traziam. E na noite havia-os que deixavam um grande rasto rutilo, como estrellas cadentes, onde gemiam ais de magoa, prolongados como um som de viola que se parte. Miseros resequidos e sacudidos pela Dôr e pela miseria traziam uma cauda côr de cinza, com chuveiros de myriades de scentelhas de lagrimas, e a Poetas nimbava-os uma pua-lha de luar e de ouro. Velhas ardidas eram envolvidas por uma atmospherá baça, onde o Ouro do immortal Amor índa luzia. E alguns deixavam atraz de si restos de mantos todos purpura, que se iam perder na lama



e no esquecimento; outros, criminosos de certo, caminhavam n'uma nuvem negra, onde pedaços sangrentos escorriam como punhaladas, e havia-os todos verdes como a inveja, de cambiantes infinitas, com abortos de idéas, fetos de concepções á tona. Muitos arrastavam-nos, enormes, pela lama, despedaçavam-nos de encontro ás esquinas e alguns procuravam deital-os fóra, não mais pensar n'um Passado tenebroso...



Rompeu a symphonia, n'uma musica hilare e doida, onde as notas pareciam sedas rasgadas, uivos dolorosos, esgares de alegria, subito mudados em raivas e rugidos... A multidão, toda em volta da arena enfarinhada, parecia ter enlouquecido — mar de cabeças a ferver. O gaz assobiava em leques de luz, borboletas de fogo, na purpura do circo, onde as columnatas brancas e finas subiam, sustentando quasi por milagre a abobada do tecto.

Apenas o primeiro compasso da musica brotou, que as mulheres, todas vestidas de escarlate, louras, *far-dées*, tomaram um e outro lado da rampa e dois creados, de casaca, e laço branco, hirtos, vieram pentear a arena.

Houve um sussurro, quando Arabella e Sroit, leves, d'um unico gracioso salto, appareceram no meio da arena, vestidos de gaze clara e transparente, onde flôres pareciam feridas vivas, a sangrar... O cavallo todo negro, escumante, trazido por um palafreineiro, aos corcovões de furia, chegou—e logo ella, d'um puio, appareceu de pé sobre a sella, na gracilidade e no triumpho da sua belleza fina e graciosa, de loura. Rompeu o



galope, arrancou o cavallo n'uma carreira doida em volta da arena, a cabeça em onda, o focinho negro quasi a tocar-lhe as pernas, babado e raivoso. Na galopada apañou-o Sroit e enlaçou Arabella, erguendo-a, segurando-a nos braços, onde os musculos eram uma harmonia, sem o minimo esforço, como quem ergue uma penna. A musica, em golfadas luminosas, dizia um triumpho de Amôr, subia hilare, para subito se apagar, como uma fonte que se estanca. As palmas, marteladas rijas, despedaçar de seccas risadas de ventania, estrugiram, quando elles cahiram anniquilados sobre a sella do cavallo. . . A musica ia então a passo, vagarosa, e parecia que uma brisa fresca entrara no circo, trazendo da *caixa* o cheiro a cavallariça, a suor e a pelle orvalhada de mulher. . .

A esse tempo o Palhaço, tendo acabado de riscar a bocca de vermelhão e de empoar toda a calva, luzidia como uma boia de bilhar, espreitou de cima, do corrimão. O circo visto do alto allucinava: batido da claridade, com o gaz a esfusiar raivoso, parecia mover-se, rodopiar, afundar-se, com a maré de cabeças da multidão a ferver, o galope do cavallo, que agora recommçava, a musica que enervava, ventania de raiva a soprar.

Já Arabella e Sroit se retiravam, voltando a agradecer, com requebros tão finos, que dir-se-hia, servirem-lhe as gazes, feridas de escarlate dos vestidos, de azas leves.

Odilia então, postos os arames n'um momento de descanso, appareceu, sangrando sob a luz dos reflectores. Vinha de setim branco, leite estancado, e até os cabellos que ella usava empoados, dir-se-hiam cortados n'uma petala de camelia—velha imagem, mas eterna ver-



dade. Sômente, a fazer destaque em todo aquelle poema branco, o guarda-sol, que lhe servia de maromba, era inteiramente negro, com estranhas flôres purpuras. A fanfarra tocava então não sei que musica, tecida de um vago aneio, fugidia e extatica por vezes. Só os reflectores brancos a batiam, diluindo-a em branco, enchurradas de branco e de leite, sobre a sua figurinha gracil, pallida como uma morta. Avançou no arame, a passos curtos e leves de ave, movendo sobre a cabeça, a nodoa negra, nankim, do para-sol, onde as flôres pareciam esvoaçar n'um enxame.

Apenas Odilia terminou, que uma avalanche de palhaços veiu de roldão, entre risadas, gritos estridulos e berros, até ao meio da arena. Dir-se-hia um bando de caricaturas loucas, no phrenesi dos seus gestos, nos esgares das suas boccas, e vestidos, uns de setim todo negro, outros de setim escarlata ou verde, calvos e osudos, dançaram uma farandola de epilepsia, para subito se soltarem e cahirem com baques picaros e rugidos. De repente immobilisaram-se, bateram os dentes, com boccas rasgadas até ás orelhas, só boccas, n'uma expressão de terror comico, para outra vez partírem na ronda macabra, redemoinharem com risos e berros...

Não sei, porém, que triste melodia a musica começou a tocar, que afflictiva tristeza correu por todo o circo, agora petrificado, quando os creados terminaram por cobrir de velludo um estrado de madeira. Em torno todos os clowns se sentaram, n'um silencio enorme, a revirarem os olhos de terror. Uma figurinha pallida de mulher desceu então a rampa, com um triste, um cansado sorriso á flôr dos labios, e dava, essa creatura,

atirada para o meio do circo a ferver, chapinhado de borboletas de fogo, que dir-se-hiam voarem, perseguirem-se amorosas, cahirem exhaustas sobre o carmim das paredes, não sei que impressão de sacrificio e de magoa, que punha, ao vel-a, os olhos razos de lagrimas... Serena subiu para o meio do sangue estagnado do estrado, onde era, na sua malha côr de malva, como uma flôr atirada para uma mesa de autopsia. Os palhaços batiam, todos à roda, calvos e hirtos, de olhares fixos n'ella, os dentes de medo, e sempre com o mesmo sorriso resignado e meigo, se poz a contorcer se, em deslocações que arripiavam e entristeciam... Por vezes parecia um aranhão, as pernas torcidas, os braços arredados, a cabeça a apparecer, pallida e abandonada, sorrindo sempre... Até que no meio dos palhaços, que fugiram de roldão, ella foi arrebatada, envolta, como uma castellã roubada por mendigos, n'uma noite de pezadello e de loucura...

A musica então, solta, livre enfim, recomeçou um galope em que as notas tinham brilhos e choques de espadas encontrando-se — e cavallôs, em pello, negros e raivosos, vieram'escarvar a arena, montados por mulheres e homens do circo. Não sei bem que velha, que encantadora allegoria, representava aquella perseguição, à roda, sempre a roda, em que as raparigas defendiam flôres, escondidas nos seios, que os homens procuravam roubar com beijos...

Visto de cima, d'onde o Palhaço se installára, o circo retomava o seu aspecto de delirio, de redemoinho afunilado, cavado pela tempestade no mar raivoso e onde apenas cabeças sobrenadavam e braços faziam gestos de desespero e de raiva. Ao fundo a galopada dos ca-



vallos accelerava-se, dando tonturas, á roda, sempre á roda, negros e em pello...

O ultimo brayo lançado, o tinir da rede acabada de estender, e os voadores appareceram com sorrisos postiços, elle vestido todo de branco, moreno e forte, ella, fragil e loura, toda vestida de negro. Treparam pela corda, marinharam até ao alto e sentados cada um no seu trapezio, sorriram. A musica anniquilara-se, tomada de espanto e toda a multidão erguia a cabeça, de olhar posto n'elles. Siwit suspendeu-se no trapezio, seguro pela curva das pernas os braços extendidos, esperando: Manuela rasgou o silencio com um grito estridulo e lançada pelo ar, o cabelo a esvoaçar, envolvendo-a em poeira luminosa, com reflexos d'oiro, veio cahir-lhe, com um solavanco, nas mãos arrepeladas. Logo a musica rompeu n'um triumpho e as palmas cahiram como marteladas.

Era agora a sua vez. Desceu as escadas, apegando-se ao corrimão, atravessou o corredor, entrevedo nos camarins, pedaços de estofos, gazes, pinceladas, notas escarlates, leques de gaz, nivos vermelhos de tecidos, cabeças enfarinhadas, boccas rasgadas, collos, musculos de pernas...

A sua vida mysteriosa e errante, dêra-lhe aspectos e linhas, que tudo sabiam exprimir: canduras e vicios, a lama e as perversões mais ignobeis das cidades e o olhar terno das virgens... Tinha *tics*, olhares em gume, simples gestos, que bastavam para suggerir desgraças, magoas, a miseria da vida e tudo o que fêre as almas sensiveis. Dir-se-hia que elle vivera tudo e tudo conhecera: já fôra cocheiro, mendigo e director de ban-



cos poderosos, poeta e príncipe, bandido na Calabria, e porventura amado por uma linda mulher, que de paixão se finára. Cá fóra, finda a noite de circo, era mudo, d'uma tristeza abandonada, d'estas tristezas em que parece que a gente se dilue, e absorto dobrava-se á beira da sua alma, como na margem d'um lago negro... Apenas, porém, entrava na arena, enorme, esqueletico, calvo e metade vestido de branco, metade de purpura—assim tivesse atravessado um rio de sangue cu a Vida—logo a sua figura se transformava, e nunca clown soubera exprimir como elle o lado grotesco da desgraça, a amargura do riso. Ia á Morte e desconjuntava-a: entortava-lhe as pernas, punha-lhe a foice á banda e descobria-lhe a calva. Dir-se-hia que o seu riso era feito da experiência da vida e que esse palhaço fora construído da lama de todos os vícios e das lagrimas de todas as amarguras...

O que, porém, tinha de mais extraordinario é que era indifferente á Multidão. Parecia que para elle só representava as suas farças cynicas. Era sempre uma maneira de interpretar a vida, que fazia frio. Lembrava isto: um pícaro cadaver, anguloso e torto, que viesse fazer escarneo da vida - e da cova. A's vezes a Multidão enregelada pateava-o com furia—e elle nem se lembrava que ella existia. Parecia um Doudo a rir ao pé d'um abysmo. Depois sublinhava, tinha tics que nunca mais se esqueciam — e preciso era que conhecesse tudo e tudo despresasse, para assim tirar da Vida e da Dôr, da Morte e do Amor, motivos de escarneo, d'afinal o publico não saber se rir se chorar.

Quando entrou na arena ainda Lucilia, com um triste sorriso trabalhava no trapesio. Era uma figura de doen-



ça e de sofrimento a desconjuntar-se, vestida de gaze verde, na cupula do circo. Sorria. A cada trabalho parava, agradecia em beijos atirados á multidão indifferente e gasta, que queria mais, sem lhe dar palmas, avida de perigos e de sensações fortes. Desceu a corda sem uma palma, sahiu, com o mesmo resignado sorriso na bocca, dando a impressão d'uma pobre creatura despedida, corrida, tendo agora de, no frio e na lama, ir trabalhar exposta ao riso duro das praças, nas grandes cidades...

Que se sabia da vida do Palhaço? Apenas terminado o seu trabalho desaparecia mudo, sem um sorriso, e toda a noite ou todo o dia o passava no covil da casa de hospedes, a tecer idéas e a sonhar... O bico aguçara-se-lhe, mais salientes os maxillares, mais funda a ruga que lhe cortava a face, e, duas ou tres mechas de cabello no craneo, davam-lhe como nunca um expressão de mascara picara e sinistra. A sua figura ossuda tomara maiores angulosidades, feitios desengonçados e torcidos. Bebia-lhe para se esquecer. Encontrou por acaso algum de vocês um homem que afflija como um remorso? Um velho que synthetise uma vida cheia de illusões a principio, depois batido e escarnecido, que dê a duvida, medo de sonhar e vontade de só pensar no Ouro e na vida pratica?... Tem-se um arrepio: pensa-se de certo: a minha chimera despedaçar-se-ha como a d'elle e terei eu um fim de vida, por muito querer sonhar, de vilipendio, e, o que é peor, sem illusão?...

Assim de toda a sua chimera antiga, de todo o sonho que lhe esbrazeava as noites e lhe varria a triste-

zas, aquillo restava. Em vez de ser um grande actor que interpretasse d'uma maneira unica, a Miséria, a Morte e o Amor, era apenas um palhaço de circo... Cahida na lama a sua chimera parecia grotesca.



N'essa ocasião tinham apparecido no circo Camelia e Lydio. Vinham juntos, juntos percorriam o mundo, vivendo uma vida livre, d'amor e de perigo. Silenciosos, raro falavam com os outros artistas e em torno d'elles se formara uma lenda. Eram talvez filhos de principes, fugidos para se poderem amar, ou criminosos, com um passado de remorsos e de horror... Com elles viera e andava sempre um grotesco clown, que nem sei bem como se chamava. Nesse tempo passavam pelo circo tantos nomes que apenas conservo no fundo da memoria vestigios de cartazes, oiro e escarlata, como restos de pompa e de grandeza da minha vida d'outrora.

Eu tambem nunca tive memoria e de tanto sonhar tudo confundi, realidade e chimera... Todos o conheciam e sabem que vivia no circo para fazer rir o publico. Era o soffre-dôres: levava os pontapés a valer e os tomboos que magoam deveras. O publico, quando o queria, chamava-o como um cão, por assobios, e, por não ter graça nenhuma e ser desageitado e se pôr ás vezes a chorar—toda a gente se ria.

O circo era enorme e todas as noites a Cidade esgui-chava p'ra alli a Multidão, avida de se rir com as dôres



e os perigos alheios, e, entre leques de gaz a assobiar, eu tenho ainda no cerebro a visão do publico, a torcer-se de riso, olhares presos no prato da arena toda branca... O riso soprava por vezes como uma ventania rai-vosa.

Poz-se o Palhaço a amar Camelia. Lydio e Camelia e elle eram os artistas que a Multidão applaudia raivosa. Do outro clown tambem se riam com ferocidade: nunca alli apparecera um palhaço como elle. Torto, anguloso e, no quadrilongo da face, os olhos dir-se-iam furados a verruma, de pequenos que eram. Nunca o vi senão de seda preta, com flores escarlates pousadas, e, na cabeça, posto ao lado, um chapau alto, velhissimo e rapado—um chapau que fazia estaucar subito as gargalhadas e ficar a pensar na miseria e no odio dos que foram ricos e um dia empobreceram... O Palhaço, porém, era seu amigo, porque tinha pena d'elle e dos pontapés que levava. Para que se havia de ir embora? para onde, se na vida não servia senão para fazer rir os outros?...

Depois visto que se pozera a amar Camelia, o Clown atrahira-o como a decifração d'um mysterio, ou como a desgraça alheia encanta a nossa propria desgraça. Encontrava-o sempre deitado á porta do camarim d'ella e nos seus olhares de louco surprehendera por ventura um mundo de amor. Era decerto como elle um infeliz. Não lhe batia e pouco e pouco conquistára-lhe a amizade. Bebiam juntos e, na Noite, terminado o espectáculo partiam de conversa pela Cidade. Era singular o dialogo, cheio de grosserias e de Ideal, palavras raspadas na alma de cada um, gritos, phrases, que estre-meciam de dôr.

A Cidade para aquelles sitios é cheia de mysterio,



feita de velhos palacios e de casebres onde gerações inteiras passaram a vida, com as suas angustias e as suas alegrias. Corações bateram, almas floriram. Tece-ram-se obras de genio e canduras. Não ha alli pedra que não saiba contar crimes e amores e, decerto cada calháo, a principio inerte, creou coração, sensibilidade e alma. Ou querem acaso sustentar que as coisas ficaram gelidas, sem se influenciar por todas as vidas dos que por alli passaram?... A mim, n'estas noites de luar caladas e mysteriosas, me parece vel-os, aos duendes, errantes em torno de cada predio, a reviverem os seus dias de felicidade e de angustia e, como uma fila de morcegos que esvoaça, lá se desfazem nubelosos no luar. Olho distinctamente que se despegam das pedras duras, idéas, gritos. phalenas escuras, que esvoaçam um instante e se perdem na Noite, com um sussurro de azas ou de vozes tristes.

E tudo na treva é phantastico. Uma escada esganiça-se entre dois predios, confundidos, enormes e, arredado, um lampião luz na esquina do becco. Parece que tremem, vão cahir um sobre o outro, que são feitos de sonho e de pezadellos petrificados. Adivinha-se um começo de ruella n'um esgare, e umas escadinhas trepam até ao negrume. . .

Andando passam ruas, monstros de feições carcomidas que sustentam pedras—e ha que tempos que eu noto a contracção dolorosa d'uma cariatide, só ella immovel, fixa na Noite, angustiosa e eterna, como aquelle latido de cão que lá ao fundo, no risco negro das terras, uiva. Ha que infinito me entra pelos ouvidos, ao mesmo tempo que a fixidez angustiosa da cariatide pelos olhos, dando-me a mesma impressão nervosa de es-



panto, de raiva e de pesadello!.. Silenciosos caminham e um pedaço de campina agora apparece, com espectros de arvores e um fio de luar entornado. Depois é uma rosacea de egreja — olhar doloroso e vasio. E perseguem-me os gritos dos casebres, o allictivo vozear das pedras leprosas, dos predios riscados de chaminés, dos muros onde velhas arvores parece que ha seculos se desesperam, hirtas...

—Foi o Amor então?—perguntou o Palhaço.

—Foi o Amor, respondeu o Clown. Foi o espanto, foi como se o mundo em toruo desabasse. Não me lembra o que era, nem quero pensar n'isso, para não deixar de a vêr. Rico ou pobre, príncipe ou mendigo, tudo troquei por ella—e ganhei com a troca...

—Mas ella não te ama. Vives como um cão escorraçado... Ella despreza-te...

—Não me despreza. Tem piedade de mim. E depois eu amo-a. Vou para casa, com febre, transido, e scismo e sonho—e tudo isto no infinito se realisa...

—Se realisa?...

—E' como uma brancura, uma grande arvore, cujos galhos seccos, de cada vez que o meu coração estâla e o meu amor e o meu sonho vão sendo maiores, se cobrem do floração... Não vivo senão para isto, e quanto mais humilde e mais batido, quanto maior fôr a minha dôr, sinto que depois serei mais feliz...

—Tudo se realisa então?...

—Tudo. As arvores que não chegam a dar flôr e as illusões que não acabaram de crear-se...

Deram com um muro. Saltaram-n'ô. E tomaram por um olival, mudo sob o luar, o Palhaço esguio, o Clown tórto e de chapéu alto. As arvores desciam a encosta,



allictas de immobilidade, mysteriosas. Faziam ambos gestos desesperados.

—Realisar... Tornar material o pensamento, apenas porque eu o transmitto da Alma aos nervos, dos nervos aos musculos!... Um Poeta sonha e, embora não congele em materia, ideas e sentimentos—podes tu acaso crer que elles não tomem corpo, não vivam, e se não realizem no infinito?... Tudo: a pena que as arvores têm, porque não chegaram á Primavera, para noivarem com o Sol, os amores irrealizados, as illusões que fluctuam, se desprendem e vão como claridades, como suspiros de magoa, viver pelo infinito fóra...

—Mas Ella adora-o, e tem, apenas, piedade de ti...

—Ella que me importa!... A que eu criei, porém, servindo-me apenas de Camelia como material para soffrer, como barro para crear; a que eu fiz viver com a minha febre e os meus nervos, com as minhas lagrimas e todo o meu cerebro, essa é a Noiva que me espera... Deixae-me soffrer, sêr miseravel, batido e escarnecido... Nem as minhas lagrimas se perdem, pois que a enxurrada das minhas lagrimas lá vae pelo infinito fóra lavar-lhe os pés, fazer estremecer o seu coração... Ha que tempos que eu teço a minha teia de fios de prata, de estrella para estrella!...

—E soffres, e dão-te pontapés e toda a gente se ri de ti, Clown...

—E quanto mais soffro, quanto mais sinto a vida extinguir-se-me—mais ella vive; quanto mais humilde e rasteiro eu sou, mais ella é bella e quanto mais crescem as minhas penas, mais o luar faz crescer os seus cabellos. Pela simples razão—de que é por ella que eu soffro...



E ambos se sumiram na negra sombra do valle,
aos berros, com gestos de afflicção e risos e lagri-
mas...



X

Poz-se a amar Camelia, mas nunca o disse a ninguém, porque todos morreriam a rir do Palhaço, torto, amarello e tão desageitado!... Nem elle mesmo se atreveria a dizer-lh'ò a ella. .

Todo o luar do seu sonho, a sua raivosa aspiração de Ideal, tomara enfim corpo e, como de nuvens espumosas d'um poente, se criam ferias, assim com tudo o que havia de vago, de luminoso e de impalpavel na sua alma, a envolvera, idealisando-a como uma recordação d'outrora. E, visto que nunca amára e estava velho e secco, poz-se a querel-a, por todas as que nunca beijara e pelas carícias que nunca mais teria, naufrago que se agarra a uma unica taboa de salvação—chimera, ai, mas chimera que lhe encharcava de oiro a alma e o fazia feliz.

Deixem-n'ò sonhar... Ao mesmo tempo que se pozera a adoral-a, começou a dôr a retalhal-o, fria e vagarosa, na tortura d'uma lamina que lhe arrancasse a cada minuto com esforço fibras, nervos, pedaços de coração e de cerebro. Era esta angustia:

Via-se velho e secco, tendo passado toda a sua vida no Sonho, sem ter realisado, amado, conhecido a febre de viver por uma mulher, a angustia da duvida, a re-



cordação dos beijos que por muito tempo sabem na bocca a medronho ou a fel. E agora exasperava-se: insultava-se pelas rugas que tinha e por ter deixado passar a mocidade sem amor.

Analysava-se e encontrava-se picaro e sinistro: o Sonho tinha-o tocado, dando-lhe aspectos de visionario ou de louco. Estava calvo, o nariz aguçara-se, formando-lhe com o queixo um bico formidavel de ave de rapina, e, sobretudo, havia nas suas faces um rictus indecifavel, mixto de riso e de concentração dolorosa.

A sua timidez era enorme, e o desprezo que tivera pelas mulheres, de quem vivera sempre arredado, convertera-se em amor. Encontrava então na sua alma delicadezas em que nunca pensara, caricias, restos de olhares, balbuciações quasi infantis, que o faziam ficar absorto e aniquilado.

Era certo: Camelia não o podia amar, e cheio de orgulho e de terror, não se atrevia a dizer-lhe a sua paixão. Antes queria viver n'aquelle engano que o fazia ao menos feliz, arredando a realidade sempre má e brutal. Sonhava ainda, sonhava sempre, e mais valia afinal aquillo do que ouvir-a rir-se, despedaçar com o escarneo o seu amor. Tinha então, nas noites de circo, quando clamava, ao mesmo tempo que Camelia galopava no corcel negro, confissões que se arrependiam, olhares que exprimiam a sua paixão, para logo se transformarem, sem se atreverem a ir até ao fim, em hilaridades. As suas palavras ardiam por vezes, para subito cahirem como hexigas a estoirar. Os seus gestos começavam n'um phrenesi a contar o que soffriam, para acabarem por se torcer em epilepsias de comico; a sua bocca ia n'um esgare a vociferar, arrebatado, doido, a narração da sua



dôr e terminava n'uma gargalhada fria de palhaço. Era a vaidade e o seu orgulho que lho não deixavam. Se ia a confessar-lhe o seu amor uma voz lhe prégava na alma:—Olha que ella vae rir-se de ti! Pois tu não vês como és despresivo e comico, Palhaço! Olha que ella vae fazer escarneo do teu amor, da tua paixão, das tuas noites febris... Beija com soffreguidão, calvo e grotesco, a sua carne de marmore, a vaga do seu peito, mas em sonho, clown! Afunda-te, passa horas, á beira dos seus olhos mysteriosos, negros e profundos, como lagos, mas em imaginação!... Que mais queres tu? Diz-lh'o e nem permittido te será já sonhar! Diz lh'o e os seus risos despir-te-hão, mostrar-te-hão sem illusão, um sêr grotesco, clown que arrancas gargalhadas á multi dão mesmo quando soffres... Se tu visses como a tua dôr é picara!...

E um dialogo se estabelecia entre elle e a dôr, controversia em que ficava sempre vencido, cahido, esmagado.

E's um desgraçado! és um desgraçado! Nunca amaste, não sabes nada do Amor e que lhe vaes tu dizer? Com que palavras lhe vaes contar o que soffres e o que crias na tua imaginação em braza?... Olha bem para dentro de ti!... Vê que na tua alma, por mais que febril procures, nada encontras de bello, de grande, que lhe possas offerecer em troca da sua bocca... Idéas, sentimentos mesquinhos, palavras que nem já sabes d'onde nascidas, e que na tua alma em bandos, levadas e trazidas, murmuram. Tu não tens pena de ti?... Grotesco, velho, servido—ninguem pôde ao ver-te senão rir, emquanto para ella só encontraste ainda esta phrase que a delina: Uma apparição!... Deixaste perder os vinte

decurso
estilo de
Romance
por si
Modificação
- Ant. m.



annos, passaste a vida a sonhar abraçado a uma chimera, que de tanto a amares a queimaste, e agora, quando a queres agarrar, encontras apenas os teus braços descarnados. Nada. Vae-te embora que me fazes piedade! Depois tu nem mesmo te atreves, porque sabes que és grotesco e nullo! . . .

Não falava. No covil do quarto vivia agora sempre mettido a sonhar. Perdia-se em chimeras. A' noite no circo parecia desvairado e a Multidão dera em o applaudir nas suas farças, em escancarar a bocca de riso. Nunca palhaço nenhum fôra grotesco como elle, n'essa comedia do Amor, que todas as noites representava, ajuntando-lhe de cada vez mais um pormenor, sempre velha, sempre viva e cheia de interesse... Quando Camelia apparecia sobre o corcel negro e raivoso, linda e fragil, leve na gaze glauca como se fosse desapparecer, avançava o clown torcido, a babujar-lhe timidas palavras de Amor, a dizer-lhe a sua paixão de uma forma tão picara, que o riso cabia como uma montanha que desaba. Até Camelia ria—e fugia n'um turbilhão, levada pelo cavallo negro a galope, emquanto elle cabia anniquilado, despedaçado pela dôr, com desesperos tão bem fingidos e risos tão comicos, que a Multidão applaudia com furia. A's vezes as suas palavras eram apaixonadas, as suas phrases eram frias e affligiam, mas ella ria, e então o Palhaço exagerava tudo: dava uma cambalhota, com medo que ella passasse a rir-se d'elle, depois de ter gargalhado da farça. . .

N'essa noite recebera do Pitta um recado para apparecer em casa, depois do circo, com mais dois ou tres palhaços. Voltavam silenciosos a grandes passadas na Noite.



Tres horas da manhã. Junto ao arco, na rua enlameada e negra, o Pitta tinha tintas de Diabo de magica, que vae perder uma Alma. Agarrado a um vulto, fazia gestos d'epilepsia, parecia querer leval-o, diluil-o no negrume d'um boqueirão de viella, escancarado como duas maxillas formidaveis. A sombra do lampião desenhava a carvão na muralha um aranhão enorme...

—Pitta!—berrou-lhe.

—E' o Gregorio que está a morrer... E eu quero que elle leve p'ra cova a illusão da Mulher...

Mostrou-lh'a com um gesto, a velha, e depois arrastou-a pela lama, e partiram. Como uma ave a quem se tivesse torcido o pescoço, ella tinha por vezes convulsões...

O Gregorio estoirava. Fora sempre tímido e grotesco, pallido como papel dos officios. Nunca vira mulheres: passára a vida sobre o papel da repartição. Nunca lera, nunca tivera lagrimas, coração, alma. Ouvira falar em arvores e paizagem e havia annos que a doença o atirára para um quarto da casa de hospedes de dona Felicidade. Hospedes, eram, bem sabem, o Pitta, que para comer lhe fazia lubricidades e a endoidecia, uma troupe de palhaços, o Anarchista e o Doido. Pelos fins dos mezes havia terrores, pragas. O Pitta, porém, intervinha com a sua sciencia da vida: fechavam-se as navalhas e a Dona Felicidade escrevia garatujas de contas no livro das Perdas e Damnos...

A's vezes o Pitta, mettia-se no quarto do Gregorio a encharcar-lhe a alma de chimeras.

—O pequenamel... você nem sabe o que perdeu meu rico senhor Gregorio... Ha-as por ali das mais bellas carnações de fructas, polpas avelludadas, olhos verdes,

Mauricio
a base
revisão
E JAO



e quietos como lagos... O pequenname, amigo Gregorio, é a consolação do mal de viver...

—E os requerimentos, illustrissimo e excellentissimo senhor?...

O Pitta tinha piedade pelos grotescos que nunca amaram nem viveram, pelos que trazem na alma apenas restos de phrases, attritos de idéas, concepções em fêto. E, pois que o Gregorio n'essa noite agonisava, elle, que ao contacto da Morte deitava sempre a philosophia de fóra, pôz-se a tecer:

—O que alguns teem no pequenname a mais tem este desgraçado a menos. Ir para a côva sem ter possuido ao menos uma linda mulher, sem lhe ter lido nos olhos poemas de adoração e de preversidade!... Vou-lhe arranjar uma pequena!...

E foi.

O Gregorio morria. Tinha ainda uma hora de vida quando o Pitta fez um signal com o dedo curvo e a porta do quarto se abriu. Os palhaços, escarlates uns, còr de poente, leves como nuvens, entraram e, cobras que se enlaçam raivosas, torceram-se em epilepsias, deslocaram-se, tiveram genio, risos, gargalhadas, subito desfeitas n'um terror. Outro gesto de Pitta e emquanto, pedaços de nuvens do poente, varridas pelo vento ou pela Noite, a troupe colorida dos clowns se desfez, a dona Felicidade, com a bocca cheia de pragas, se poz a uivar á porta: Paguem a conta! paguem a conta! ou morrem de fome!...

—Primeiro acto, senhor Gregorio!—E deu um asso-bio, o Pitta.

Então o Gregorio, que nunca vira arvores nem paisagem, pediu-lhe com humildade uma leve explicação:



— As arvores? como são as arvores?...

— Como cabellos de mulher ao vento, como pragas a silvar raivosas d'entre a penedia. Ha-as todas verdes, ha-as rôxas, ha-as em braza, conforme a sua floração.

E como os seus olhos se abrissem avidos e perguntasse:

—E a paizagem?...

— Como mulheres deitadas, de enormes seics duros — e verdes, inteiramente diluidas em verde, meu rico senhor Gregorio.

E pois que elle ficara absorto, de olhar perdido, n'um esforço de imaginação para vêr, o Pitta escreveu na parede a lapis: *intervallo de vinte minutos para sonhar.*

Depois a outro signal, o Anarchista entrou e, em palavras frias, phrases curtas, se poz a narrar a miseria, os que morrem despedaçados na engrenagem da vida, os exasperados, o Oiro que tudo calca e de tudo triumpho e, n'um gesto largo, como se arredasse as paredes do quarto, fez-lhe vêr a Multidão, tolhida de fome e de Ideal, n'um enchurro raivoso...

Então o Poeta avançou. A calva aureolada, os finos cabellos compridos ao lado, cahidos sobre os hombros, o olhar perdido, dir-se-hia que ia orar. Parecia um padre—e não se sabia bem se a emoção de que estava cheio era por o Gregorio agonizante ou pela historia que ia lèr n'um velho alfarrabio. A sua voz era espaçada, grave, indo bem com a narrativa escripta n'um estylo antigo de sermão.

«Santa Eponina, martyr, era luminosa, tão pallida e tão linda, que deante da sua graça as multidões ficavam extacticas, as arvores estremeciam e os bandidos hirsutos da montanha, conquistados, vinham rojar-se-lhe

recepção
admirável
sua
ondas.
a priori
habida de
muito
a uma
e outros
lento

o
entre
entre
o
do filho

aparece em

«O pebo de pedir»

a mesma situação e
nos personagens.



aos pés. Era toda ella um sorriso e um olhar de piedade e de magoa. Virgem, filha de reis, com florestas, riquezas, guerreiros fortes.

Vinham cavalleiros de paizes chimericos para se baterem por ella e trovadores, guiados pela sua fama, corriam de todas as terras á espera, na noite, sob o balcão do castello real, que ella apparecesse. Não caminhava: era como uma chamma clara que desliza e ninguem a saberia descrever, pois que ninguem a recordava senão como uma brancura, um sorriso de magoa, e um olhar de piedade que passasse. Era muito alta, vaga, feita de luar materializado.

Como aprendera o soffrimento dos homens e a miseria da vida? Como soubera que ha na concavidade dos montes, nas noites calladas e tumidas de luar, mendigos sequiosos de amor? desgraçados, tão grotescos, tão tímidos, que nunca foram beijados por labios de mulher e que passava a vida á espera d'uma bocca que lhes estanque a sede de amor? sonhos desesperados e febris, fomes, almas que se perdem, creaturas que em urros bravios raivam, desesperadas, toda a vida com chagas e podridões, e que, entre pragas, pedem ao Senhor que alguém lhes beije a bocca gretada?

O castello negro, no alto da montanha, era como um altivo ninho de aguiá. Serena desceu um dia o monte. De toda a parte tinham vindo os bispos de grandes barbas de luar, os cavalleiros andantes que eram ao sol como espadas a refulgir, e o povo, de alma rude e piedosa, cá em baixo se amontoara e chorava enchurradas de lagrimas, n'um silencio de cova. Seu pae e sua mãe choravam. Abençoaram-n'a os velhos bispos, extendendo as mãos sobre o valle e da brancura das don-



zellas, juntas a um canto, partiu um soluço de tristeza. Teve o mesmo arripio de piedade toda a multidão, que cahiu ajoelhada, quando ella desceu, com um sorriso de magoa, o monte, partindo para sempre—santa Eponina, virgem, martyr, filha de reis, com florestas, riquezas, guerreiros fortes... Conta-se que os que assistiram n'essa tarde á sua partida, toda a vida ficaram tristes, como se lhes tivessem entornado na alma o sorriso de piedade da santa».

O Poeta parou um momento: o Gregorio tinha o olhar fixo, absorto—e o Pitta baixinho resmungou:

—Abbrevia, abbrevia menino, senão elle estoira antes de findar o espectáculo!...

«Os desgraçados souberam-n'ò. Ella entrava nos covis como uma claridade. Os seus beijos tinham uma frescura de que elles ficavam annos com a recordação e a impressão na bocca. Vinham ás matilhas esperal-a, á beira dos caminhos, nos sitios ermos e bravios. N'ella cejavam soffregos a sua voluptuosidade e o seu grotesco sonho de amor. Rugiam como fêras. Batiam-lhe: sujeitavam n'a a extraordinarias caricias, a lascivias que durante muitos annos haviam sonhado. Dormiam á sua sombra. E ella albeiada, linda, sempre com o mesmo sorriso de piedade e de tristeza, abandonava-se. Atiravam-n'a depois fóra como um trapo, e Santa Eponina erguia-se, partia, com a sua candura immaculada. De toda a parte vinham mendigos ascorosos, caravanas de leprosos: alguns arrastavam-se pelos caminhos, ao sol, em rugidos, á sua procura: outros clamavam na noite, não querendo morrer sem a terem possuido!...»

O Gregorio agonisava. os olhos abertos n'um pasmo, quando o Pitta trouxe a mulher, ainda a dizer-lhe se-



gredos n'um murmúrio, curvado sobre o seu ouvido.

—Faça-se o silencio, respeitavel Dona Felicidade. E todos arrumados á porta, os palhaços, como restos de mantos pomposos, o Doido estarecido, esperaram, enquanto o Pitta espreitava pelo buraco da fechadura...

Quando entraram no covil, o Gregorio tinha os cabellos revolucionados e o olhar perdido. A mulher acocorava-se a um canto, com febre.

—Nao quero morrer ainda! não quero morrer!...

—Viste tudo, Gregorio... O estupor da Vida é assim e agora seria repetir sempre a mesma coisa, massada inutil, meu rico senhor!... A Morte liberta. Vaes ser arvore, paizagem, côr, nuvens de poente... Vaes ser livre...

Restos de chefe de repartição hoje, amanhã labios de mulher ou alma de Poeta... Papelada fria que em breve se transformará em emoção e em lagrimas... E' o ultimo esforço: mais uns minutos de dôr apenas, para nunca mais pensares...

—Pitta, senhor Pitta, illustrissimo e excellentissimo senhor, que é que fez á minha alma?...

—Abri-lhe um rasgão para que o sol entrasse, e côres do poente, espirros de lume, enchi-te de chimeras inda ao morreres...

E todos se curvaram em volta do catre, os palhaços mascarados, roxos, purpuras, a Dona Felicidade, para verem o ultimo esgare do Gregorio, enquanto o Pitta berrava:

—Pode cabir o panno!

Esta estranha sabedoria do Pitta, o seu conhecimento da mulher, fez com que elle, naturalmente, pensasse em o consultar. Conhecia-as a todas, e ellas, de certo, amavam-no, apesar do seu typo de velho gatuno corrido e ascoroso.

Pitta dava-lhes conselhos praticos, penetrados de sabedoria, e que ellas escutavam com avidéz. Sabia interessal-as. N'elle encontravam sempre um amigo discreto e conceituoso: por vezes tinha. velho armario onde se encontra de tudo, remedios para males amorosos, filtros que entontecem e perturbam, meias corôas para occasiões de desgraça e, sobretudo, uma grande benevolencia por todos os vicios e por todos os crimes. Passava-lhes a mão pelo queixo, beijava-as ao pé da orelha, e noites, quando os amantes sahiam, rompia elle tambem de detraz da mobilia, com palavras que allucinam e põem vibrações quasi dolorosas nos nervos das raparigas.

Era-lhes indispensavel: escrevia-lhes cartas de amor allucinantes e ia entregal-as em troca do vil metal; consolava-as quando Alphonse fugia; sentava-as nas pernas e desfiava o rosario do vicio, com o olho lubrico a apal-



par-lhes o collo. Sabia receitas para tornar a pelle macia e rescendente, os seios duros e altos, o olhar promettedor de ineditos deboches adorados, que quebram, affligem e são deliciosos como abysmos negros onde a gente se despenha.

Assim, como elle lhe perguntasse pasmado, porque é que as mulheres o adoravam, o Pitta passou a mão pela calva, accendeu uma antiga ponta de charuto e falou conceituosamente:

—O pequenome, meu amigo, é afinal facil de levar: basta lisongear-lhes o vicio. Na alma de cada mulher, ha sempre um pequenino diabo escarlata. Basta acordal-o, se elle dorme; basta saber-lhe dizer palavras que o façam saltar, vivo e astuto. . .

A's abandonadas, tristes, em choro, não lhes quebro a illusão da volta do Amante, mas lentamente lhes sugiro que ha caricias extraordinarias de que elles se esqueceram, beijos que sugam a alma e desvairam, braços que sabem enlear como cobras e tudo fazer esquecer: a amargura da vida, os dias sem dinheiro, a deshonra e os credores até! . . . As que amam digo-lhes que ainda não é bastante, que a unica coisa boa da vida é o Amor e que ellas não teem nos olhos nem na bocca o sorriso extasiado de quem é verdadeiramente, fundamentalmente adorada. A's mulheres que teem o risco da primeira ruga na face e a ranhura do desgosto de começar a envelhecer na alma, conto-lhes que o Amor é immortal e que o oiro tudo pode. O amante que sabe fingir e que se paga, a quem se atira com desprezo o dinheiro, tem beijos, d'um raro sabor e nos seus braços passam-se horas esquecidas, que a illusão tece de oiro e de purpura. . . E a todas ensino que, o que do



amor é necessario saber-se espremer, é o Metal dos velhos, as notas do banco dos ricos que amam as rapariguinhas perversas e lindas... Eis o meu segredo, vê tu! Banal como uma verdade solida e antiga.

—Pitta, senhor Pitta, tenho uma coisa a pedir-lhe...

O seu olhar era incerto. Os dedos contrahiam-se-lhe e a palavra sahia-lhe sacudida. Emlim como quem toma uma grave resolução, disse:

—Vae um calice de genebra? Tome alguma coisa, senhor Pitta. Peço-lhe que tome alguma coisa... Trata-se da minha vida...

Então o Pitta lhe disse com certeza absoluta:

—Você ama.

E elle confessou a tremer:

—Amo.

O Pitta coçou a calva, afastou as farripas gastas do cabello e n'um grande silencio encheu devagar o copo de genebra. O gallego havia adormecido encostado ao balcão—e tudo no café era triste, afflictivo e mesquinho: as mesas de marmore sujo, desertas como lapides funerarias, as garrafas cheias de poeira enfileiradas no armario...

—Procedamos com segurança e methodo. Você ama. Está bem. Amar uma linda mulher ou amar uma idêa, amar seja o que fôr a valer na vida, é um bordão de peregrino a que nos apegamos e que nos ajuda a caminhar. Debruçar-se a gente sobre os olhos de uma mulher, consola de todas as desgraças e de todas as misérias e até de crimes. Perseguem-nos os credores, a fallencia vae abrir-se —olha-me amor! e sorve-me da alma todas as inquietações e todos os desesperos: quando me lembro de ti, a pistola aperrada e prompta para

me fazer não pensar—não é necessaria já, pois que tudo esqueci...

E ella ama-te?...

Elle disse com serenidade, muito humilde:

—Olhe para mim...

O Pitta olhou-o frio, perdido já nas idéas que se lhe esboçavam no craneo, se lhe creavam como nuvens trazidas por uma ventania:

—E's um desgraçado... Que importa ser-se ou não grotesco para que labios como ventosas nos suguem com paixão?... Crês tu acaso que os typos de belleza ideal é que são amados com maior soffreguidão?... Burro, que não conheces a alma humana, nem o coração das creaturinhas, avidas de mysterio e de dôr, de dedicação e de martyrio... Oh e só por isto vale a pena: calculas que vaidade, que inequalavel prazer, não é o d'um sapo que é amado por uma flôr rara?...

Affiançou-lhe que era bello, pelo soffrimento, pela sua vida, pelas suas desgraças.

—De resto as mulheres são curiosas e tem o Diabo na alma: o abysmo attrahe-as. A sabedoria consiste em encantal-as ou surprehendel-as: despertar-lhe o interesse, a curiosidade, porque se é picaro, perverso ou admiravel de belleza — que importa! Depois as mulheres amam os extremos: toda a audacia ou a excessiva timidez, os assassinos e os Santos, os Heroes e os Nulos. Não sejas timido, ou antes não desconfies de ti: põe-te a querel-a a valer, a querel-a com todo o teu coração e todo o teu cerebro. Não duvides e ella será tua. A vontade é omnipotente: tudo amollece, arrasta montanhas e faz estremecer os corações. Não sei que ambiente de força trazem consigo os que querem—que



todas as vontades se dobram, todas as energias alheias se quebram, a propria natureza amollece e é impellida. Quer! quer, ouviste?

—Não posso: não tenho energia, nem força. Sinto vontade apenas de morrer...

—Porque não experimentas tu as mulheres que se vendem?

—Aborreço-as...

—Comprehendeste-as mal, eis tudo...

Essas creaturas, que tu desprezas, são um pouco como tu e como eu: batidas pela vida, escarnecidas e com uma alma onde a candura se esconde para não soffrer... Olha-as: passam na rua lindas, faceis, com sorrisos humildes, a offerecerem a sua nudez ás pancadas e os beijos... Sob o veo claro de cada creaturinha esvoaçam dois olhos negros, que nos promettem deboches ineditos, beijos que por meia hora fazem esquecer amarguras e chimeras. Que importa que sejas velho, feio e grotesco?

Ellas terão da mesma forma, por uns miseraveis cobres, caricias que se não pagam, abandonos, olhares que valem a vida. Por momentos farão a primavera no boeiro negro da tua alma. São ellas—escuta—que dão aos mendigos, aos tímidos, e aos grotescos escorraçados pela vida e pelas vaías da ralé, a Illusão do amor!... Comprehendes bem isto? Como tu, como eu, ellas vivem sob o desprezo publico, cuspidas pelos ricos, e no entanto soffrem, são curiosas e bem dignas da piedade humana... Precisas de fazer soffrer alguém? Precisas de bater em alguém? Ah! as tens, lindas, faceis, sem a protecção da lei e á mercè das tuas pevrersões.

Como todos os escorraçados são humilde e os bei-



jos das suas boccas teem o sabor da experiencia. O Amor á venda! o goso sem responsabilidade! as horas tecidas a oiro, a chimera de azas abertas—sem reverso de medalha, sem amargura e remorso!—E queixas-te estúpido!...

—Não, senhor Pitta, por mais que queira não posso. O que me offerece é apenas a voluptuosidade. Depois, além de ser grotesco e timido, ella ama outro. E é fim o meu primeiro, o meu unico amôr...

Não sei bem que impressão amarga e juntamente candida fazia aquello ser grotesco e surrado, tão humilde a confessar que amava. Não sei tambem que baque o Pitta sentiu, que se transfigurou commovido e lhe disse:

—Tens então uma unica coisa a fazer... Vou-t'a dizer sem phrases, como se fosse teu amigo desde pequenino... Morre sacrificando-te por ella... A vida é lastimosa e estúpida para nós que não cremos e estamos gastos e nullos. A vida é uma serie de desgraças, de maldades e coisas importunas e miudas. Tens vivido, tens imaginado tudo, tem visto corações, lagrimas, desesperos. Que mais te pode restar? Vinte annos peores, dias a succederem-se aos dias,--noites de circo, a D. Felicidade, as minhas palavras que se repetem, o teu Sonho que nem já te illumina, pois que estás gasto e aborrecido até de sonhar. E's grotesco, é verdade. Eis aqui que apparece agora uma bella occasião de morreres, no praser unico de te sacrificares por uma creatura que adoras. Não a deixes fugir. Será a melhor coisa da tua vida, um fim como tu não merecias. Morre por ella... Depois de já estares secco, morrerás com este encanto: o da tua alma se cobrir de flores como uma arvore!...



Eu não sei bem explicar o coração de Pitta. Certo havia em suas palavras uma grande sinceridade e juntamente o prazer de dizer coisas bellas e estranhas, mas, n'um canto da sua alma, uma porção do seu sêr se poz a rir com escarneo e lhe disse baixinho:—Miseria humana! Grande malandro que tu és e te pões a aconselhar a esse desgraçado que morra, porque no fim de tudo o que tu tens é inveja, ó estupor! Ó que tu não podes é entrever a possibilidade de ella o vir amar e de elle ser feliz com uma linda mulher, quando tu és desgraçado!... O que tu tens simplesmente é inveja, Pitta!...

E o Pitta, sabedor da vida e de todos os seus escaninhos, respondeu-lhe:

—Vae para o diabo que te carregue! Sou assim; que queres! o homem é mau e estúpido! De que valem as tuas palavras, não me diràs, falador?...



O circo estava ainda a meia luz quando o Palhaço entrou. As cariatides de marmore que sustentavam os balcões pareciam claridades diluidas na purpura dos estofos e a arena deserta fazia tristeza. Mas rompeu a symphonia e moços vieram, de calções vermelhos e fardas, abrir alas no estrado, quando o lustre gigantesco, como uma flor que se abre, deu subito toda a claridade á sala . . . Em cima, no alto, havia riscos de fogo do metal dos trapezios, uma confusão de redes, de arames negros cruzados e, por entãe, enquanto uma mulher a cavallo furava com a graça do vôo arcos de papel branco, todo o publico indifferente restou silencioso.

Seguiu-se um trabalho de força: os tres Fersts desceram a rampa n'um pulo, e um palhaço, vestido de lilaz, e de carapuça branca, começou aos encontrões ás barras, onde já os outros trabalhavam. Saltavam: eram como pedaços de estofo, mantos de cardæaes, atirados pelo ar. Suspendiam-se pelos pés, tão certos, tão seguros do que faziam, que a Multidão, já ruidosa, principiou a applaudil-os.

Coube depois a vez aos patinadores. Ella era gracil, rapida, desaparecendo no estrado como um sylpho,



ou como um floco de espuma lilaz levado pela ventania. Os outros, todos grotescos, pançudos, dir-se-iam um bando de sapos verdes, amarelos, roxos, negros, que a perseguissem, aos pinchos desageitados —E ella fugia, graciosa na sua *pose*, os braços arqueados e nos labios um sorriso...

Na claridade baça e quieta do circo, Camelia appareceu emfim sobre o cavallo negro, gracil, branca na luz dos reflectores, como se fosse feita de leite, e, no galope phantastico, passava esvelta e loura, a sangrar como um crime, com tons purpura, rosea e evocada d'um sonho, imagem que se desdobrava, na furia do galope e no triumpho da musica, como uma figura de chimera.

As côres, restos de poente, escamas de sol, ruisse-lavam d'ella sobre o cavallo negro, até que por fim, n'uma rajada de palmas, cahiu sobre o selim, com uma graça de cysne, toda branca outra vez...

O Palhaço n'uma cabriola veiu então rojar-se-lhe aos pés, amoroso e comico... Todo de seda negra, ferida de escarlata, junto á gracilidade de nuvem de Camelia, céu de catastrophe onde o luar apparece, dava a impressão d'um salteador que fosse violar uma virgem. Certo os seus olhos, na face longa e amarella, tinham desesperos de Amor, martyrios, amarguras de Illusões despedaçadas, mas os seus braços desengonçados, todo o corpo anguloso e torto, abria risos de escarneo até na chimerica ventura d'um Noivado. Aquelle pedaço de clowneria estrellava-lhe de illusões todo o resto da Noite.

Para que ella se não risse d'elle fingia o Amor (bem sentido e cavado na sua alma, em verdade), fazia da paixão um riso e de tudo o que tinha em si de ternu-



ra, como uma arvore que foi forca e se poz a cobrir de floração—uma gargalhada. Não, não queria que ella se risse, ou tivesse piedade d'elle, mas no feitio lambão por que passava os dedos pelo seu peito marmoreo e lacteo de estatua, para depois chupar em gula os dedos, havia amarguras ineditas; no seu olhar raivas e, em todo o seu corpo de palhaço, impetos de a morder e fugir com ella presa nas garras.

Subito a galopada, no estridor da musica, recomeçou, e Camelia, como a phantasia d'um poeta, verde, escarlate, a sangrar como um crime, incarnava a Chimera, sobre o cavallo negro e raivoso— e de rastos, agarrado ás crinas do animal, o Palhaço tinha gritos, furias, despedaçado d'encontro á arena — restos d'um amor do passado, illusões mortas, venturas para sempre perdidas na lama e no esquecimento. E as palmas e os uivos da Multidão cahiam como graniso.

A seguir Lydio trabalhou. Nem Antinus teve a harmonia de musculos e a belleza fina de Lydio. A toda a altura do circo enorme, e sem rêde, elle fazia trabalhos de prodigio e de perigo, com a sombra de um sorriso nos labios, enquanto a Multidão hypnotizada, sentia arrepellar-se-lhe as unhas dos pés, sensação da queda n'um abysmo, a bocca secca e amarga.

Para tirar áquella parte do espectaculo o allectivo de pesadello, o empregario, como quem atira para uma cova negra um galho de macieira em flôr, fazia côro aos trabalhos de Lydio com um bailado na arena, em que entravam as mulheres mais lindas do circo. E catedupas de luz jorravam dos reflectores...

Como uma mão cheia de flores atiradas para a arena, finas e graciosas, com risos claros, ellas vinham de ro-

imagens
contando
no circo



da, subito estacadas para Lydio. Ao meio o Palhaço tinha impetos de paixão, na indecisão da escolha. Ellas então dançavam desfeitas em pualha, papelinhos multicores arrastados n'uma ventania... Lydio no trapezio equilibrava-se n'um perigo enorme.

Quem cortou a corda do trapezio?

O Palhaço não o disse, mas é certo que havia tempos que os seus olhares luziam de odio para Lydio e que a sua conversa saccudida, nervosa e tecida de rancor, se estancara. Na arena tinha noites em que a dôr se misturava por demais nas suas farças e em que a Multidão o pateava raivosa. Os seus gestos, em linhas quebradas, exprimiam ferocidade e em toda a sua face, comprida e amarella, se lia (o que transformava subito os risos em pasmo e a gargalhada em terror) não sei o que de sinistro...

Quem cortou a corda do trapezio?... Lydio apenas sentado, sentiu um estalido e o seu olhar estoirado de angustia nunca mais se tirou do unico fio porque a corda ainda pendia—tão leve, tão fino...

Descer?... O mais pequeno movimento era a morte, a queda na arena, despedaçado. O bailado se petrificára, poeira de oiro e de sangue, afinal abandonada pela ventania. Ninguem bulia e no silencio sentiam-se boccas mastigarem em secco e dentes que se chocavam de terror... O perfil fino de Camelia cortára-se de angustia e o Palhaço não tirava d'ella os olhos pequenos e quiêtos. Gelada, a bocca torcia-se-lhe de terror...

Então devagar, todo negro, com flores escarlates na tunica, muito devagar elle subiu a corda—e ninguem respirava. Devagar, segurou, pela parte superior, o tra-

pezio cortado, tecendo com os braços a vida para Lydio, que logo desceu quasi inerte.

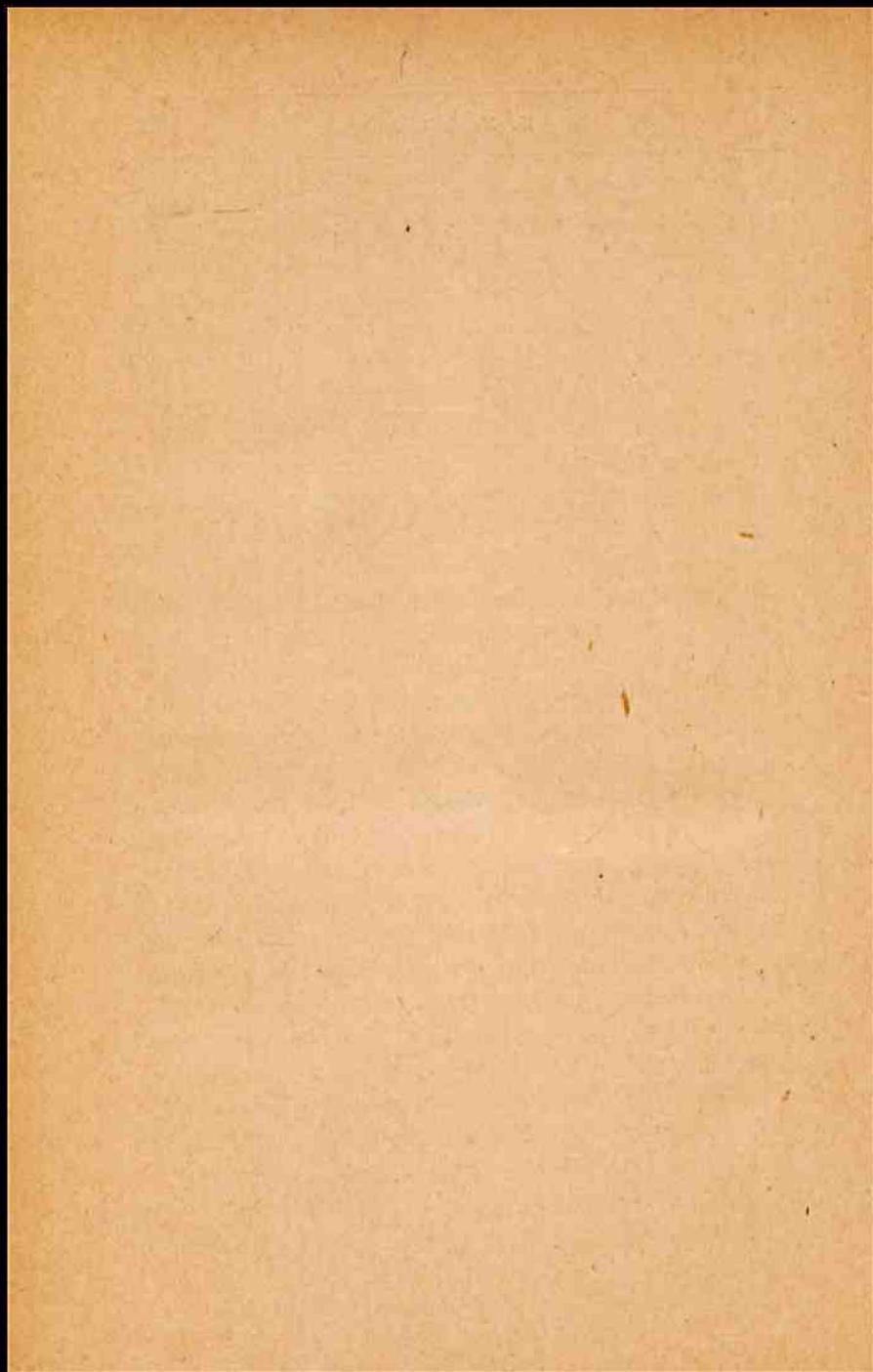
... Viu-se então um trapo negro, bordado a côres escarlates, vir de cima, lá do alto do circo, e com todo o ruido das bexigas de porco, que tinha de habito prender na tunica, o Palhaço estoirou na arena, grotesco até na morte...

A música, desvairada e hilare, rompeu uma marcha de triumpho, a Multidão, entendendo que tudo aquillo era uma farça de genio, sacudiu-se na tempestade de uma gargalhada homerica--e a poeira do bailado, borboletas de fogo, de luz, verdes, escarlates, multicores, sob o jorro dos reflectores, fugiu n'um terror, sacudida por uma ventania de raiva...

Na galeria o Pitta, a guedélba em pé no craneo rubro, n'um triumpho, acompanhado da D. Felicidade e do Doido, rompeu em berros de desespero:

—Fôra o auctor! fôra o auctor!...







TERCEIRA PARTE

OS SEUS PAPEIS

RESTAM ainda de K. Mauricio, entre papeis inúteis, rabiscos, notas, caricaturas, as paginas que a seguir publico, pois que d'alguma fôrma completam a sua curiosa physionomia moral, mixto singular de grosseira analyse e de aspiração de infinito.

Este Palhaço, de quem toda a gente se ria e a quem os risos rasgavam, depois de escarnecido e de vêr sumida a sua chimera, poz-se ainda, visto que a não pôde realisar e que, entre os braços descarnados, só encontrava, se queria agarral-a, o Nada—a seismar no Infinito. E ainda assim é grotesco como um sapo que fizesse namoro a uma estrella.

As paginas dos seus ultimos dias formam um volume para mais tarde, completando com esta *Historia d'um Palhaço*, o livro a que elle proprio pôz o titulo de *A Vida, autobiographia de K. Mauricio*.

Ha ainda a notar entre os seus cadernos uma pequena novella inacabada: é a historia de um homem que tendo tudo visto e tudo analysado — acaba, por chamar



a Morte. E' a sua propria historia. Somente K. Mauricio viu tudo em imaginação e a sua analyse de pessimista é falsa. Como nunca teve mocidade, parte d'ahi para concluir que a mocidade é van. Como era invejoso e incapaz d'um sentimento inteiriço, deduz com logica a maldade dos outros.—O mundo sou eu! exclama em alguma parte, parodiando uma phrase celebre.

O Sonho, a incapacidade de equilibrar as duas vidas —a vivida e a sonhada, fizeram d'esta creatura um sêr curioso. E é apenas por isso que a amalgama dos seus papeis se publica. A sua aptidão para soffrer, a rêde dos seus nervos sensibilizando-se com miudos pormenores da existencia, com a vida das pedras e das arvores, com alma do que é inanimado, a sua emoção paradoxal, deram interesse à sua prosa e à sua phantasia. Mais nada.

Esta feição, que transparece na primeira e segunda parte de seu livro, completa-se com as paginas que seguem e com o volume a publicar-se. A vida é má, tumultuaria, a vida não vale o que por ella se soffre—e no entanto elle tem um medo enorme de morrer. A vida é restricta, egual, repetida—e eis que K. Mauricio se põe a sonbar o Desconhecido.

Singulares creaturas devem nascer por este fim de seculo, em que a metaphisica de novo predomina e a aza do Sonho outra vez toca os espiritos, deixando-os alheados e absortos. A necessidade do Desconhecido de novo se estabelece. A Sciencia, que por vezes arrastára a Humanidade, que a suppunha capaz de ir até ao fim —bateu n'um grande muro e parou. Que importa o principio e o fim?

Ora é exactamente e principio e o fim que importam. O

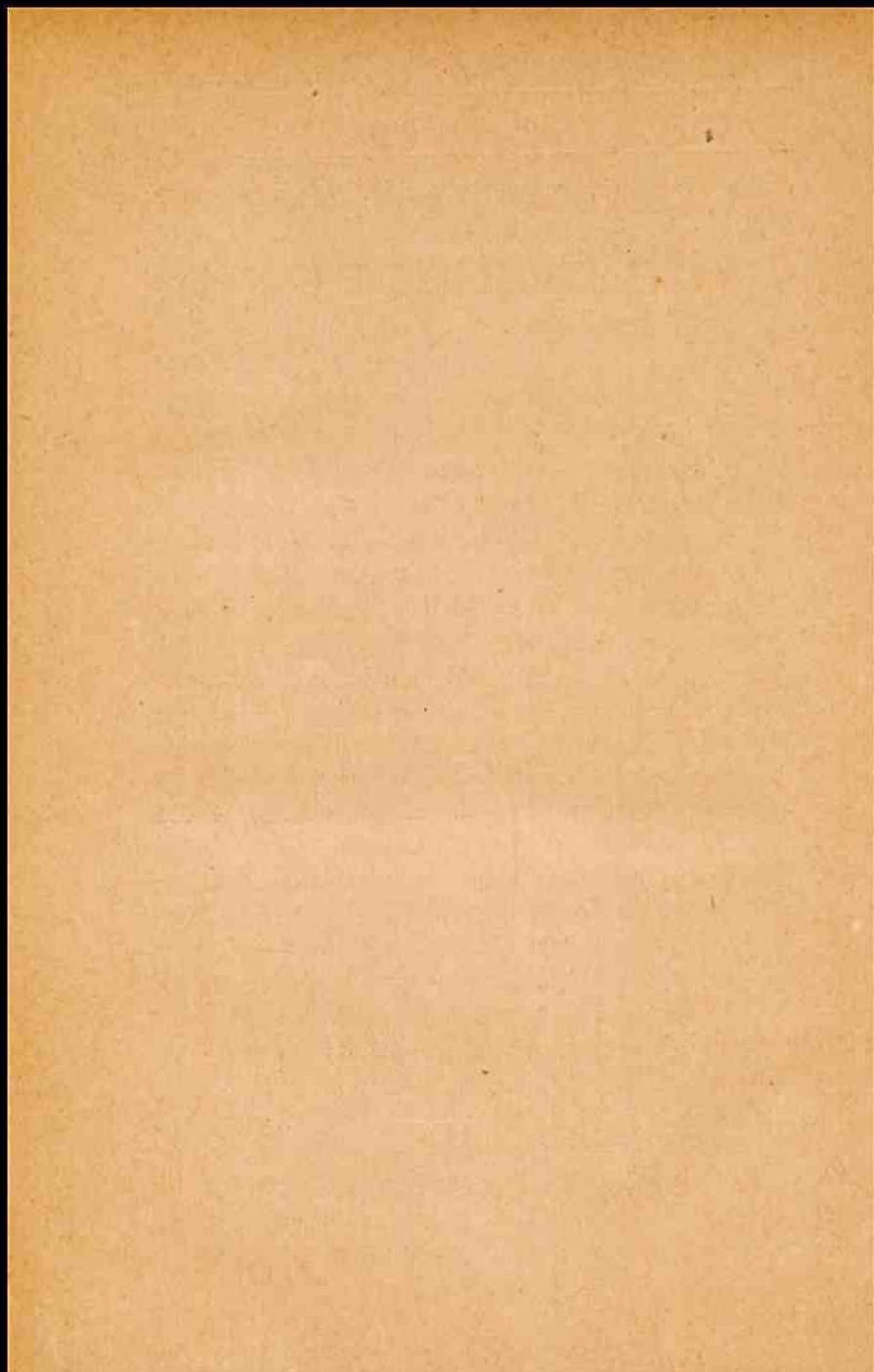


caminho é esteril, secco e aborrecido. Para lá do muro é que está a Verdade e o Bello—Deus. E todas as creaturas se pozeram a scismar, e sentiram a necessidade do Ideal. A Fé christã, porém, embotára-se. Era preciso inventar-se outra coisa...

Depois o homem é já uma creatura gasta, sem energia para grandes golpes, mas com audacia para romper com tudo. Se as mãos debeis não podem já com uma durindana, os cerebros e os corações estão em braza. Ganhou-se em nervos—perdeu-se em equilibrio. Não se assalta um castello, de armadura e mãos enclavinhadas na penedia, mas conquista-se o Desconhecido...

De tudo isto, da fadiga produzida pelo exaspero crescente da lueta pela vida, devem nascer creaturas singulares, aberrações infinitas, curiosos cerebros cheios de sonho, nervos capazes de sentir o que por ora é do dominio da telepathia... K. Mauricio não pertence um pouco a estes seres, pela sua sensibilidade, pelo seu amor do Sonho, e sobretudo pelo seu desequilibrio e pela incapacidade de realizar?... Timido, fugido á Vida, quasi sem saber falar, exagerando miudos pormenores sem importancia, quando passava gelado pela verdadeira Dor, com mezes de inercia, absorto no Sonho, para subito romper n'uma audacia de que todos o julgariam incapaz, temendo a Morte e desejando-a com a mesma sinceridade, -contraditorio e logico—não é um ser comico e picaro, sinistro quasi e conjunctamente desgraçado?...





A VOLUPTUOSIDADE E O AMOR

N'esta hora afflictiva do crepusculo, quantas creaturas, transidas pela Vida, se põem a tecer chimeras, sonhos fugidios, nuvens! . . . Da terra começa a sahir o halito violeta da sua evaporação: nas almas se criam tennes figuras de sonho, illusões queridas. Tenho vontade de chorar e ainda hoje me não aconteceu desgraça . . . Alguns formam espectros negros e desesperados, a outros vem Ophelia, de mãos febris extendidas, beijal-os na bocca. Dir-me-has, querida, que desde pequeno commigo vi-ves—e que nunca na realidade exististe—dir-me-has com o teu triste sorriso de magoa; —Sonho, é sonho tudo! . . . —Como se eu não tivesse a certeza de te ir encontrar no infinito, pois que nada se perde senão a van realidade! Tenho muitas vezes, até irem altas as estrellas, scismado em ti, amor; criei-te de lagrimas, de aspiração, de tudo o que em mim proprio é immortal e agora és tu mesma que, aqui a meu lado, me contas a alma d'esta historia, que eu amasso no lôdo da minha prosa . . .

Era uma Floresta enorme e silenciosa. Os esqueletos negros das arvores pareciam seculos petrificados. Nada bolia: a vida allí parára subito, estancada e afflictiva. As raizes em garra mordíam a terra e entre os tron-



cos, o Deus apparecia vago—realisação do assombro e do espanto. Era de pedra e alli estava desde o principio das coisas, quieto e hirto, á espera. O seu corpo disforme perdia-se na noite eterna; a sua cabeça mergulhava nas patas, a caverna da bocca prestes a triturar os homens e as coisas. Não se sabia bem, nem se descrevia bem: parte perdia-se na treva, parte era espantosa, construida com restos de pezadellos, pedaços de sonho e de magoas dispersas. Uma aza cahira por terra, como um mundo que desaba: o resto do seu corpo era a noite com pezadellos, torturas e duvidas... Ao pé não se via senão o horror, mas quem o espreitava de longe ficava surprezo deante do seu aspecto de ferocidade e de lascivia. Tudo fugira da floresta: as arvores, que alli cresciam desde a criação do mundo, estarreceram e não dêram mais sombra nem flôr, as aves cahiram geladas, a agua seccára e a Primavera e Vida, ao depararem com o Monstro, tinham-se convertido na Morte. O Terror e o Silencio petrificaram-se alli sob a mão de gigantes doidos. Era feito de montanhas removidas, mysterioso e assustador, como todas as coisas de que se não sabe o principio. Inacabado, esboçado, os seus olhos e as suas mãos, todo o seu corpo, se envolviam no Sonho e cada homem á vontade lhe dava aspectos e pormenores...

Suppunha-se no paiz que elle se formára de Sonhos e de Magoas dispersas, de aspirações irrealizadas, da ancia, das noites de febre dos Doentes, dos Sonhadores e dos Poetas; de tudo o que não tem destino, das tristezas vagas do crepusculo, de chimeras inacabadas, de crimes, do Sonho dos grotescos, que alli se agglomerára, petrificando no Deus solitario e incompleto, as-

sombroso na sua immobilitade, entre a floresta estacada de horror e silenciosa...

O Deus sustentava-se de Amor. Nos noivos de cada anno escolhiam-se á sorte os sacrificados. Sacerdotes, vestidos de tunicas brancas, como quem desfolha flôres á beira d'uma cova, offereciam ao Monstro a vida dos amorosos. O fim do sacrificio era um findar de ceifa, em que a terra ficasse estivada de lyrios de corpos moços, de papoulas de sangue...

No paiz atterrorisado, todos os annos pelo principio da Primavera, para apaziguar a colera do Deus, se fazia a escolha dos Noivos. Ninguem se atrevia sequer a olhal-o: parecia que as suas garras se cravavam em toda a terra, a esmagar a Vida e o Amor...

E um grande terror na Primavera, epocha dos noivados, pesava nos corações. Quem viveria? quaes dos que, de mãos enlaçadas e olhos nas estrellas, ás noites falavam do Amor, escapariam á Morte? E a incerteza andava nas almas dos enamorados como um espectro negro a rondar. Se os seus olhos se prendiam, logo os afastavam com horror e muitas mãos gelavam subito entre mãos queridas. D'onde vieste tu, meu amor? Por ventura existes ou não passas d'uma imagem que na minha imaginação criei? Se te beijo cuido por vezes que és morta. Fala, fala muito, embora as tuas palavras sejam vaus, para que eu me convença de que ainda existes... E o Amor transformára se. De anno a anno, n'esse paiz onde o Deus dominava, as almas se purificavam, pois que ninguem ao certo saberia dizer se o seu noivado se continuaria no infinito. Falava-se baixinho e a cada palavra os olhos se arrazavam de lagrimas. De

forma que, quando o Poeta de cabellos flavos, veio para casar com a Princeza e reuniu em volta de si todos os Noivos d'esse anno, nenhum estranhou as suas palavras. As suas palavras são talvez incompreensíveis e metaphysicas para ti que me lês, mas não no foram para os Noivos do paiz chimerico, onde o Deus existia. Disse o Poeta que o Amor era immortal — e só no infinito se realisava. Duas creaturas que morriam pelo Amor, puras, iam ter o seu noivado eterno para lá das estrellas, onde as chimeras tomam corpo e as aspirações se realisam.

Disse tudo que só a intuição dos Poetas adivinha e os sabios ignoram. E, pois que a Primavera vinha, todos acceitaram as suas palavras, e todos quizeram a Morte. Cada um se poz a desejar no infinito o Amor infinito e cada par de Noivos procurava com ansiedade nas arvores a primeira floração—e nas estrellas cada noite se prendiam aspirações. Ficavam horas de mãos dadas, a olhar o ceo, sorrindo. . .

—E lá, como seremos nós então? . . .

—Como a pureza, como a brancura. . .

Cada anno, em Abril, a procissão dos Noivos entrava na floresta como um soluço que a atravessasse. Era ao cahir da tarde, no fim do dia pallido e melancholico. Caminhava a fila, n'uma tristeza vaga, incerta, feita da pena do que se perdeu de aspiração e de sonho. Brancos, todos nus, iam enlaçados aos pares. D'elles seriam ainda escolhidos os que iam morrer—e, entrando na floresta hirta e negra, não sabiam bem se caminhavam para a Morte se para o Amor. . .

Atraz iam os sacerdotes vestidos de linho e a cantar.



Tambem elles, como todos, só n'esse dia do anno, de sacrifício e de Morte, é que viam o Deus...

Nos outros annos caminhavam com tristeza. Quantos beijos perdidos, se morressem! quantas horas de voluptuosidade perdidas, se o Deus os escolhesse! Mas n'esse Abril iam a rir e a cantar para a Morte, que lhes faria realisar no infinito o Amor infinito.

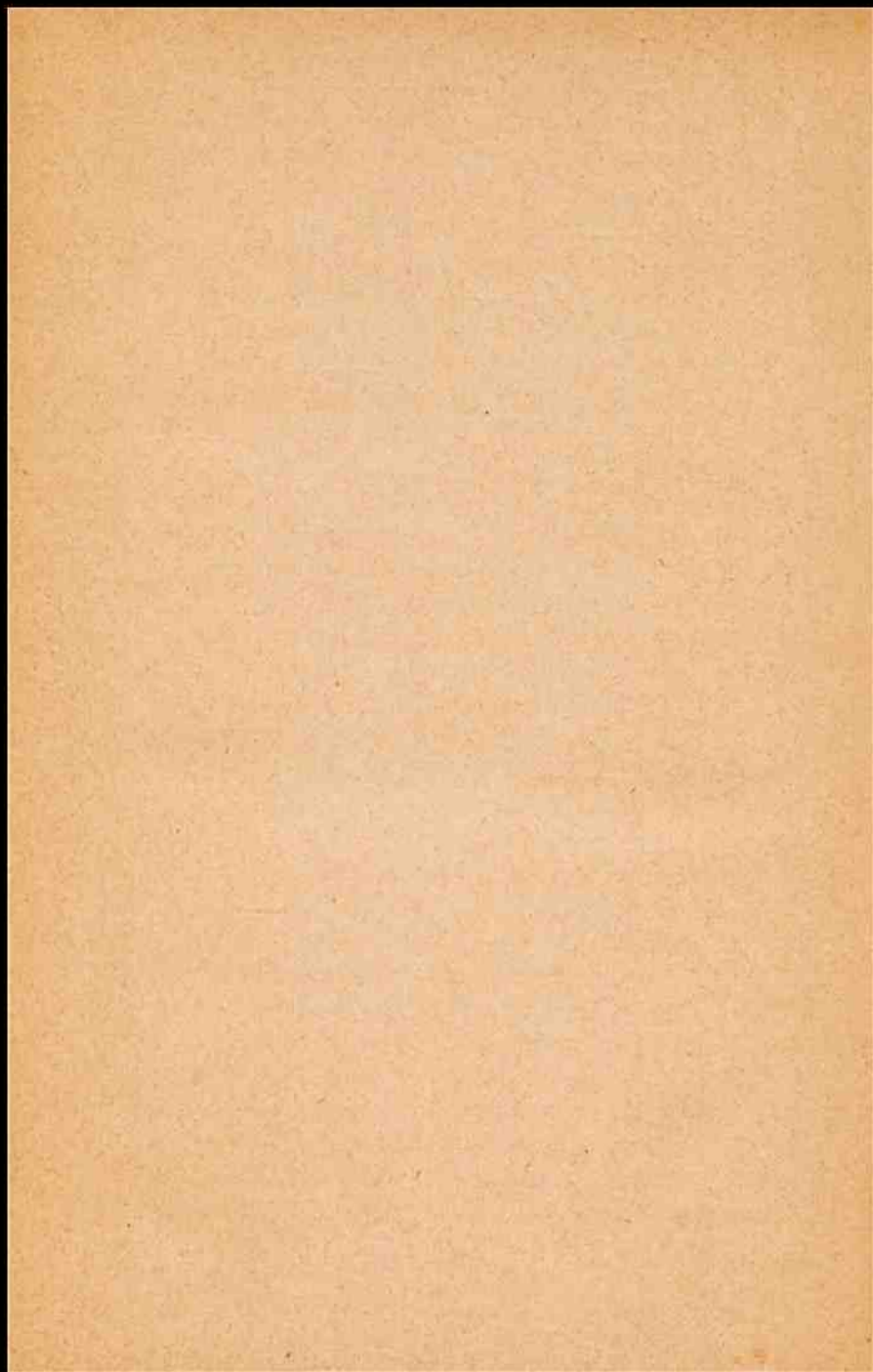
De repente os primeiros Noivos que chegaram estacaram de assombro.

O que succedera ao Deus n'essa primavera? O que acontecera á floresta n'esse anno, que de lá vinha um murmurio de vida extasiado e hilare?...

Enxames de abelhas tinham feito toca na sua bocca e isso bastára para humanisar o monstro. O mel cahia-lhe por entre os dentes e todo elle se babava, doirado. O velho granito de que fôra construido, d'um lindo tom de folha morta, parecia estremecer de jubilo. Espinheiros haviam crescido em torno e a folhagem verde esvoaçava nos troncos negros. Agua corria viva, e, sobre os seus olhos cupidos, sobre as suas faces babosas, noivavam borboletas...

Em volta do Deus os pares de Noivos enlaçados riram—e não se sabia bem, ao cair d'aquella tarde de Abril, se as brancuras entrevistas eram de corpos nús, se de arvores em flôr...





O MYSTERIO DA ARVORE

*antecipação
mesmo terrível
emprego de
palavras
do*

Esgalhada e secca, enorme, os seus fructos eram ca-
daveres ou corvos. Ninguem se lembrava que ella ti-
vesse dado folhas nem flôr, a arvore enorme que ha-
via seculos servia de forca: ninguem se deitava á sua
sombra e parece que nem o sol lhe dava, estarrecida
e hirta, a arvore enorme que havia seculos servia de
forca.

Em frente ficava o Palacio real, todo construido d'um
bloco de pedra negra, que o Mar bravo batia, e só o
Rei se puzera a amal-a, pois que ella era igual á sua
alma, nua e tragica, a arvore triste que havia seculos
servia de forca...

Que doença estranha, vagarosa mas tenaz, matava o
Rei?... Só amava os crepusculos, agonias de luz, o
Passado, e a Multidão silenciosa vinha vel-o, ao findar
da tarde, de cabeça a escaldar encostada aos vidros
das janellas, sem desejos, o olhar perdido em chi-
meras, imaginarios paizes, onde tudo são agonias, aguas
quietas, espectros de arvores esgalhadas. Tudo que era
moço e vivo fugira do palacio, porque o Rei aborrecia
e mandava punir a mocidade e o amor. Só o Mar ainda
o prendia ou a arvore negra, desde seculos secca e es-



tarrecida, a arvore maldita que no seu Reino servia de forca...

Pozera-se a odiar os felizes e os amorosos, na raiva de não ser moço e forte. A's noites, no silencio tumular do seu Palacio, nos corredores, onde os seus passos echoavam, tinha desesperos, torturas de não poder amar as lindas mulheres de carnes de camelia, frias e lacteas. Erguia os braços n'uma supplica, sósinho, porque não queria ver ninguem, babujava, cahia no Odio à Mocidade e ao Amor. Fizera-se assim invejoso e mau e por vezes já mandára matar creaturas, que se amavam...

Sucedeu que veiu a Primavera e todas as arvores ao seu halito, estremeceram e se cobriram de floração. Havia pequenas borboletas que nasciam do Sol, pedaços de luz materialisada, e dois amorosos, vindos de Paizes lendarios, perderam-se tambem, n'aquella terra erma e bravia.... Ella era gracil, envolta na pualha dos seus cabellos, com risos infantis. O mendigo, apenas vestido, era feliz e esvelto, preso no seu olhar. E assim vieram enlaçados, com a Primavera, cobrindo todo o paiz arido, que calcavam, de vida e de amor. As macieiras dos quintaes deitavam galhos fôra dos muros e pequenas flores esvoaçavam pela sua nudez: os poentes no Mar tinham côr, purpuras e oiro em braza...

Só o Rei no Palacio tragico vivia braço a braço com a Dôr. A vida, a luz, as arvores lembravam-lhe a sua miseria e enojavam-n'o. Queria que todo o paiz fosse negro e viuvo; e o Amor que elle sentia correr na terra, a Morte até, que tudo transformava e enchia de vida, lhe parecia uma abominação. Deitava-se no chão



e a terra era uma noiva, os montes seios duros, as arvores cabellos ao vento. Sentia-a palpar amorosa e, n'um desespero, fugia, para não pensar, sósinho no seu Palacio construido de pedra negra e cuspido pelo Mar raivoso...

Ficava então horas de olhos fitos na arvore. Como o Rei ella era secca e hirta, negra e os seus fructos cadaveres ou corvos, a arvore tragica que havia seculos servia de forca. Tudo á sua volta se transformava, amava, se cobria de floração: só ella ficava estarecida deante da Vida e do Amor.

Um dia o Rei soube que dois mendigos felizes tinham entrado no seu paiz e mandou-os logo prender. Havia já noites que elle os sentira em tudo: nos espinheiros em flôr, nos sapos dos caminhos, que pareciam extacticos, nas coisas que queriam falar e estremeciam, na Noite que trazia até ao Palacio murmurios, no vento que atirava para o Castello construido um só bloco de pedra negra, galhos de arvores luminosos, cheiinhos, dir-se-hia, de geada. Punha-se de ouvido á terra, e a Terra, a Noite, o Mar tinham vozes confusas, que elle entendia e o enfureciam.

Quando vieram ao Palacio, trazidos por soldados, com elles entrou um bafo procreator, luz, sol: cheiravam a arvores, á herva e á lama dos caminhos, humus, que traziam pegada nos seus pés feridos. A vida rompera por aquelle tumulo dentro e, pois que iam morrer, dir-se-hia que a Morte, em logar da foice symbolica, trazia nas mãos um galho de arvore onde batia o sol.

Raivoso o Rei não lhes perguntou nada. Olhou-os odiento durante minutos e depois fez um gesto aos Carascos, que logo se apoderaram d'elles e os arrastaram.



Os Mendigos sorriam, alheados. lindos, cobertos de her-
va, de terra: cheiravam a arvoredos, a sol e á Primavera.
Enlaçados olhavam-se e parecia que elles eram, um a
Vida, outro o Amor.

Noite negra e o Rei subiu sósinho ao terraço. Res-
tos de nuvens, restos de mantos enlameados, arrasta-
vam-se pelo céu. A arvore estarrecida e hirta, onde os
dois mendigos haviam sido enforcados, mal se via na
escuridão; mas de lá vinha um fremito, a sua agonia
talvez, e uma claridade, os seus vestidos decerto...
Toda a Terra lhe parecia uma podridão a fermentar:
ouvia murmúrios, gritos de amor. Se as arvoredos falas-
sem, se as arvoredos e as coisas dissessem tudo o que
sabem!...

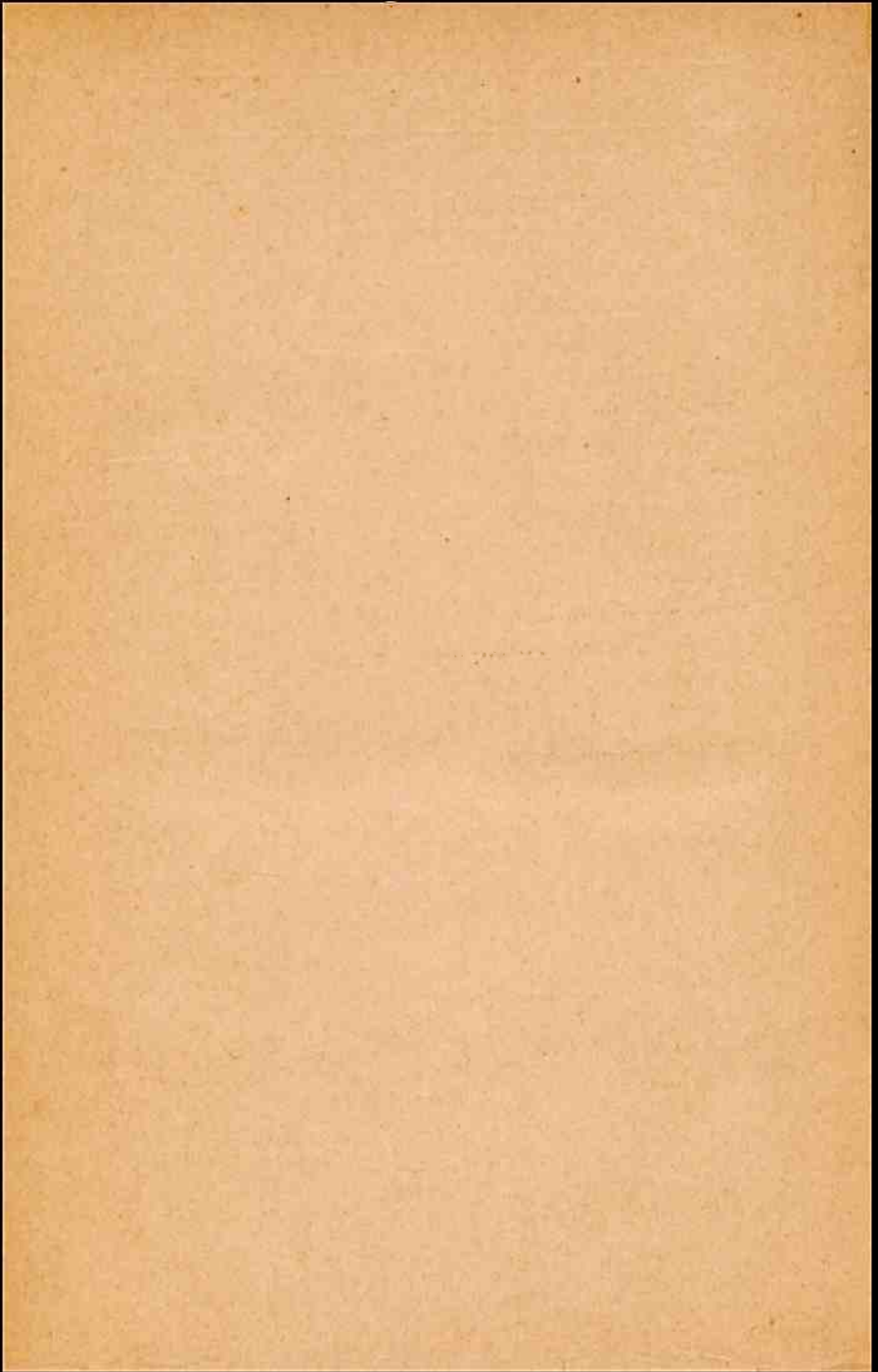
Encostado á muralha passou a noite absorto. As nu-
vens galopavam, o grasnido dos corvos na arvore af-
fligia-o: só elle deante da Vida ficava secco e inerte...
Porque não iria ser macieira, mendigo, humus?
transformar a sua dôr em felicidade? ser humilde e be-
ber o sol, ir alegre na alluvião da Vida? Oh como elle
odiava a mocidade, o amor, labios que se beijam, a
emoção!... Só a arvore esgallhada e secca o prendia
ainda, a arvore sinistra que no seu reino servia de
força.

Ficou até de manhã, d'olhos postos n'ella, sua equal,
triste e estarrecida, sem amor e sem vida, negra como
as idéas que elle tecia, da secura da sua alma, a arvo-
re enorme que no seu reino servia de força... Come-
çaram os cerros a ter tintas violetas, as arvoredos a azu-
lar-se, e a força, em que elle agora se absorvia, a er-

guer-se d'entre a nevoa, a arvore que havia seculos, não tinha seiva, esgallhada e negra...

Subito ficou petrificado, de olhar fito na arvore, que aquecida com o immortal amor dos Mendigos, tinha um galho, aquelle em que os dois pendiam enforcados, cheio de flôr. Toda de negro, hirta e má como uma praga, deitara um galho que enternecia, tão coberto de flôr, ideal noivado, a arvore enorme que havia seculos servia de forca. Nos seus galhos tinham sido enforcados, tantos desgraçados, as suas raizes para sempre secas pelas lagrimas dos que choravam: tollida pela Dór dos justicados, não bebia agua, nem sugava humus. Vira passar reinados, homens, primaveras, sem se commover, negra e arPELLada como uma mão a amaldiçoar a Terra e o Castello. Assistira a transformações do solo, a cataclysmos, a tempestades e a guerras, a ambições e a soffrimentos, e sempre morta, petrificada, negra como uma cova—e n'aquella noite, aquecida com o amor de dois mendigos, a arvore deitara um galho, um unico, mas cheio de flôr, adoravel, como se n'elle se concentrasse toda a paixão, a Primavera e o noivado da Terra—a arvore maldita que desde seculos servia de forca...





ESPERA !...

Ali vem, ali vem a desesperada hora do crepusculo... E' dia de entrudo hoje. A rua está muda. Só a chuva cuspinha, ha lama negra, um lampião começa a brilhar com uma tristeza feita de tedio e de coisas miudadas, vasias e nullas e um bebado dá arrancos, com baques picaros nas lages...

Bem sei, é a desesperada hora do crepusculo, escusavas, bebado, de m'õ vir lembrar com os teus berros d'uma amargura que põe os cabellos em pé, e com os teus tombos pela lama molle e negra, que me degradam, como se me salpicasses de vomito, e me fazem pensar no suicidio... Ali vem os mortos, ali vem Ophelia de mãos estendidas para mim, ali vem a Noíte, os phantasmas. a cova, bem no sei... Cala-te! E' inutil, tudo é inutil: não é a luz do candieiro que faz fugir os espectros, quando a minha alma está cheia d'elles como de negras phalenas. Tu, para quem escrevo estas ultimas linhas, Homem, escuta... A Sciencia é van como os berros d'aquelle bebado que se roja pela lama. Não creias! não creias!... Que não acredites no Desconhecido quando a tua alma é feita de uma porção de infinito amassado em terra! Não acredites que os mortos voltem, e não tarda que elles venham chorar desesperadas lagrimas ao pé de mim!...

Vomita, estúpido, vomita na lama!... A esta hora os Poetas começam a sonhar, os criminosos a tecer os crimes, e quantos dramas no escurecer, quando as lágrimas se não vêem e os soluços suffocam menos, se passam entre paredes frias, n'esta afflictiva hora do crepusculo! A pobre costureira, que se debruça sobre o tecido para vêr ainda, por certo se lembra d'um amor já findo e deixa cair lágrimas sobre o linho gelado como as suas illusões mortas; e tu, cuja janella aberta dá para o Mar largo, em que estás a scismar, d'olhos absortos, como se o visses ao Afogado, teu Noivo, apparecer para as suas nupcias?... E' certa, é certa, pois, aquella historia da rapariga a quem o namorado morreu no Mar e que o viu um dia, n'esta hora angustiosa do crepusculo, sahir livido e amortalhado da espuma, levando-a para sempre consigo?...

Tudo tem vozes, a esta hora, as hervas humildes e as seccas pedras. Tudo tem boccas. Lembra-se a gente de olhares que não sabe já de quem são, de perfis perdidos, de corações que cessaram de bater...

Tudo em mim me diz que tu que existes. Como do contrario, explicar as lágrimas que choro por ti, o estado de alma indefinido em que fico nas horas tristes do dia, quando parece que a minha emoção se espalha pelas coisas e uma ancia erra. Sonhar é bom — mas não é tudo... E depois escuta: ainda esta noite, quando eu bebia o luar, senti que te tinhas sentado ao pé de mim... Ouvia-a a tua respiração lenta e não me voltei, para que não fugisses, mas, sem que reparasses, devagarinho pude ainda vêr os fusos dos teus dedos finos. Outras vezes acordo 'alta noite, certo de que me chamaste e já tenho tambem sentido, quando choro muito,



que me pousas a tua mão no coração, pois que a Dôr subito se perde... Como do contrario explicar a propria vida, amarguras, lagrimas, tedio e rotina, a vida que só tem de bello o sonho?...

Ainda esta tarde, na hora do crepusculo sobre todas amada que escolho para pensar em ti, eu tive uma visão... E' singular! Muitas vezes tenho visto os meus mortos queridos e minha mãe quantas noites não tem apparecido ao pé de mim, desfeita em choro!... E' singular como os sabios negam aquillo que não sentem ou que não viram!...



Espera! espera!... Foi n'outro tempo, n'um tempo em que me parece que era sempre maio, e longe de todos as corações gelados e dos sorrisos postiços. Havia arvores, arvores com grandes cabellos verdes soltos, um caminho que eu tantas vezes andei de coração inquieto...

Viviamos juntos e amavamo-nos, n'esse sitio arredado e melancolico com grandes arvores, uma antiga casa fidalga, e a vida livre, primaveras a noivarem, paz, invernos bravios sonhando ao pé do lume, e livros de poetas. Tempo lindo sahiamos ambos: ás vezes em maio no ar fino e doirado, quando as arvores deitam a primeira flor, como um candido sorriso ou um coração que pela primeira vez estremece. Levava um livro commigo e Ophelia escutava. As minhas palavras animavam a paizagem: davam alma ás coisas, ás arvores, ás aguas das lagoas. Toda a minha alma se desprendia ao pé d'ella e a emoção espalhava-se pelas coisas. Aquecia. Ao ver grandes arvores chorava: as arvores davam-me a impressão de me achar entre amigos a quem tudo se confia: sentia-me bom. Contava-lhe o que as pedras soffrem, o que as coisas soffrem. Liamos ou olhavamos as montanhas. Descobriam-se carreirinhos entre os pinheiros bravos: lenhadores rachavam arvores: um bom ho-



mem montado no seu burro partia; uma nuvem lilaz quasi a desfazer-se no ceu. Para onde? para onde? Onde iam dar todos os mysteriosos carreiros da floresta? Como quereríamos ser a nuvem, partir, seguir todos os caminhos por entre os pinheiros, ser lenhadores, o sa-loio, que lá vae no trote alegre do burro e que alguem n'um lar espera, as proprias arvores, a luz, a agua que corre, a chuva, o sol; desfazermo-nos nas coisas, ser com a mesma alma, a alma das montanhas e das her-vas humildes...

A casa tinha uma varanda de pedra e lá a encontra-va sempre, com o seu sorriso triste e o olhar doce e resignado. E' certo, amei-a, como por ventura tenho amado todas as creaturas que encontro na vida, tristes, humildes e cansadas... O amor em mim é tecido de pie-dade. Nunca as mulheres triumphaes me fizeram bater o coração como as pobres creaturas melancolicas, feias, arredadas, cujos sorrisos teem magoas e de quem os olhares são velados pelas lagrimas... Tenho vontade de as consolar e de as beijar. Será por humildade? Se-rá por egoísmo. porque me sinto, eu proprio, assim encolhido e doente, incapaz de beijar com soffreguidão labios rubros de vida e de saude, labios moços? Ou porque o amor que sabe a lagrimas me tenta?...

E' certo que a amei durante annos. As suas palavras raras e baixinhas, ditas, dir-se-hia, com medo de pou-sar, faziam-me triste; e a sua pallidez que os negros cabellos compridos emolduravam, dava-lhe o ar d'uma creatura que não pertencia á terra... A minha ima-ginação, aos vinte annos, arrastava-me para guerras, paizes ignorados, aventuras chimericas—e o seu amor, sempre egual, triste, causára-me por fim. Ophelia era



o unico obstaculo á minha partida. Um dia—e tu comprehendes-me, tu que por mil motivos futeis, que apenas acariciam a tua vaidade e o teu egoismo, tens pensado na morte de pessoas queridas — puz-me a meditar: —Se Ophelia morresse...

Eram tres horas. Estava um dia de primavera, com esta mesma luz clara e indifferente, de todos os bellos dias, as arvores cresciam, o sol era o frio, o negro sol que tem visto todos os crimes e todas as canduras da humanidade...

Cheguei a sua casa. Os servos choravam. Ophelia tinha morrido. A minha dôr foi igual a todas as dores. Com o mesmo desespero a acompanhei á côva, e todos louvaram a minha constancia e as minhas lagrimas.

Ella dissera:

—Lá o espero!...

E a Mãe contou-me:

— Eram tres horas da tarde....

Palavras, palavras!... Durante mais d'um anno a minha vida foi a vida banal de todas as creaturas. Os mesmos sorrisos, as mesmas affeições de convenção, as mesmas palavras e os mesmos sentimentos de mentira. Afivelei a mascara que a educação nos dá; affiz-me a sorrir quando tinha vontade de chorar, a estender a mão, se pensava em matar — e, como todo o mundo, diverti-me, ri-me, habituei-me a soffrer, a julgar verdades eternas tudo o que a Humanidade admira. Assim fui e Ophelia varrera-se-me para sempre da memoria. Dias depois da sua morte esquecera-a, como de certo se não lembram d'ella as arvores que a viram passar, ou as montanhas em que elle pousara os olhos tristes...



Um dia, porém, alguém me disse, n'uma conversa gelada, nulla, e banal:

—Eram tres horas da tarde...

E nunca mais na minha vida ouvi palavra de homem. Só esta phrase ficou a badalar no meu espirito: eram tres horas da tarde! eram tres horas da tarde!

Esta capitulação quase que na sua
totalidade se repeti em "O furo de pedis".
A mesma situação angustiosa do homem
que vê no monte da mulher a sua dile
libertação total.



Philosophias, systemas, tudo o que procura reduzir a Natureza e a Vida a uma mæchina lirta, tudo o que é gelado e vão—li tudo. Procurei com furia nas pa'avras e nas theorias encontrar o Nada consolador. A minha dôr era grande, mas o meu orgulho fazia augmental-a, estatalal-a, mostral-a. (E ainda hoje, vê tu, não sei bem se é a vaidade que me faz escrever estas ultimas linhas). Era absurdo. Fui eu por ventura que a matei? O meu desejo apenas, a quebra do meu amor, bastariam para anniquilar uma creatura? Ria-me desvairado. E como um sussurro, como um murmurio de Multidão que se approxima ameaçadora, assim se levantava na minha alma uma discussão de vozes. Nos meus sonhos mutilados e afflictivos era apontado por uma turba enlameada—e todos tinham as minhas feições — que me berava com rancor: — Foste tu! foste tu!

Por outro lado a Sciencia me dizia: Deus não existe: depois da vida—nada existe. A tua alma não se desprende do teu corpo, como um ai de magoa é filho da Dôr: a tua alma é um resultado de combinações chemicas: dès' que as moleculas de que tu és composto se desagreguem—a tua alma, os teus desejos, os teus pavores, para sempre desaparecerão...

Não é certo então que ao dar da meia noite, nos cemiterios, quando as cruzes de marmure e os cyprestes



se desfazem em pualha de luar, andem gemidos, mãos brancas, sudarios? Não é certo que eu tenha visto os meus mortos, aqui ao pé de mim, ao redor de mim, a soluçar? E que, n'uma noite de galopada furiosa, mãos se agarrassem ao meu manto alvadio, não me deixando fugir?...

Era uma noite gelada de inverno. Havia horas que, varrido o somno, o pavor me atirara de bruços sobre a mesa, de cabellos estacados. Que queres tu? que queres tu? pergunteime baixinho. Alguma coisa se ia passar: adivinhava-o.

Para fugir á solidão parti no cavallo a galope pela estrada. A lua parecia gelada, as arvores pareciam geladas. Havia brilhos de espadas na escuridão. Em baixo o rio, entre a renda fina das arvores, tinha parado e bebera todo o luar... Ha quanto tempo galopava, solto o manto alvadio? Ouvi risadas: alguém lavava, ao luar, ua noite gelada. Batiam palmas lá em baixo no rio, e o corcel, perdido de terror, galopava. Batiam palmas e riam... Os risos subiam, perseguiam-me, congelavam-se e partiam-se seccos e finos, sem piedade...

—Eram tres horas da tarde! eram tres horas da tarde! — disseram todas n'um clamor...

Mãos seguraram-me o manto alvadio. O cavallo galopava furioso e de cabellos em pé, na noite gelada de luar, ouvia as suas risadas, vi-as que se desfaziam em poeira de luar...

Outra vez, na hora desesperada do crepusculo, sentira-me cheio de amargura e lagrimas

No lilaz da tarde tudo se perdera: só deante de mim ficára um valle negro e deserto. Ao fundo do valle duas

figuras, muito minhas conhecidas, se tinham sentado na penedia: a Morte e a Desgraça. As duas comadres falavam baixinho e riam. Na outra extremidade do valle estava eu transido.

Havia luar e, ou do proprio luar ou de mim mesmo—eu não no sei distinguir—nasciam creaturas.

Nasciam e logo partiam pelo valle cheio de luar. Umam riam, outras choravam, faziam desesperados gestos, falavam só, e algumas, mesmo antes de chegar ao fim do valle, perdiam-se no luar desfeitas em soluços. Todas tinham as minhas feições, os meus gestos, e todas eram differentes, essas creaturas de que a Morte e a Desgraça riam. Como lagrimas assim eram eguaes e filhas da mesma dôr.

... Era uma creatura desvairada e pallida. Estava gasta e cansada de sonhar e de soffrer. Parecia que se decidia enfim a libertar-se, a procurar a Morte consoladora. Nas mãos levava, por ventura, uma pistola aperada, mas nos olhos lia-se-lhe um terror do mysterio, do Desconhecido...

Outra se despegava de mim proprio e partia, afflicta, desesperada de sonhar. Os seus olhos perdiam-se no vacuo. O sonho derrancara-lhe toda a energia, lizeira-lhe aborrecer a realidade e a vida. Ia cansada, tropega: os seus passos eram arrastados, as suas mãos agitavam-se...

Mais, muitas, a cada minuto, conforme as minhas idéas, se desprendiam do meu ser e partiam... Sorriam alheadas, umas tristes, outras hirtas; algumas encarnavam pensamentos de odio, outras de piedade. E raras, tenues, incompletas, eram alegres.



Ao fundo do valle, a Morte e a Desgraça, as duas comadres, viam-n'as passar e riam. Por vezes a Morte estendia a mão ferrea, para alguma das que passavam tristes marcadas pela Desgraça e logo ella, desvairada, fugia a soluçar de terror. E então a Morte e a Desgraça riam... E tambem acontecia que as raras creaturas que de mim se desprendiam, incarnando idéas alegres ou sentimentos de felicidade, se a Morte as tocava com a mão de aguia, passavam de cabeça alta, alheadas, com sorrisos na bocca... E a Morte ria e a Desgraça, sua comadre, ria.

A' medida que os pobres seres de mim nascidos partiam, eu perguntava-me: Porque será que são exactamente as creaturas que a desventura e o solfrimento produziu, os que mais medo têm á Morte, enquanto as outras, que nasceram da alegria, passam olhando-a cara a cara?...

E partiam: era então um sussurro no valle. Enchiam-n'ó. Umam eram incompletas, inacabadas, grotescas; havia-as hirtas como negros, espectros e dolorosas que faziam piedade. E no emtanto a Morte e a Desgraça, as duas comadres, riam...

Anoitece e a apparição lavada em lagrimas entra na minha alma... Eil-a! eil-a! Tudo é vão! berros, supplicas, exasperos. A Sciencia é van e dura, como uma pedra e a vida multipla e muito contradictoria, feita de lagrimas e de risos, para ser mettida dentro de theorias. Supprimir o Desconhecido, quando o sentimos, quando todas as almas têm fome e sede do Mysterio!

Nunca mais deixei de a vêr. A esta hora deseesperada do crepusculo, feita de luar, eil-a que me apparece.



Está mais pallida e nos seus olhos ha uma grande, uma estranha piedade. Dir-se-hia que os seus olhos absorveram outra vez todas as lagrimas que por mim chorou... Nada me diz: é muda: de forma que eu só vejo o vago tecido de luar de que é feita e os seus olhos... Espera!... A principio a Duvida pôz-se a rir dentro de mim com escarneo: foi como aquelle bebedo que anda aos tombos na rua, com vomitos, e teve vontade de lhe atirar lama e injurias. Mas o seu riso transformava-se, passava por todos os tons, até ser parecido com a respiração suffocada do terror.

Li todos os philosophos. Convenci-me a frio de que depois da morte só o Nada existe e no emtanto á hora melancholica do crepusculo Ophelia me apparecia de mãos estendidas e os olhos razos de lagrimas. Desvairado lhe disse: Que queres? Não acredito em ti, nem preciso da tua piedade. Não quero a tua piedade, ouviste!

Ri-me com escarneo, lancei-lhe vituperios: e as minhas palavras eram lama que atirasse á luz. Ophelia ficava sempre como o luar branco, soluço de piedade e de magoa materialisado... Era a esta hora incerta, a esta hora afflictiva e cheia de angustia do crepusculo, em que parece que as creaturas comprehendem o mysterio e em que tudo tem vozes—era a esta hora desesperada, que ella me apparecia sempre, melancholica e a soluçar.

Eu tinha no cerebro uma ferida. A sua piedade, as suas lagrimas exasperavam-me. Antes me perseguisse com odio, antes me apparecesse como uma visão vingadora!... Os seus olhos de piedade, o negro cabello que emmoldurava a sua clara figura, os braços que para mim se extendiam—haviam-me enraivado.



Era em Abril e toda a floresta parecia sonhar. As velhas arvores, os velhos troncos tinham gritos: estremeciam. O luar tecia, prendia os seus cabellos de prata nos galhos negros. Por vezes uma arvore parecia aureolada: outras dir-se-hia que, atraz dos troncos, em emboscadas, esperavam de espadas desembainhadas, para me matar. Havia vagas claridades suspensas nos ramos, cahidas como mantos — e todas as montanhas, extaticas sob o luar, fallavam baixinho. Noite de luar, noite de primavera! Oh os montes na callada, na voluptuosa noite pareciam seios a palpar!... O brazido do sol ferira troncos, que escorriam o seu ultimo sangue, já exhaustos, já moribundos. E o sussurro crescia, o sussurro augmentava. A Montanha era um enorme coração, que começasse a bater sob o luar mysterioso, que eu ouvia cahir como agua d'uma fonte... Andei, era a hora: lá no alto, ao pé da cruz, a esperei — pois que não tardaria que ella viesse, eu bem n'ó sabia.

Sob mim a pedra, a terra humida, estremeciam: todos os detrictos, o velho pó que havia sido outrora flôr, a cinza que fôra cerebro, a terra que se lembrava de ter



batido em coração—se haviam posto a falar, a agitar-se como milhões de pequeninas almas, e toda a Montanha tinha vida, gritava sob o luar a escorrer, prendendo-se em fios das arvores, desembainhando punhaes nas moitas...

E's tu que vens? és tu? Uma grande serenidade cahira sobre o meu coração, que nunca pulsára tão rythmico, tão forte, tão alto... Olhei-te: estavas atraz de mim, de mãos extendidas, mas na tua bocca, em todo o luar de que és feita, havia um sorriso extactico...

Ha que tempos, ha que tempos eu o esperava! Todo o meu rancor era remorso, todos os meus gritos, todas as minhas palavras vans, não exprimiam senão a pena de não te ter sabido amar, senão a certeza de que nunca me perdoarias,—de que eras feita de luar e eu de lama negra.

Extendi-te os braços, cahia a soluçar desfeito em lagrimas...

E' dia de entrudo hoje. Toda a vida é aborrecida e nulla. Só tu me restas. A vida é como aquelle bebado que anda aos tombos na lama e que me degrada, apesar de eu o não vêr... Espera! espera! Vou eu mesmo procurar-te: d'aqui a duas horas a pistola aperrada terá, enfim, por uma ligeira pressão de gatilho, para sempre unido á minha viúva a tua...



A MORTE CONSOLADORA

O' Morte libertadora, tu que acalmas todos os desesperos e, resolves todas as duvidas, aperta-me emfim nos teus ferreos braços, Morte! Estou cansado. Tenho de ha muito uma ferida no cerebro e o coração estoira-me de bater. Adivinho em ti a paz absojuta. Tudo o que me pôde acontecer de peor é procurar o Desconhecido e encontrar o Nada. Mas isso mesmo vale mais do que o tédio e a aborrecida, a nulla vida. Virei já do avesso todos os Sonhos, esgotei-os, fui tudo em imaginação e não n'ó fui na pratica fãlho d'energia. Imaginei ser Deus e imaginei ser Arvore. Estou farto de vêr o Sol e assisti já a varias Primaveras. Conheci Homens e Paizes. Faço trinta annos e a vida vae para mim—se não tenho a coragem de procurar-te—reduzir-se a um habito: adormecer com o mesmo sonho, cumprimentar com o mesmo frio sorriso, fingir que tenho affeições e admirar o que os outros admiram. Resignar-me. Perder o que em mim resta, como n'um lar que não tarda a apagar-se, de fogo.

Que posso eu ainda ser? Por ventura um aguerrido Soldado, de coração forte?... Mas já na dura Edade-Media, com ferros guerreiros escalei por surpresa, nas noites turvas, de unhas cravadas na penedia e respira-



ção oprimida, negros castellos no alto de montanhas a pique. Entrei em combates e d'um me lembro, em que os rudes campeões, defendendo o territorio, comungaram ao alvorecer com terra da sua patria, para assim significar que saberiam morrer por ella. D'outro sei que tinha um Amigo e ligados nos atirámos ao ardor da refrega, moriendo juntos, de mãos unidas e sorriso na bocca...

Dirigir povos? Ser Poeta? Ter a banal popularidade e forçar a admiração dos meus inimigos? Calcal-os aos pés, insultal-os, dizer-lhes com rancor:—Venci... —Mas tudo isso o sonhei já e mais, visto que creei e fui Deus.

Depois a epocha é banal. Cada um tem de reduzir o seu sonho, de o tornar mediocre e de se sujeitar, para vencer, a sorrir com a multidão ignara; de misturar o seu egoismo com todos os egoismos, e por ultimo, confesso-o, a minha energia consumi-a a tecer, os meus nervos estão gastos de architectar chimeras, o meu cerebro e o meu coração puidos de tantas coisas aquecerem... De forma que descer para a realidade é uma tortura, tão pequena e tão aborrecida a encontro.

A razão! só a razão fria, a razão gelada, é que elles admittem. E o sentimento porque não? Pois não é como se um homem se servisse apenas d'uma das mãos, tendo duas? Não será incompleto tudo quanto fizermos apenas com uma parte da nossa alma?

A razão não basta, a razão tem sido educada, arrasada, habituada a seguir a rotina, a andar pelo velho caminho arido e secco. A maravilhosa intuição é que por vezes nos vale para arrancarmos um pedaço ao Desconhecido...



Para quantas creaturas esta vida exterior, fíngida e nulla, não é apenas um trabalho de forçado, grilheta na imaginação? Quantos desgraçados nunca encontraram na vida nem o amor, nem a amizade e se refugiam no Sonho?

Conheci um Poeta pobre que em vez do Amor tinha de se contentar com as mulheres perdidas. A sua poesia era cheia de febre e de aspiração: as creaturas pallidas e sonhadoras, que passavam nos seus versos, pertenciam ao Céu—e, ás noites, elle amava as mulheres perdidas. Fazia-as soltar os cabellos, dizia-lhes palavras de paixão. Chorava verdadeiras lagrimas.

O estupor da vida que nos encharca a alma de chimeras, para as não podermos realisar; que nos dá a imaginação—e a vida pratica; que nos deixa sonhar, para depois nos atirar das estrellas á terra. E porque? para quê? Que crime commetti eu, Senhor, para que tu a cada momento me castigues, a cada instante me faças tropeçar e fazer parte do infinito e das ruas da cidade, da Via Lactea e da Multidão?...

Ha dias em que acordo não sei para quê. Vejo as mesmas caras, os mesmos corações, a mesma luz. Fugir se se for para a Morte, visto que não tenho forças para me refugiar n'um grande trabalho ou n'um grande Ideal que me absorva. Lá está no fim de tudo aninhada a vaidade, é certo — mas mais certo ainda é que eu não posso.

Resta-me isto: habituar-me á vida: habituar-me a ponto de não ouvir, de não ver, habituar-me até applaudir. Roçar-me pela vida pratica até ficar, ao seu contacto, identico a todos. Encher a alma de palavras, de



phrases aprendidas, de sentimentos falsos, de crenças usadas e banaes. Ser toda a gente. Sorrir ao que os outros sorriem, admirar o que elles admiram... E no entanto se me vejo assim, se me visiono d'aqui a annos assim—recôo de pavor... Alli está sobre a mesa a pistola aperrada. E melhor morrer, estoirar o cerebro, onde resta ainda um vestigio de sonho, do que acabar d'aqui a annos, esvasiado e grotesco como uma bexiga rôta...

E' certo, porém, que não é sem um sentimento de piedade por mim proprio e lagrimas que eu deixo a vida. Por duas vezes senti já o anel de ferro da pistola no craneo; por duas vezes o braço me cahiu cansado e inerte. Espera... Quem vivesse mais alguns annos a vêr... Talvez que este sentimento de aspiração seja um presagio. Poderás ainda realisar, vêr a chimerica felicidade. Depois me lembram agora por ventura apenas as coisas boas e simples que tive na vida: Um sorriso, primaveras, o encanto d'uma amisade longinqua...

Mas não te vês, não te sentes tu proprio aborrecido e vasio? Não é apenas o «Tedium vitae» dos antigos. Estás cansado, consumiste te, ardeste, sonhaste demais: nunca a tua vida poderá prolongar-se assim: resta-te entrares na vida pratica, seres nullo e banal—ou então morrer.

Morte, tu que os Homens tõem vestido de horror, bocca muda e enigmatica, olhos vasio como côvas. Morte consoladora—és tu afinal que me restas. Ha creaturas deshonradas — tu abres-lhes os braços. Libertas. Consolas de todas as amarguras. Eguales. Desgraçados

ou Reis beija-l'os com os mesmos labios gelados. A's
creaturas, a quem os nervos, por já não poderem mais,
estalam — tu abres-lhes os braços. Aos que se sentem
humilhados, arredados, opprimidos pela injustiça—tu
abres-lhes os braços. Aos Santos e aos Heroes—tu abres-
lhes os braços. Aos criminosos e aos parias—tu abres-
lhes os braços. Morte, Morte consoladora, abre-me, pois,
os teus ferreos braços.

1895.

Belo!

Lido, em 1927.

Atty.

Stimo!



ERRATAS

O livro tem muitos erros que o leitor, porém, facilmente poderá corrigir.



12/3/88

W. de Jorge Curry



INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Pa. inas
JANEIRO.....	11
ABRIL E MAIO.....	23
DIARIO.....	33

SEGUNDA PARTE

O PALHAÇO E O AMOR.....	85
-------------------------	----

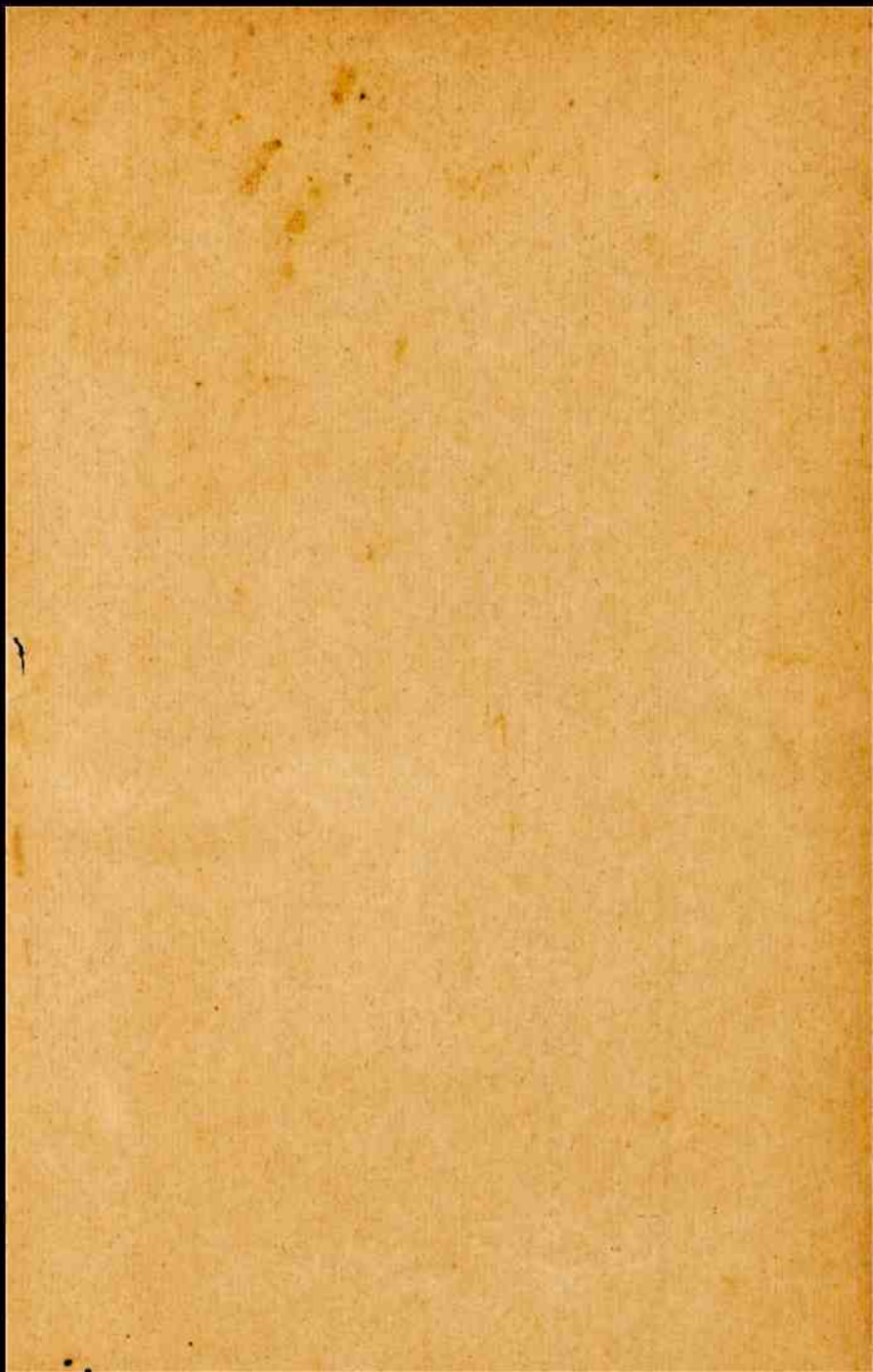
TERCEIRA PARTE

OS SEUS PAPEIS.....	137
A VOLUPTUOSIDADE E O AMOR.....	140
O MYSTERIO DA ARVORE.....	146
ESPERA !.....	152
A MORTE CONSOLADORA.....	167



Archiwale Paulo da Matta
Ad unum unum.
- 1927.
Pis
Janey









LIVRARIA
DE
ANTONIO MARIA PEREIRA
50-52. Rua Augusta. 52-54
LISBOA

